

**EVANGELIZAÇÃO: DESAFIOS EM TEMPOS DE MUDANÇAS**

**ANÁLISE PASTORAL DA EVANGELIZAÇÃO NOS ANOS 80 NA IGREJA  
METODISTA**

por

Marcos Antônio Garcia

Em cumprimento parcial das exigências de Pós-Graduação e  
Pesquisa para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Religião

Instituto Metodista de Ensino Superior  
São Bernardo do Campo, SP, Brasil  
1995

## BANCA EXAMINADORA

---

Presidente

---

1o. Examinador

---

2o. Examinador

GARCIA, Marcos Antonio, Evangelização: Desafios em tempos de mudanças. Análise Pastoral da Evangelização durante os anos 80 na Igreja Metodista. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior - IMS, 1995.

## SINOPSE

Os anos 80 são considerados sob o prisma econômico como a *década perdida*, diante do empobrecimento geral das classes populares e do descrédito para com as instituições políticas. Contrariamente, sob o prisma religioso ocorreu uma efervescência dos movimentos populares, como por exemplo, as Comunidades Eclesiais de Base e a organização de segmentos da Igreja em pastorais específicas, procurando sinalizar o Reino de Deus e sua Boa Nova ao homem e mulher, em meio aos conflitos sociais em que vivem. A Igreja Metodista está inserida neste contexto. Diante de tais questões é chamada a refletir sobre sua participação como igreja e seus resultados. Um dos temas discutidos no período é a questão da Evangelização, o conteúdo e a prática da ação da Igreja frente à missão de Deus. Em meio às mudanças que acontecem na sociedade, a Igreja experimenta uma nova forma de organização, mudando de *cargos e poder* para tornar-se uma comunidade missionária através do uso dos *Dons e Ministérios*. Com esta nova forma de ser a Igreja pretende uma ação evangelizadora comprometida e integral. Nossa dissertação tem como propósito conceituar o termo **Evangelização** usado na América Latina, desde sua chegada ao Brasil até o presente, sobretudo na visão da Igreja Metodista, expressa em seus documentos e no dia-a-dia relatada pelo Jornal *Expositor Cristão*. Visa também analisar a caminhada da Igreja frente a alguns dos maiores questionamentos de seus membros: resultados, crescimento numérico e compromisso. Nossa esperança está na compreensão da Evangelização como um sinal concreto do empenho da Igreja na Missão outorgada a nós por Deus e no compromisso efetivo do homem e da mulher dos nossos dias.

GARCIA, Marcos Antonio, *Evangelization: Challenges in times of changes. Pastoral analysis of evangelism during the 1980's in the Methodist Church. São Bernardo do Campo, Instituto Metodista de Ensino Superior - IMS, 1995.*

## ABSTRACT

Through the economic prism, the 1980's are considered to be lost decade, taking into consideration the general impoverishment of the popular classes and the loss of credibility of political institutions. On the contrary, through the religious prism an effervescence of popular religious movements occurred, such as, for example, the Base Ecumenical Communities and the organization of segments of the Church in pastoral movements, seeking to signal the Kingdom of God and its new, and Good, man and woman, in the midst of the social conflicts in which we live. The Methodist Church is encased in this context. In the face of such questions it is called to reflect upon its actions as a church and the results of these actions. One of the themes discussed in this period is the question of Evangelization, the content and the practice of the action of the church in the face of the mission of God. In the midst of the changes that happen in society the Church experiences a new form of organization, changing from charge and power in order to become a missionary community through the use of *Gifts and Ministries*. With this new form of being the Church aspires to an evangelism both integral and committed. This dissertation has as its purpose to conceptualize the term Evangelization as used in Latin America since its arrival in Brasil until the present, above all in the vision of the Methodist Church, expressed in its documents and in day to day life as related by the Journal "*O Expositor Cristão*". It also seeks to analyze the journey of the Church in the face of some of the crucial questions raised by its members: results, numerical growth and commitments. Our hope is in the understanding of Evangelization as a concrete signal of the performance of the Church in the Mission granted to us by God and in the effective commitments of men and women of our days.

## DEDICATÓRIA

Dedico a Ivana, mulher, amiga, companheira, que na cumplicidade da vida e do amor tem compartilhado das alegrias e desafios de uma vida a dois e de uma vida ministerial. A você, o meu amor e gratidão.

E a você Mateus, meu filho, que, desde o nascimento, trouxe para nossa casa a alegria da vida e tem nos ensinado uma melhor compreensão do significado do amor de um Deus como Pai e seu amor incondicional.

## GRATIDÃO

A Deus,

pelo seu amor e pela oportunidade de uma nova vida, chamado e vocação de acordo com os valores do seu Reino e Justiça.

À minha família,

A Paulo e Ilda, meus pais; a Paulo e Luciana meus irmãos; a Margarida e Estéfano, cunhados. Ao Sr. Luiz e Dona Florinda, meus sogros, pelo carinho com que me acolheram na família.

À Igreja Metodista,

Minha gratidão aos Bispos de nossa Igreja, que procuram na unidade e na diversidade encontrar caminhos para promover uma Igreja comprometida com sua tarefa evangelizadora.

À Faculdade de Teologia, minha gratidão aos Professores e Professoras, e companheiros de caminhada.

As oportunidades de compartilhar o aprendizado nos Cursos de Evangelista, Centro Teológico Regional, e tantos outros espaços de reflexão em nossa Igreja.

Ao Centro de Pós-Graduação do Instituto Metodista de Ensino Superior,

Às Igrejas Metodistas por onde passei, Betânia em Piracicaba, São Bernardo do Campo como membro, e Poá, Parque Santa Madalena

(Congregação da Moóca), Vinhedo, São Roque, Sorocaba, e tive o privilégio de servir como seminarista e pastor, a todas elas meu amor e gratidão. E à Igreja em Tucuruvi onde pastoreio atualmente.

A pessoas amigas,

Um número incontável de pessoas que participaram e participam da minha vida e ministério, homens e mulheres de oração, intercedendo, apoiando, acompanhando. Não daria para listar o nome de todas, apenas dizer que o Senhor conhece o nome de cada uma!

Gostaria de destacar, algumas pessoas importantes neste meu processo de crescimento pastoral e acadêmico,

Márcio de Moraes, que na Igreja Metodista em São Roque ajudou-me, oferecendo a visão de um leigo comprometido, oferecendo seu apoio a este pastor.

A Janidair, secretária do curso de Pós-Graduação, a você minha gratidão.

A Almira, bibliotecária, por toda a ajuda.

Ao Bispo Nelson Luiz Campos Leite, pelo apoio e oportunidades ao iniciar meu ministério pastoral,

Ao Revmo. Bispo Geoval Jacinto da Silva, que, desde os tempos da Faculdade de Teologia, teve paciência não somente para ser professor, mas amigo, orientador, influenciando profundamente minha vida e meu ministério pastoral. Soube ser amigo, professor, família, hoje orientador desta dissertação. Ao senhor minha gratidão, afeição, e carinho, por tudo.

Ao casal Rute e Francisco Possebom, pela disposição da leitura e correção desta dissertação, pelas críticas e comentários, pela ajuda dada!

Minha homenagem e gratidão

Ao Revmo. Bispo Scilla Franco e ao Revmo. Bispo Isac Alberto Rodrigues Aço, pela vida e ministério destes homens em favor da Igreja e do Reino de Deus.

Minha esperança,

Que a Igreja cumpra sua tarefa missionária!



## SUMÁRIO

<b>BANCA EXAMINADORA.....</b>	<b>2</b>
<b>SINOPSE.....</b>	<b>3</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>4</b>
<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>5</b>
<b>GRATIDÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>I. Os anos 70 - A década desenvolvimentista .....</b>	<b>12</b>
<b>II. Os anos 80 - a década perdida.....</b>	<b>14</b>
<b>III. Crise e os movimentos sociais nos anos 80 .....</b>	<b>16</b>
<b>IV. Anos 80 e Igreja - uma mudança de relações.....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>23</b>
<b>A EVANGELIZAÇÃO MUDOU? .....</b>	<b>23</b>
<b>I. O que entendemos por Evangelização? .....</b>	<b>26</b>
<b>II. A Evangelização no Brasil.....</b>	<b>31</b>
A. A presença do catolicismo.....	31
B. A presença do Protestantismo.....	33
C. A presença do Metodismo .....	34

III. Evangelização, o conceito na América Latina .....	48
IV. Evangelização e Cultura.....	62
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>74</b>
<b>DOCUMENTOS DA IGREJA METODISTA E SUAS ÊNFASES PASTORAIS</b>	<b>74</b>
I. Por que Evangelizar? .....	76
II. Wesley e a Igreja - Elementos da Autonomia .....	79
III. Dos Planos Quadrienais para o Plano para Vida e Missão da Igreja .....	84
IV. Colégio Episcopal e a Transição para o PVMI.....	90
V. Avaliação da Igreja pela Igreja .....	99
VI. O início do Projeto Dons e Ministérios .....	109
VII. XV Concílio.....	127
Dons e Ministérios - Comunidade Missionária a serviço do Povo. ....	127
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>137</b>
<b>O DIA-A-DIA DA IGREJA .....</b>	<b>137</b>
I. Nossa tarefa Evangelizadora.....	137
II. O Jornal Metodista Informa - 1980 - 1982.....	142
O Berço do Plano para Vida e Missão da Igreja .....	142
III. Tempo do Plano para Vida e Missão da Igreja .....	159
IV. Um novo Tempo: Dons e Ministérios .....	178
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>194</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>201</b>

## INTRODUÇÃO

Pensar na Evangelização nos anos 80 é refletir sobre as mudanças acontecidas numa Igreja conhecida por sua estrutura de "cargos e Poder" e que passa a viver e procura ser uma "comunidade missionária a serviço do povo".

Nessa década as mudanças marcam a busca de um compromisso maior do povo chamado Metodista com a temática da Evangelização e seu compromisso missionário.

Esse período é marcado por uma série de elementos importantes para a vida da Igreja Metodista, mudanças na estrutura, eleições para novos Bispos, e uma série de materiais produzidos, procurando vivenciar o Plano de Vida e Missão numa nova perspectiva.

Porém, a história da Igreja Metodista está ligada à história do nosso povo e suas mudanças, a ponto dos anos 80 serem considerados como a "década perdida".

Vamos procurar analisar a conjuntura dos anos 80, através de uma visão panorâmica, para compreendermos um pouco melhor algumas mudanças que ocorreram na própria vida da Igreja, como reflexo de problemas sociais, econômicos e políticos na sua caminhada.

Os anos 80 marcam um processo de mudança na conjuntura brasileira e latino-americana que redundou na crise dos anos 90. Contudo, abordar os anos 80 em uma visão pontual, ou seja, enfocando somente a década, não nos oferece uma compreensão do fenômeno conjuntural.

A conjuntura não é a análise de um determinado período, mas a compreensão desse período dentro de um processo histórico mais amplo. Dessa forma, para falar dos anos 80, devemos voltar brevemente aos anos 70.

### **I. OS ANOS 70 - A DÉCADA DESENVOLVIMENTISTA**

Os anos 70 representam para o Brasil, e para a América Latina, um período de grande desenvolvimento econômico e tecnológico. No ideário popular da época, o Brasil surge como nação em desenvolvimento, a caminho do "status" de nação desenvolvida. Contudo, esta situação é gerada a partir de uma conjuntura específica.

No mesmo período da economia mundial, acontece a crise do petróleo. A escassez do produto nos países ocidentais e a abundância nos países árabes, que formam uma organização para determinar o preço e o comércio do produto, Organização dos Países Exportadores de Petróleo - OPEP, geraram uma inversão de fluxo de capital. O dinheiro passou a sair dos países ocidentais, em especial dos países classificados como desenvolvidos, em direção aos países árabes.

Estes países defrontaram-se com uma grande massa monetária que deveria ser aplicada. Passaram então, a aplicar este dinheiro nos bancos norte-americanos, em especial. Estes bancos, com esta grande massa monetária, necessitaram fazer circular o dinheiro.

Surgiu então o período dos grandes empréstimos facilitados. Inicialmente estes empréstimos circulavam apenas nos países desenvolvidos, contudo, a procura ainda era inferior à oferta de capital que estes bancos ofereciam. A solução, então, foi fazer grandes empréstimos a países do terceiro mundo, em especial aos governos chamados estáveis (as ditaduras militares - Brasil, Chile, Argentina, etc.).

Para mensurar o que significou esta época basta ver que, no Brasil, no golpe militar de 1964, os militares assumiram o País com uma dívida de aproximadamente 3,2 bilhões de dólares. Quando terminou o regime militar, em 1985, essa dívida perfazia o total de 105 bilhões de dólares.<sup>1</sup>

Assim, o desenvolvimento da década de 70, movido por uma facilidade de conseguir dinheiro fora e permitindo a construção de grandes obras, da expansão do parque industrial e conseqüentemente o crescimento do nível de empregos e salários, foi conseguido por um endividamento enorme.

O problema foi que esse endividamento apresentava elementos que o classificariam como uma bomba-relógio que iria detonar nos anos 80. Algumas características foram<sup>2</sup>:

1. A taxa de juros flutuante, ou seja, não havia um juro preestabelecido. Um exemplo pode ser visto nos contratos firmados em 1976, que foram firmados em uma taxa de juros de 6,25%. Em 1981 a taxa destes contratos era de 21,5%.

---

<sup>1</sup>SCHILLING, Paulo R., et alii. Conversão da dívida e meio ambiente. São Paulo, Ed. CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação, 1991, p.13.

<sup>2</sup>Idem, p. 15-21.

2. Estes empréstimos foram contraídos por governos militares em contratos secretos, sem participação do congresso, e até hoje não estão à disposição do público. Isto significou um grande índice de corrupção e a construção de grandes obras que até hoje não foram concluídas, ou não apresentaram resultados concretos (Usina Nuclear de Angra dos Reis, Ferrovia do Aço, Tranzamazônica, etc.).

3. Os contratos possuíam taxa de segurança que chegava a 2% do valor da dívida. Esta taxa, a título de serviço das dívidas e de seguro, aumentou o endividamento em taxas absurdas dentro dos parâmetros das economias dos países de origem destes bancos.

Assim, a conjuntura dos anos 70, caracterizada pelo aumento do parque industrial, pelo aumento de emprego e do poder aquisitivo da classe média, formou-se em cima de uma estrutura que poderia ser comparada, como o fizemos acima, a uma bomba-relógio que detonaria nos anos 80.

## **II. OS ANOS 80 - A DÉCADA PERDIDA**

Os anos 80 significaram a inversão da situação da década anterior. Era o momento de começar a pagar a dívida. A conjuntura internacional era outra. Os Estados Unidos passaram a viver um período tumultuado economicamente. Em 1984 os Estados Unidos passaram de maior credor externo para maior devedor<sup>3</sup>. O capital estrangeiro, em especial do Japão, começou a entrar nos EUA.

As instituições bancárias começaram a passar sérias crises. Isto e outros elementos, entre eles a impossibilidade dos países de terceiro mundo

honrarem contratos que, segundo economistas norte-americanos<sup>4</sup>, eram impagáveis pelas suas cláusulas de juros, determinaram o aumento das taxas de juros das dívidas externas dos países do terceiro mundo e o aumento da taxa de serviço.

Para capitalizar dólares para o pagamento da dívida, os países foram obrigados a criar uma política de produção para exportação. Assim, nos anos 80, o Brasil produziu para pagar juros e o serviço da dívida externa.

Nesse período, o Brasil alcançou grande superávit na balança comercial. Contudo esse superávit não era investido na economia brasileira e sim usado para pagar a dívida, conforme encontramos em Paulo Shilling:

Considerando o período de 1980 a 1987, a situação modificou-se para pior: o Brasil pagou 121 bilhões de dólares de "serviço da dívida", 82 bilhões somente de juros. No entanto, a dívida cresceu de 64,2 bilhões, em 1980, para 121,3 bilhões de dólares em 1987. Em 1988, comprovando um enorme potencial de sua economia e o brutal arrocho aplicado sobre o consumo popular, o Brasil conseguiu o terceiro maior saldo comercial do mundo, somente inferior ao do Japão e da Alemanha Ocidental. Um saldo superior a 19 bilhões de dólares. Esse resultado, conseguido com enormes sacrifícios, não beneficiou em absoluto o processo de desenvolvimento, nem contribuiu para melhorar o péssimo nível de vida de dois terços da população. Quase 90% do saldo conseguido - 17 bilhões de dólares - foi destinado ao pagamento de "serviços" da dívida externa e à remessa de lucros.<sup>5</sup>

Neste processo, um outro fenômeno aconteceu para complicar ainda mais a situação dos países devedores. Com a necessidade de exportações

---

<sup>3</sup>SCHILLING, Paulo R. *Mercosul - integração ou dominação*, São Paulo. Ed. CEDI, 1992. p.81-85.

<sup>4</sup>Idem. Um exemplo claro disso foi dado pelo economista Paul A. Samuelson, que aplicou a lógica dos juros compostos no processo de compra da ilha de Manhattan pelos americanos. Eles pagaram aos índios 24 dólares. Esse dinheiro aplicado a juros compostos desde a compra até a década de 80 seria suficiente para comprar não só a ilha, como também todos os edifícios e casas que foram construídas nela e ainda assim sobraria muito dinheiro.

maciças para capitalizar dólares, o preço das mercadorias, pelo excesso de oferta, desvalorizou em até 14,5% durante a década. Isto é o que se chama de deterioração em termos de intercâmbio comercial. Isto significou para o Brasil perdas de cerca de 41 bilhões de dólares.

Todo este quadro econômico gerou uma modificação intensa nos processos sociais.

### **III. CRISE E OS MOVIMENTOS SOCIAIS NOS ANOS 80**

Enquanto nos anos 70, a característica maior era uma euforia nacionalista muito grande e uma falta total de liberdade de expressão política, fruto de uma repressão intensa, nos anos 80 este quadro mudou radicalmente.

A pauperização da população, a perda do poder aquisitivo dos salários, o arrocho salarial e as políticas econômicas recessivas, com conseqüente perda de emprego, forjaram a base para movimentos populares de reivindicação de direitos.

A partir dos metalúrgicos em suas campanhas salariais de 79 e 80, diversos outros grupos se formaram reivindicando direitos básicos de salários justos, moradia, terra, etc.

Deste modo, se os anos 80 na economia foram anos perdidos, para os movimentos sociais foram anos de ouro. Todo o Brasil foi marcado por organizações populares de trabalhadores, sem-terra, trabalhadores do campo, da cidade, etc. Isto determinou uma nova relação entre a população e o governo .

---

<sup>5</sup>SCHILLING, Paulo R. Dívida externa, fuga de capitais e custos sociais, São Paulo.Ed. CEDI, 1990. p. 15



Marcou também o fim da ditadura militar, que perdeu a capacidade de sustentar a mesma conjuntura. Contudo, os governos civis que se seguiram ao governo militar não mudaram a política econômica e nem a política dos direitos civis.

Assim, toda a década foi marcada por uma situação de crise institucional, onde o Governo não encontrava credibilidade e estava constantemente em conflito com os movimentos populares.

#### **IV. ANOS 80 E IGREJA - UMA MUDANÇA DE RELAÇÕES**

Até o final dos anos 70, as Igrejas caracterizadas por um discurso apolítico tinham uma relação de parceria com o governo. Em alguns casos, esta parceria chegou ao limite de justificar a repressão e a tortura imposta pelo governo militar às vozes dissidentes. Foi um período de intervenções nas escolas teológicas mais progressistas, como por exemplo o Seminário Teológico de Campinas (Presbiterianos) e a Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.

Os anos 80, a emergência dos movimentos populares levou a uma mudança no perfil das Igrejas. Isso porque diversos participantes dos movimentos populares eram também participantes das Igrejas.

Houve a necessidade de repensar temas como fé e política, Igreja e movimentos populares, e o clássico tema: Igreja e Estado.

Surgiram nesse período as comunidades eclesiais de base (CEB), expressão do que designou-se nessa época de "nova forma de ser Igreja". Isso significava uma preocupação eclesiológica onde a crise e os movimentos populares questionavam o papel da Igreja.

No catolicismo romano foi o período de fortalecimento da chamada "igreja progressista". A Teologia da Libertação era a resposta de fé a essa situação. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tinha um perfil eminentemente progressista.

As pastorais operárias, comissões de pastorais da terra e outras expressões de organização da Igreja, apontavam para uma nova parceria entre igreja (pelo menos seus setores progressistas) e os movimentos populares.

No protestantismo foi também um período de repensar a eclesiologia e uma resposta de fé àquele momento. Deve-se destacar que, embora de um caráter eminentemente comunitário, o que facilitaria respostas a essa nova concepção de Igreja que surgia, o protestantismo não encontrou uma resposta própria para aquele momento.

Contudo, encontramos no pensamento protestante uma contribuição marcante de teólogos como, Ruben Alves, Julio de Sant'Ana, Richard Shaull, assim como o ISAL (Igreja e Sociedade para América Latina).

Sendo assim, se não houve uma resposta organizativa, foi o período de expressões de uma fé comunitária nos documentos oficiais da vida da Igreja.

Um exemplo disto foi o Plano para Vida e Missão da Igreja. Os anos 80 foram marcados por debates em torno dele, o qual buscava apontar as características proféticas de uma Igreja compromissada com sua realidade e contexto diante de sua tarefa missionária.

Deste modo, em um balanço dos anos 80, poderíamos apontar como uma década de grandes mudanças econômicas, governo e Igrejas. As duas

grandes características dessa década foram a crise econômica e a efervescência dos movimentos populares. Em torno destes dois eixos a conjuntura se constituiu.

Os anos 80 acabaram por se apresentar como um período propício para a fermentação de um novo modelo de Igreja.

As comemorações do Centenário da Libertação da Escravatura fomentaram a discussão da Consciência Negra. Houve também o "Movimento das Diretas Já", onde não somente a Igreja se manifesta, mas é parte integrante da União Brasileira da Juventude Evangélica - UBRAJE. Posteriormente tivemos a própria eleição para Presidente da República. A discussão da Constituinte, entre outros valores, movimentou a vida da Igreja e a reflexão sobre teologia e política.

Nossa dissertação tem como propósito, a partir do primeiro capítulo, encontrar definições para o termo Evangelização, na América Latina, no Brasil, através da própria História, abordando os principais conceitos sobre ele.

O estudo do termo abrange a chegada dos missionários católicos no descobrimento do Brasil e a evangelização indígena, a chegada dos protestantes e a evangelização dos católicos romanos, e mesmo em nossos dias a presença dos pentecostais entendendo a necessidade de evangelizar os chamados por eles de tradicionais, sempre numa perspectiva de uma evangelização de substituição.

Entendemos que tão dinâmico quanto a missão da Igreja, o termo Evangelização não pode se resumir em uma única expressão, mas na

conjuntura e no contexto de toda ação Missionária da Igreja em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.

O segundo capítulo está ligado à pesquisa da concepção da Igreja Metodista sobre a tarefa evangelizadora. A Palavra da Igreja expressa a riqueza dos nossos materiais produzidos para a vida da mesma.

Desde os Planos Quadrienais (1974 e 1978), posteriormente o Plano para Vida e Missão da Igreja(1980), e hoje na concepção de uma Igreja de Dons e Ministérios, é fundamental a compreensão da riqueza literária que temos. E lamentavelmente, muitas vezes isto não chega ao "povo da igreja", em outras palavras, às igrejas locais.

Nesta caminhada procuramos destacar o amadurecimento da Igreja na busca do crescimento, através da Evangelização como ação missionária na Igreja.

Contribuições importantes têm sido dadas nesta área, como por exemplo a dissertação de Odilon Massolar Chaves, sobre a história da Evangelização no Brasil, pelo Centro de Pós-Graduação do IMS (1985); e Clovis Pinto Castro, que escreve sobre Igreja Metodista, Ação Pedagógica do Colégio Episcopal na implantação de um novo Modelo de Igreja organizada em Dons e Ministérios(1992)<sup>6</sup>.

Creemos que, se a Igreja organizasse sua Biblioteca de Vida e Missão, ficaríamos surpresos com a riqueza do material produzido, que escondido aqui e ali nos apontaria para o fim de críticas de que a nossa Igreja não tem uma "identidade".

O terceiro capítulo desenvolve-se especialmente através da pesquisa no Expositor Cristão o jornal Metodista nos anos 80, aspectos da vida da igreja, o seu dia-a-dia, suas reações frente aos documentos da Igreja, e o relato de como ela deve ser e especialmente a dificuldade de compreender o "não crescimento" numérico da Igreja.

Este capítulo traz notícias que mostraram a tendência das Igrejas em expressar os acontecimentos locais, como por exemplo nas colunas "aconteceu", bem como ser informada das posturas da Igreja na sua participação na Constituinte, nas Diretas Já, etc.

Em outras colunas daquele jornal, encontramos artigos manifestando a posição da Igreja sobre questões sociais, missão entre os índios, e a própria Palavra dos Bispos.

Entre as fontes disponíveis, como por exemplo Voz Missionária (revista editada pela Federação de Mulheres); Boletins Episcopais Regionais; optamos pelo Expositor Cristão, uma vez que naquela época tinha uma tiragem representativa e uma circulação nacional.

Esta dissertação nasce de uma inquietação pessoal, a respeito da história do movimento de evangelização e o crescimento de nossa Igreja. A pesquisa é feita no capítulo primeiro, em vários autores, com até mesmo tendências e realidades diferentes, procurando nos ajudar a compreender o que é Evangelização. Nossa intenção está em fazer uma reflexão sobre o conceito de evangelização da Igreja Metodista (estrutura e documentos) e o que acontece na igreja (dia- a- dia da comunidade local).

---

<sup>6</sup>Obras citadas em nossa Bibliografia.

Porém, entendemos que não existe Evangelização fora da missão, assim, a pesquisa foi feita nos documentos da Igreja, desde as Atas dos Concílios Gerais (1978,1982,1987,1991), como documentos preparatórios para os Concílios Gerais por parte do Conselho Geral, onde tomaríamos conhecimento das avaliações da Igreja Metodista, e quantas vezes a dificuldade da Igreja em reconhecer o seu não crescimento, ou em alguns momentos seu lento crescimento.

Se por um lado surgem questionamentos de que a Evangelização nada tem a ver com o crescimento numérico da Igreja, por outro lado, certamente este tem sido um dos maiores clamores do povo das igrejas locais.

Esperamos que nossa dissertação possa encorajar uma reflexão mais profunda, por parte de clérigos e leigos, sobre o futuro da Igreja Metodista, sua concepção e compromisso evangelizador, acima de tudo na promoção da salvação integral e total do ser humano, e no restituir-lhe a dignidade humana perdida no paraíso e restaurada no "novo Adão", nosso Senhor, Jesus Cristo.

## CAPÍTULO 1 A EVANGELIZAÇÃO MUDOU?

Como definir o termo Evangelização? Esta pergunta está ligada sem dúvida alguma a questões históricas e geográficas. No sentido histórico existe uma história ligada ao termo evangelizar, desde a ação de Deus como um Deus missionário até o ministério de Jesus e da Igreja nascente até os nossos dias.

Também há um sentido geográfico, no conceito de missão, onde evangelizar foi implantar uma nova cultura e uma nova religião para um povo, sem levar em consideração suas raízes, sua cultura, sua maneira de ser e existir.

O objetivo deste nosso primeiro capítulo está em encontrar propostas que definam a Evangelização para nós como Igreja hoje. O termo é cercado pela sua própria história.

Evangelizar é a prática da ordem maior dada por Jesus aos seus discípulos na Grande Comissão. E através da História, a Igreja até os nossos dias vem procurando compreender e praticar esta ordem!

Cabe a nós, neste momento onde se faz uma profunda reflexão sobre a Evangelização, a questão da Evangelização e cultura, e o papel da

Evangelização na pastoral urbana e nas pastorais ligadas às questões das minorias, encontrar elementos que definam o termo e nossa pastoral evangelizadora como Igreja Metodista.

Ao longo deste capítulo estaremos procurando definir a Evangelização através da História Bíblica, sua presença no Brasil, na América Latina e sua influência para nós hoje.

Não temos a pretensão de esgotar o assunto, uma vez que este termo é tão dinâmico como a própria Missão dada por Jesus a nós e sua Igreja. Assim, esperamos que os elementos apontados neste primeiro capítulo sirvam de base para nossos estudos sobre a Evangelização nos anos 80 na Igreja Metodista.

Nossa proposta gira em torno dos seguintes pontos: I - O que entendemos por Evangelização? II - A Evangelização no Brasil. III - Evangelização - o conceito na América Latina. E, finalmente, IV - Evangelização e Cultura.

Através destes pontos, nossa intenção está em oferecer subsídios para a própria compreensão do termo e prática e a importância dele para a história do nosso povo, da nossa Igreja, e particularmente da Igreja Metodista.

Lembramos que a Igreja Metodista através do seu Plano para Vida e Missão da Igreja - PVMI conceitua a Evangelização da seguinte forma:

A evangelização, como parte da missão, é encarnar o amor divino nas formas mais diversas da realidade humana para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor, Salvador, Libertador e Reconciliador. A Evangelização sinaliza e comunica o amor de



Deus na vida humana e na sociedade através da adoração, proclamação, testemunho e serviço.<sup>1</sup>

Esta compreensão e conceito da Evangelização tem norteado os princípios missionários da Igreja Metodista. A perspectiva de uma Evangelização comprometida e encarnada é fundamental para entender o que significa esta missão para a Igreja hoje.

Para nós, Evangelização é o ato de anunciar o Evangelho de Jesus como Boa Nova que traz vida e libertação de todas as forças que produzem a morte.

A Evangelização acontece na compreensão e anúncio do Deus Trino, Pai, Filho e Espírito Santo, como ação profética de anúncio e denúncia no contexto do homem e mulher dos nossos dias, carentes da Graça Salvadora de Deus.

Evangelizar é entender a função de resgatar a dignidade humana perdida no Paraíso, e aproximar o homem e a mulher a um Deus reconciliador e perdoador como verdadeiro doador da Vida e, nas palavras de João, "vida abundante".

A Evangelização é um processo de transformação na vida do indivíduo a partir do momento que ele tem um contato com as Boas Novas de Salvação em Cristo. Evangelizar é trazer a salvação para o homem e a mulher atuais.

Finalmente, em nosso conceito, a Evangelização é tarefa de toda a Igreja e não só de um grupo ou do pastor ou da pastora. A Evangelização deve

---

<sup>1</sup>Concílio Geral da Igreja Metodista, XIII, *Plano para Vida e Missão da Igreja*. Piracicaba, Ed. UNIMEP, 1982. p.28.

promover a unidade e o bem-estar do homem e mulher consigo mesmo, com Deus e com seu próximo.

Cabe a nós a disposição para aprofundar e discutir este termo, confrontando assim a prática da Igreja e seus reflexos para nossos dias.

### **I. O QUE ENTENDEMOS POR EVANGELIZAÇÃO?**

Pensar em Evangelização é sempre um desafio para a Igreja e sua missão. A dificuldade está muitas vezes em encontrar definição para o termo Evangelização.

Neste primeiro momento vamos tentar encontrar nos diversos autores e estudiosos da área subsídios para definirmos o termo Evangelização, sua prática e desafios.

Inicialmente, para Orlando Costas, a Evangelização tem como ponto de partida Deus:

A Evangelização tem como seu ponto de partida Deus, e é sustentada por Deus. Por esta razão, a Evangelização não pode ser concebida como uma faceta da atividade da Igreja, senão como seu centro de vida, e por conseguinte, como uma expressão viva da teologia..."A Evangelização se fundamenta, não só em um texto isolado, senão no significado total da fé cristã mesma, fé em Deus Pai, no Filho e no Espírito Santo".<sup>2</sup>

Entendemos ser o ponto de partida da Evangelização o movimento missionário de Deus, no sentido daquele que vocaciona e envia. Para respondermos ao amor e chamamento de Deus é necessária a nossa compreensão da Revelação de Deus aos homens e mulheres dos nossos dias

---

<sup>2</sup> COSTAS, Orlando. *Hacia Una Teologia e La Evangelizacion*. Buneos Aires, Ed. La Aurora, 1973 p.12.

e, conseqüentemente, nosso compromisso com a tarefa evangelizadora, como prática da missão.

A Evangelização não é um capítulo isolado, como vimos acima, no campo da Teologia. Ela depende da Teologia para seu funcionamento. Sendo assim, o próprio Orlando Costas afirma que "a tarefa da teologia é de entender essa mensagem, deduz-se que não pode haver uma verdadeira Evangelização sem uma santa teologia".<sup>3</sup>

O que esperamos então da Evangelização, diante deste contexto do ponto de partida ser Deus? Ele chama e vocaciona Abraão, Moisés, Jonas e tantos outros para sair e proclamar uma mensagem! A mensagem do Amor salvador dEle, como criador e sustentador de todas as coisas.

Encontramos como ponto de partida da Evangelização o chamamento da Grande Comissão, onde Cristo, após concluir seu ministério terreno, afirma aos seus discípulos, "toda autoridade me foi dada no céu e na terra... ide...fazei discípulos" (Mt 28.18-20).

A instalação de Jesus em Sua Soberania e a proclamação necessariamente resultante deste ponto é, assim, escatologia cumprida, tornada história. Com a Páscoa começou uma nova era, bem como a entronização de novo governador do mundo e sua proclamação entre as Nações. Missão é a convocação da Soberania de Cristo.<sup>4</sup>

A missão acontece quando nós conseguimos ouvir o chamado de Cristo e cumprimos este comissionamento. A salvação foi prometida a Israel, e

---

<sup>3</sup>Hacia una Teologia...p.15

<sup>4</sup>BLAUW, J. *A natureza missionária da Igreja*. São Paulo, Ed. Aste, 1966, p.84.

consolidada em Cristo, e estendida a nós hoje como sinal da sua Graça e Misericórdia.

Em algumas situações, encontramos na prática da Igreja uma Evangelização que nasce dos "interesses" do grupo, mais da necessidade de preservação do grupo, ou tentativa de crescimento para manutenção, do que de fato uma Evangelização que mostre o amor de Deus de uma forma criativa e produza sem dúvida alguma vida no sentido amplo da Palavra.

O desafio está em encontrar uma Evangelização capaz de ser transformadora, em seu espaço de atuação.

Em seu livro *Evangelização Contextual*, Orlando Costas enfatiza o fato da Evangelização ser uma ação transformadora.

E isto, é claro, pressupondo a Evangelização ser a transmissão das Boas Novas de Jesus, que traz vida e luz ao mundo, como possibilidade do ser humano resgatar a dignidade perdida no Paraíso. Assim, a Evangelização sem dúvida alguma tem uma ação transformadora.

Assim, define o autor:

Não é só um conceito e sim uma obra dinâmica que se encarna na vida e atividade salvadora de Jesus Cristo. Assim, não podemos reduzir a uma fórmula verbal. Evangelizar é reproduzir, pelo poder do Espírito Santo, a salvação revelada em Jesus Cristo. Essa reprodução se efetua pelos testemunhos e sinais que apontam para a obra transformadora do Reino de Deus encarnado por Jesus Cristo, antecipado na experiência de seu Espírito e escatologicamente consumado na nova criação.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>COSTAS,O. *Evangelización Contextual, Fundamentos teológicos y pastorales*.San José Costa Rica,,Ed. SEBILA, 1986, p.92

Assim, a tarefa de Evangelização pertence à Igreja e não somente a uns poucos crentes isolados da comunidade como um todo.<sup>6</sup>

A Evangelização é uma tarefa constante de toda a Igreja, de sinalizar o Reino de Deus, através de seu testemunho, nas oportunidades propostas pelo próprio contexto em que a Igreja está inserida.

Esta visão transformadora da vida, dos segmentos, do ser humano integral, é que deve estar presente no modelo evangelizador da Igreja, e não somente em aspectos limitados, de uma Evangelização, como citamos acima, interesseira e limitada ao momento e à necessidade do grupo. Ou seja, uma Evangelização que está mais preocupada em transmitir os "valores" da Igreja, que propriamente do Reino de Deus, e o chamado e envio proposto por Jesus na Grande Comissão.

Orlando Costas destaca alguns aspectos importantes da mensagem de Jesus Cristo (Mt 2.18-20):

- a. A passagem tem um caráter Universal.
- b. Existe a obrigação de Ensinar.
- c. Os apóstolos interpretam esta comissão, ensinam os novos discípulos, tornando a Evangelização tarefa de todos.
- d. A promessa do Espírito Santo é dada como preparação para a proclamação.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>*Evangelización Contextual...p.92*

<sup>7</sup>*Hacia una teología...* p.45 a 53. Neste capítulo o autor procura fazer uma exegese da Grande Comissão, como sinal preparatório do Ide de Jesus para as comunidades que precisavam sair para Evangelizar. Destacamos em nosso texto apenas aspectos principais do capítulo.

Estes elementos nos ajudam a refletir sobre nossa realização como vida da Igreja e Comunidade de fé, da qual temos feito parte, como povo de Deus.

A obra é de Deus, a missão é de Deus, confiada a nós como pessoas individuais, mas também a sua Igreja, como proclamadora das Boas Novas a toda criatura.

É importante não haver um estreitamento da visão missionária e evangelizadora da Igreja. Em algumas situações encontramos pessoas preocupadas em preparar outros para missões transculturais, enquanto se esquecem de desenvolver o Ide de Jesus, na sua própria vizinhança.

Qual a garantia que temos? Uma só, a certeza de que Deus está conosco, sua promessa é que estaria conosco até o final do mundo! E neste sentimento e garantia é que podemos pensar em fazer e viver uma Evangelização comprometida com os valores do Reino de Deus em nosso mundo.

A Evangelização sem dúvida alguma passa pelo comissionamento de Jesus a todos aqueles que respondem ao seu chamado. Que aceitam as condições da Cruz e os desafios da missão.

Encontramos em Karl Barth sua definição para Evangelização:

...com suas ênfases sobre a absoluta soberania de Deus, e do poder soberano da Palavra de Deus, aquela Palavra que foi dita " Haja luz e houve luz", porque Deus o disse; aquela Palavra que chama a ser o que não era e passa a ser, porque Deus o disse; uma verdadeira norma para a Evangelização... na Evangelização não importa a apologética, nem a estratégia, nem a beleza da forma de expor a mensagem. O que importa é a

proclamação soberana de uma palavra de autoridade, "palavra de Deus tem poder", está dito no Antigo Testamento.<sup>8</sup>

Para Barth, a visão da Evangelização passa pela ação de Deus, e força de seu Espírito Santo.

Consideramos porém, aqui, que ao longo da História e das mudanças ocorridas, são fundamentais a vivência e a fé no poder de Deus, mas é fundamental, também, definir estratégias e preparar pessoas e Igreja para o cumprimento da missão.

## **II. A EVANGELIZAÇÃO NO BRASIL**

### **A. A presença do catolicismo**

Como historicamente temos entendido a Evangelização no Brasil, para definirmos este termo hoje, precisamos refletir ao longo de 500 anos, desde o berço desta atividade em nosso País.

Em primeiro lugar, a Evangelização feita pelos padres jesuítas é uma Evangelização "guerreira".

O Rei de Portugal D. João III escreveu ao primeiro governador do Brasil, Tomé de Souza: " A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa santa fé católica".<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>*Hacia una Teologia...* p.89. Neste texto Orlando Costas cita o pensamento de Karl Barth, sendo que a leitura do texto como um todo é sugerida por nós pelo preciosismo do conteúdo.

<sup>9</sup>SEGNA, E.V. *Análise crítica do Catolicismo no Brasil*, e perspectivas para uma pastoral de libertação. Petrópolis, Ed. Vozes, p.15.

A presença do Catolicismo no Brasil foi uma Evangelização a partir da imposição, como uma verdadeira "guerra santa". Entendia-se estar fazendo o melhor pelos índios brasileiros.

O povo português é o povo eleito por Deus para transformar o mundo no Reino de Deus. Rei, soldados e aventureiros e missionários estão unidos na grande missão. "Os outros cristãos têm obrigação de crer na fé: os portugueses têm obrigação de crer e de a propagar".<sup>10</sup>

A visão da ação missionária católica é vista em pelo menos quatro movimentos dentro da colonização portuguesa:

(...)O primeiro movimento acompanhou a conquista e a ocupação do litoral brasileiro, não somente da "costa do pau-brasil", mas sobretudo da zona da mata dedicada ao cultivo do açúcar. (.)O segundo movimento é condicionado pela ocupação do vasto interior brasileiro (o sertão), que foi efetuada através dos rios...(.) O terceiro movimento é maranhense, não brasileiro, no rigor da palavra, pois os portugueses consideraram o Maranhão como um estado distinto do estado do Brasil... (.) O quarto movimento missionário não pertence à Igreja como instituição clerical, mas ao povo português como povo missionário. O catolicismo mineiro é fruto de missão leiga...<sup>11</sup>

Dentro desta perspectiva a presença da Evangelização católica romana no Brasil é feita sempre através da imposição, mesmo depois no período colonial, entre os índios e os negros.

Podemos concluir que a característica do catolicismo no período da conquista é a *imposição*. O padre Anchieta escreveu que "para esse gênero não há melhor pregação do que a espada e a vara de ferro". A idéia é que precisava dominar para converter.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup>Análise crítica do... p.15.

<sup>11</sup>Hauck, João F. & Hoornaert, *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1979, Tomo 2, p.42

<sup>12</sup>Análise crítica do... p.17.



Esta perspectiva marca a chegada portuguesa no Brasil, e sua pedagogia acaba gerando um contra-senso na Evangelização:

Já insistimos muito na afirmação que o propósito missionário não combina com o projeto colonial, pois ele tem uma originalidade que vem de Deus e os homens só chegam a compreendê-la após a sua conversão a uma maneira totalmente nova de entender a vida. Os homens formam suas "totalidades" fechadas, isto é, só entendem as coisas de seu próprio ponto de vista: o da totalidade. Desta forma, o projeto colonizador forma duas "totalidades": a dos colonizadores ou vencedores, que se constitui em cultura central, e a dos colonizados ou vencidos, que se constitui em cultura periférica ou "popular" como se diz hoje... O projeto evangelizador não pode aceitar este estado de coisas, ele não se identifica nem com a totalidade colonizadora e não pode aceitar aliança com ela, nem com a colonizada, pois esta significa a aceitação da não fraternidade entre os homens.<sup>13</sup>

A presença da Evangelização católica instala-se no Brasil pela força e pela imposição como uma maneira de ditar para os índios e posteriormente para os negros uma nova maneira de crer e um novo "deus" a ser adorado. Contudo, sem compreensão, a não ser o fato de resguardar a própria vida.

### **B. A presença do Protestantismo**

O protestantismo chega ao Brasil por volta da segunda metade do século XIX: "Foi bem aceito em pouco tempo, pois um dos fatores negativos fora o padroado no Brasil"<sup>14</sup> e a fraqueza do catolicismo romano, facilitando a sua implantação.

Entre os elementos positivos que favoreceram a presença protestante no país estava o fato de oferecer a "Bíblia" ao povo, e a possibilidade do "sacerdócio de todos os crentes".

---

<sup>13</sup>*História da Igreja...* p.125.

A formação das primeiras comunidades protestantes no Brasil imperial está relacionada com a entrada de imigrantes e, portanto, com as necessidades sócio-econômicas do império nos seus primeiros anos. ... A imigração alemã é que trouxe ao Brasil o maior número de protestantes, abrangeu umas 4.800 pessoas até 1830...<sup>15</sup>

Com as dificuldades da revolução liberal na Alemanha, outros passaram a vir ao Brasil, não só agricultores e artesãos como no início, mas também intelectuais que contribuíram para divulgação do protestantismo no Brasil.

As missões protestantes no País começaram em 1835, quando a Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos, encarregou o jovem ministro Fountain E. Pitts de uma viagem à América do Sul, para verificar a possibilidade de um trabalho missionário.... Animada pelos relatórios de Pitts, a Conferência não tardou a encomendar a Justin R. Spaulding um trabalho permanente no Rio.<sup>16</sup>

O protestantismo na primeira fase de sua chegada ao Brasil teve liberdade de divulgar especialmente a Bíblia, e apresentar um conceito de maior esclarecimento frente à América Latina.<sup>17</sup>

### **C. A presença do Metodismo**

Não foi diferente a chegada do Metodismo no Brasil, em termos de conflitos, porém marcados mais pelas questões dos preconceitos religiosos do que mesmo pela "imposição" de uma nova fórmula religiosa.

A visão inicial da vinda do Metodismo para o Brasil estava centrada no "interesse da Evangelização dos escravos e índios" <sup>18</sup> por volta de 1819.

---

<sup>14</sup>Hauck, João F. & Hoornaert, *História da Igreja no Brasil*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1980, tomo II/2, p.237.

<sup>15</sup>*História da Igreja...* tomo II/2, p.239.

<sup>16</sup>Idem, p.241.

<sup>17</sup>Idem, p. 242 e 243

Após a presença de Pitts, conforme citado acima, o Rev. Justin Spaulding, da conferência anual da Nova Inglaterra, foi nomeado para trabalhar aqui, e embarcou em Nova York aos 22 dias de março de 1836. Como o trabalho prosperou rapidamente, pediu que enviasse outros obreiros. Daniel P. Kidder, R.M. Murdy e esposa embarcaram em Boston aos 12 dias de novembro de 1837.<sup>19</sup>

Os apontamentos mostram um período difícil para o protestantismo, primeiro o falecimento da Sra. Kidder, resultando no seu retorno para a Inglaterra. Depois a perseguição dos padres, embora o povo recebesse com alegria a mensagem pregada pelos protestantes.

Mas encontrou muita oposição por parte dos padres. O povo apreciava as verdades evangélicas que ele pregava, porém os preconceitos religiosos contra os protestantes e a oposição do clero romano dificultou grandemente suas atividades...de 1837 a 1839 o padre (depois monge) Luiz Gonçalves dos Santos, autor das "memórias para a história do Reino do Brasil", escreveu vários volumes contra esta propaganda que verberou em termos vigorosos e grosseiros. Numa delas dizia que o Protestantismo era o reino do Diabo.<sup>20</sup>

A presença de Pitts foi fundamental, pois ao perceber as necessidades no Brasil, passa a informar como um chamado "macedônico" e pede apoio para a Igreja nos Estados Unidos. Um dos elementos que marcaram a correspondência enviada foi a análise da conjuntura do País naquele momento. Cita em sua carta:

A população da cidade passava de 200.000 almas. O número de igrejas é de cerca de vinte, sem contar uns dez conventos. O

---

<sup>18</sup>BUYERS, P.E. *História do Metodismo*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1945, p.407.

<sup>19</sup>História do Metodismo... p.409.

<sup>20</sup>Idem, p.410.

Catolicismo tem perdido muito do seu prestígio, tanto assim que as procissões já não têm o brilho de outrora, o imperador Pedro I reduziu o número de sacerdotes e transformara o convento de São Bento em arsenal do governo.<sup>21</sup>

A presença inicial do Metodismo no Brasil surge nas lacunas deixadas pela Igreja Católica em seu atendimento ao rebanho estabelecido no Brasil.

Após Pitts, encontramos notas da "Missão Ranson", que chegou ao Brasil, no Rio de Janeiro, em 02 de fevereiro de 1876. Fez visitas em quase todo País, também no Uruguai, em contato com Rev. Wood, que estava ligado a Igreja Episcopal do Sul.<sup>22</sup>

A família do Rev. J.L.Kennedy, que chega ao Brasil em 1881, após participar da conferência trimestral no Rio de Janeiro, fixa residência em Piracicaba, depois voltando ao Rio para ajudar Ramson, e finalmente inaugurar a Igreja no Catete. Koger organizava a Igreja de Piracicaba e Watts um colégio, que veio ser o "Piracicabano".<sup>23</sup>

Em 1885, foram lidas pela primeira vez as nomeações para o Brasil. A visão de 1885 é esta:

O ano de 1885 corre bem. Todos os obreiros dedicaram-se ao trabalho e houve progresso tanto no estado de São Paulo, como no Rio de Janeiro e em Juiz de Fora. Nesse ano foi organizada a primeira sociedade missionária de senhoras, na Igreja do Catete em 5 de julho. (...) No primeiro dia de janeiro de 1886; fundou-se o jornal intitulado *Metodista Católico*. Foi o primeiro jornal metodista publicado no país. A 20 de julho de 1887 se lhe mudou o nome para **Expositor Cristão**.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup>SALVADOR, J.G. *História do Metodismo no Brasil*, SBCampo, Ed. Imprensa Metodista, 1982. p.26.

<sup>22</sup>*História do Metodismo...* p.413.

<sup>23</sup>Idem, p.415.

<sup>24</sup>Idem, p.417.

A visão do crescimento e avanço da Igreja estava presente nos missionários, desenvolvendo seus ministérios em São Paulo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora, e mesmo no Rio Grande do Sul.

A perspectiva desta presença do Metodismo no Brasil tem em seu início marcas também de conflitos e dificuldades de se estabelecer. Mesmo estando o catolicismo romano em descrédito o Metodismo enfrenta obstáculos para superar barreiras culturais e mesmo territoriais na Evangelização em nosso País.

No transcorrer da História, as situações e as necessidades tomaram rumos diferentes. Assim, precisamos rever e avaliar alguns aspectos ligados à nossa prática evangelizadora.

Isto implica não descartar a necessidade da nossa dependência de Deus, muito pelo contrário, a missão só tem sentido quando passa pelos caminhos efetivos do cumprimento da vontade de Deus, e da presença confirmadora do seu Espírito Santo.

Por outro lado, quando em nossa sociedade surgem situações diferenciadas para a vivência do Evangelho, precisamos analisar algumas estratégias para ministrar a Palavra de Deus.

Por exemplo, quando trabalhamos com pacientes terminais, precisamos de um treinamento e uma estratégia específica para lidar com estas pessoas. Outra situação é a dos sofrendores ou moradores de rua, pessoas sem teto e sem lar, muitas vezes sem o costume de viver comunitariamente, mas há uma

necessidade de evangelizar e proclamar a estes também as Boas Novas de transformação em Deus, mas como fazê-lo?

Dentro dos caminhos da Pastoral, precisamos rever e reavaliar nossa prática evangelizadora, de maneira a atingir o ser humano em suas necessidades e realidade contextual.

Ainda na busca de definições ao longo da História para o termo Evangelização, Kuyper, R.B., afirma:

... O fundamento cósmico da evangelização está no Senhorio de Cristo, que como o verbo divino é a energia criativa e redentora de Deus. Seu propósito, tanto na criação como na redenção, é a glória de Deus. Este é o propósito de todas as coisas.<sup>25</sup>

O autor continua enfatizando a importância do confronto do Evangelho com o ser humano. Esta confrontação passa sem dúvida alguma do homem e da mulher consigo mesmo e com Deus.

É importante a reflexão em termos da missão e Evangelização, do caminho que ela deve seguir e ponderar de fato o que ela tem como ponto de partida, o que ela espera fazer para que o homem e a mulher de nossos dias cheguem ao pleno conhecimento da vontade de Deus e de seu Senhorio e de sua Soberania.

O que nos impede de fazermos a vontade de Deus, de cumprirmos o seu chamado e ordenança de ir e evangelizar?

"Vede que os campos estão brancos..." A Palavra de Jesus era uma advertência para o momento da ceifa.

---

<sup>25</sup>*Hacia una Teologia...* p.109.

Portanto, como nos dias dos apóstolos, Cristo nos ordena hoje a levantar os nossos olhos para ver os campos, que já estão brancos para a ceifa. Muito tempo, dinheiro e esforço temos desperdiçado, procurando penetrar portas que, por enquanto estão fechadas, ou tentando recolher aquilo que não está pronto para ser ceifado, quando, talvez perto de nós, há um campo pronto para ser cultivado e colhido. É bom refletirmos sobre as razões pelas quais as portas se abrem e se fecham para o evangelho. Nem sempre todas as razões são religiosas ou espirituais. Existem muitas causas socioculturais pelos "corações endurecidos" de nossos ouvintes.<sup>26</sup>

Voltamos à questão da estratégia, e desta vez é Cook que nos confronta com o cuidado a respeito dos nossos "gastos" com projetos que muitas vezes estão longe de ser coerentes com o Reino de Deus e suas exigências. Passam mais pelo "querer" da instituição do que pelo "sim" da vontade de Deus.

Muitas vezes, para definir Evangelização procuramos um caminho diferente da necessidade do compromisso de anunciar as Boas Novas como mensagem de Salvação a toda criatura.

Qual o caminho a ser perseguido? Crer numa Evangelização inspirada por Deus, mas sem levar em consideração a realidade e o contexto do nosso campo de ação? Ou crer numa Evangelização, inspirada por Deus, levando-nos a uma ação realmente comprometida com os valores do Reino de Deus?

Para Emilio Castro, a Evangelização comprometida é militante. Assim, ele define sua forma de ver esta Evangelização :

... a tarefa evangelizadora, a comunicação da mensagem das boas novas de Deus, corresponde ao ser e à essência mesma da igreja e não é uma tarefa que pode estar submetida a ênfases particulares ou a gostos ou desgostos em determinadas circunstâncias históricas. Todo poder me é dado no céu e na terra;

---

<sup>26</sup>COOK,Guilherme. *Evangelização é Comunicação*, Venda Nova/MG,Ed. Betânia, 1980, p.64.

portanto ide e fazei discípulos de todas as nações... O mandamento é claro.<sup>27</sup>

Emilio Castro continua, em seu livro citado acima, discutindo a participação da Missão, mas refletindo também sobre os problemas e dificuldades sociais presentes nos grupos religiosos.

O que é então a Evangelização? Segundo Emilio Castro, "parece ser um conceito carregado de divisões e animosidades entre os homens...como falar em evangelização, de chamar os homens a crer em Jesus Cristo quando estamos unidos a estes homens na tarefa comum? Não seria isto dividir forças?"<sup>28</sup>

Precisamos tomar cuidado com nossas atitudes e entendimento quanto à Evangelização, para não incorreremos no erro de estarmos dividindo forças, na luta pelo proselitismo, sem contudo termos a certeza das nossas necessidades como Corpo de Cristo, bem como Igreja.

Entendemos a necessidade da Evangelização e retomamos a importância de tê-la contextualizada e presente em nossos dias, como uma força motivadora na tarefa da missão.

Sendo assim, é importante lembrar que a presença constante do Mestre, que é o Senhor da Missão e da Igreja, nos anima a continuar a caminhada em direção ao crescimento e fortalecimento da Igreja de Cristo.

---

<sup>27</sup>CASTRO,Emilio. *Hacia Una Pastoral Latinoamericana*. Flórida,USA, Ed. Caribe, p.77.

<sup>28</sup>Hacia una Pastoral... p.78.



Porém, em diversos momentos encontramos uma falta de clareza e visão a respeito da tarefa evangelizadora reservada ao povo de Deus em diversas Igrejas na América Latina e mesmo fora dela.

Estas Igrejas não têm em sua história respeitado o contexto sócio-histórico dos povos a quem vão evangelizar<sup>29</sup>, criando dificuldades na tarefa missionária da Igreja. Não respeitam a tarefa da Igreja e sua visão missionária e contrariam o princípio do crescimento, bem como da importância do que é fazer Evangelização nos nossos dias.

A tarefa fundamental da Igreja, como comunidade evangelizadora, é fazer manifesto o Reino de Deus, e não buscar seu próprio triunfo. Na evangelização, como em seus outros ministérios, a igreja deve falar do Reino de Deus e de si mesma naquilo que disse João Batista: É necessário que Ele cresça, e que eu diminua (Jo 3.30).<sup>30</sup>

Precisamos considerar de forma específica o valor da Evangelização que aparece como uma fonte de ministério e serviço da Igreja cristã. O ponto central da Evangelização está na mensagem que temos para transmitir e em quem queremos de fato atingir com o nosso ministério e serviço cristão.

É essencial compreendermos estes elementos para encaminhamento da missão, e desenvolvermos através da nossa prática uma Evangelização contextualizada e comprometida com as realidades socioculturais e econômicas que nos cercam.

Evangelizar é fazer um anúncio jubiloso: proclamar boas notícias. É a proclamação de uma mensagem de gozo e alegria.

---

<sup>29</sup>*Hacia una teologia...* p.105.

<sup>30</sup>*Hacia una Pastoral...* p.106.

Implica o compartilhar com todos os homens o significado da alegria que se desprende do ato de anunciar.<sup>31</sup>

Precisamos assumir, em primeiro lugar, este anúncio de fato jubiloso, e com alegria encontramos em situações comuns em nossos dias uma satisfação sobre o evangelizar, e segundo a mensagem que vamos levar encontrarmos mais que proibições e condenações, enfim, uma Palavra restauradora e libertadora para aquele que a recebe como uma boa nova de Salvação.

Nossa Evangelização foi marcada por uma imposição de valores culturais dos nossos evangelizadores: missionários que não respeitaram a cultura indígena, nem mesmo os valores morais e éticos desta cultura.

A primeira evangelização do Brasil foi marcada pelo que chamaríamos de um esforço de cristianização. Foi feita dentro de uma consciência específica do mundo, da Igreja e de Deus que caracteriza de alguma forma, ainda hoje, o catolicismo do Brasil.<sup>32</sup>

Estes elementos estão presentes não somente na Evangelização dentro do catolicismo, conforme citado, mas de certa maneira também no protestantismo brasileiro, onde a Evangelização assumiu formas proselitistas, anunciando mais a instituição do que as Boas Novas realmente.

Para Nilo Agostini, a Evangelização está tomando forma no Brasil em comunhão com a Igreja latino-americana e universal, funde-se no encontro entre a fé e a realidade<sup>33</sup>. Esta busca está presente também nos meios

---

<sup>31</sup>CASTRO,Emilio,(Compilador). *Pastores del pueblo de Dios na America Latina*, Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1974, p.108.

<sup>32</sup>AGOSTINI,NILO. *Nova Evangelização e Opção Comunitária*,(...), Petrópolis, Ed. Vozes, 1990, p.174.

<sup>33</sup>Nova Evangelização...p.176.

protestantes. Encontramos livros e textos falando sobre "salvação integral", definindo-se como salvação do homem e da mulher como um todo, e não somente da "alma".

Mas até que ponto esta é uma realidade em nossa Igreja? Como Igreja Metodista, onde estão presentes estes valores? Esperamos responder a estas questões em nossa dissertação no segundo capítulo, porém gostaríamos de continuar esboçando ainda alguns elementos para definição do termo Evangelização.

Segundo Orlando Costas<sup>34</sup>, o Evangelho está orientado em três direções: primeiro, cristológico, pois anuncia a atividade libertadora de Jesus, e a autoridade que recebemos dEle. Em segundo, eclesial, pois entende a função da herança que a Igreja recebeu, de espalhar a mensagem bíblica, das Boas Novas. E finalmente, para o mundo, pois este é o alvo de nossa evangelização, espalhar no mundo a Salvação em Cristo Jesus.

Esta situação nos faz pensar fundamentalmente em que direção vamos caminhar em termos de vida e missão da Igreja. E se de fato estamos realizando uma evangelização cristológica, tendo Cristo como o centro da Missão, ou se estamos entendendo a Igreja como o centro da missão.

Precisamos trabalhar como Igreja, para realizar esta tarefa missionária a fim de alcançar o ser humano como um todo, e não apenas parte da sua vida. Precisamos realizar uma Evangelização que transmita esta mensagem de forma compreensiva, atingindo de fato os corações provocando uma mudança de vida.

Destacamos ainda, no texto de Orlando Costas<sup>35</sup>, sua preocupação com a interação do texto bíblico com o homem contemporâneo, aproximando suas necessidades básicas de maneira que o evangelho se torne para o homem e mulher dos nossos dias uma resposta também as suas necessidades e desafios como pessoa.

Para tanto, ao dizer que necessitamos de uma evangelização que se dirija à problemática fundamental do homem moderno, quero dizer que a mensagem evangelística deve acentuar os aspectos assinalados. Deve ser uma mensagem que responda à sua luta pela libertação e seu desejo de uma autêntica vida em comunidade. ... "Convidar os homens a aceitar a Jesus Cristo quer dizer chamá-los a unir-se às filas daqueles que lutam para libertar o homem de todas as suas limitações e coisas que o escravizam....Se nossa pregação evangélica é sinônimo do recrutamento para militância libertadora, então estamos vivendo o Evangelho como se deve viver no contexto diário da América Latina..."(Emilio Castro).<sup>36</sup>

O preceito da Evangelização e libertação deve contemplar e atingir o ser humano em todas as suas necessidades, ou seja, uma Evangelização coerente trata da espiritualidade do indivíduo, mas leva em consideração todos os elementos que marcam sua forma de ser e sua vida, no contexto em que ela está inserida.

Relevam-se sem dúvida alguma as questões ligadas à sua estrutura social. Precisa ser uma mensagem que de fato seja transformadora e libertadora em todos os níveis presentes na vida do ser humano.

É claro que a Evangelização é uma realidade complexa e dinâmica que exige uma visão clara de suas múltiplas dimensões. Percebemos que essas dimensões se tecem em torno de vários

---

<sup>34</sup>*Pastores del pueblo...* p.111.

<sup>35</sup>*Pastores del pueblo...* p.119.

<sup>36</sup>*Pastores del pueblo...* p.123.

eixos que se manifestam como "forças motrizes" da ação evangelizadora. Podemos identificar os seguintes eixos:

- a. A "situação do pecado social", que exige da igreja "sua evangelização libertadora".
- b. A questão da cultura, reconhecendo no homem sua formação cultural.
- c. A questão da Comunhão e participação, que foi marcada por Puebla.
- d. A Evangelização como força motriz de um processo permanente de libertação... a tarefa primordial da evangelização é a "gestação" da comunhão e da participação dos homens entre si e dos homens com Deus.<sup>37</sup>

Realizar esta tarefa evangelizadora está sem dúvida alguma ligado a um aspecto importante que é o nosso conceito de Evangelização e a clareza de como o estaremos aplicando.

Primeiro é preciso entendermos de fato a Evangelização como a Proclamação das Boas Novas, tendo como ponto central a mensagem libertadora de Jesus Cristo, em todas as dimensões e necessidades do ser humano contemporâneo.

Segundo, compreendermos que este processo de libertação passa por todas as necessidades do ser humano, respeitando sua cultura e sua formação social, não impondo a ele uma religiosidade descomprometida e descontextualizada da sua vida e experiência pessoal.

Um último elemento para Nilo Agostini está em articular a fé com a vida, ou seja, uma caminhada de recursos e valores que marcam definitivamente a experiência religiosa com a prática da vida.

Pensar nos frutos da Evangelização exige de nós um esforço importante para refletir sobre a prática que temos tido como Igreja e corpo de Cristo.

Muitas vezes discutimos os frutos da nossa Evangelização, mas não refletimos de fato sobre o que estamos realizando e de que maneira isto está acontecendo. Ao contrário, repetimos o modelo histórico do passado com seus erros, sem darmos a oportunidade de um novo momento em termos de trabalho de uma ação pastoral mais efetiva.

Ao pensar nos frutos da nossa Evangelização somos questionados sobre o caráter e o nosso público-alvo, para realizarmos este ministério. Encontramos nos documentos de Puebla, na definição do catolicismo, alguns elementos interessantes para uma reflexão, sem contudo entendermos que estejam corretos.

O documento intitulado: *Evangelização: Dimensão Universal e Critérios*, afirma:

Nossa Evangelização está marcada por algumas preocupações particulares e acentos mais fortes:

- Redenção integral das culturas antigas e novas de nosso continente atendendo à religiosidade de nossos povos (EN 18,20);
- a promoção da dignidade do homem e a libertação de todas as escravidões e idolatrias (EN 29ss);
- a necessidade de fazer com que a força do evangelho penda até os centros de decisão, até as "fontes inspiradoras e modelos da vida" social e política.<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup>*Nova Evangelização...* p. 193 e 194. O autor faz uma série de explanações sobre cada um dos pontos citados. Para nossa reflexão destacamos apenas os elementos principais presentes nas letras de a. a d., como ponto principal do texto, importante para nossa pesquisa.

<sup>38</sup>*EVANGELIZAÇÃO no presentes e no futuro da América Latina. Conclusões...*São Paulo, Ed. Paulinas, 1979, p.122.

Nesta citação encontramos parte do espírito que reinava na conferência de Puebla. Concordamos com a salvação integral do homem, em sua totalidade cultural, social, política, econômica, etc.

Encontramos em Segundo Galiléia a mesma preocupação com a Evangelização e o Jesus Evangelizador, discutindo e citando o texto de Puebla, destacando três valores: o do Jesus histórico e o de sua missão histórica. O segundo valor passa pela mística do pobre, pensamento que influenciou tremendamente a teologia na década de 80. O terceiro elemento está justamente na mística da Libertação.<sup>39</sup>

Porém, naquele mesmo documento encontramos a preocupação com a Evangelização como forma integral. Apresenta a Igreja Católica como "único caminho" para realização desta obra.

...Creio na Igreja una, santa, católica, apostólica. Mas a igreja é também depositária e transmissora do Evangelho...Esta Igreja é uma só: aquela edificada sobre Pedro, e que o próprio Senhor denomina "minha Igreja"(Mt 16.18). *Só na Igreja Católica se dá a plenitude dos meios de salvação (UR 36)*, legados por Jesus aos homens mediante os apóstolos. Por isso, *temos o dever de proclamar a excelência de nossa vocação à Igreja Católica (LG 14)*. Vocação que é ao mesmo tempo, graça e responsabilidade.<sup>40</sup>

É neste sentido que precisamos discutir quais os elementos presentes na Evangelização que estão sendo levados em consideração: se é o homem e a mulher em suas necessidades integrais e totais, ou a vontade de aculturar este mesmo homem e mulher segundo a Igreja.

---

<sup>39</sup>Galiléia, S. *Responsabilidade Missionária da América Latina*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983 p.10.

<sup>40</sup>*Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1979, p.81.

O que nos preocupa é que muitas vezes, nas tentativas evangelizadoras de nossas igrejas, as pessoas estão tentando imprimir um selo da Igreja, como um "selo de garantia", "este é nosso", ou qualquer coisa assim.

Pensar numa Evangelização centrada na Igreja e não no chamado e vocação cristã pode mostrar-se como um grande prejuízo para a vida e a história do povo de Deus.

No documento dos Bispos em Puebla encontramos a alegria da manifestação do Espírito que tem levado Bispos à vanguarda da Evangelização. Segundo Paulo VI, a Igreja se encontra na vanguarda da missão(...), marcando assim mais uma vez a missão como Igreja Católica.<sup>41</sup>

Assim, gostaríamos de encerrar este primeiro momento, narrando a definição de Emilio Castro, sobre a Evangelização:

Concebida a partir desta perspectiva, a evangelização exige da igreja uma séria e renovadora reflexão sobre sua natureza missionária, a mensagem que Deus tem enviado a proclamar e o homem a quem é dirigida esta mensagem. Desta reflexão deverá conduzir a uma ação evangelizadora sistemática, natural e consciente. Sobretudo, a evangelização nos dias de hoje requer da igreja um esforço sério de consolidação.<sup>42</sup>

É necessário, como caminho para a Evangelização, entendermos que o crescimento da Igreja passa pela Unidade dos cristãos. O testemunho como povo de Deus, a escolha da comunidade de fé, seria uma consequência da experiência pessoal com Deus.

### III. EVANGELIZAÇÃO, O CONCEITO NA AMÉRICA LATINA

---

<sup>41</sup>Evangelização no Presente... p. 223. os grifos são nossos, para destacar a visão da Igreja Católica, como sendo o "caminho" para a Salvação.

<sup>42</sup>*Pastores del pueblo...* p.132.



Vamos procurar, neste segundo momento da nossa proposta para definirmos a Evangelização, encontrar algumas idéias específicas sobre a Evangelização na América Latina e no Brasil.

Para Floristan, a Evangelização constitui-se hoje no núcleo central da ação pastoral. Assim, a Evangelização é um dos temas que mais tem produzido reflexões.<sup>43</sup>

Diante das comemorações dos 500 anos de Evangelização na América Latina, procurou-se fazer esta reflexão levando em consideração a obra missionária realizada nos países latino-americanos. Esta reflexão procurou levar em consideração a forma como o continente foi evangelizado, e a violência que marcou tanto a cultura como os povos atingidos por esta Evangelização.

Assim, somos desafiados de fato a ponderar sobre os acontecimentos marcantes deste tema que é a Evangelização e, dentro da Pastoral, o que significa para nosso momento.

No documento de Puebla encontramos sérios desafios para uma Evangelização efetiva.

À Luz da problemática latino-americana e levando em conta o fenômeno da comunicação social com suas implicações na evangelização, cabe formular as seguintes propostas pastorais: a) urgência da hierarquia e agentes de pastorais compreenderem o fenômeno da comunicação social. b) para uma efetiva articulação da pastoral é necessário criar um departamento de comunicação social, c) o trabalho de formação no campo da

---

<sup>43</sup>FLORISTAN,C. & TAMAYO,J.J. *Conceptos fundamentales de Pastoral*, Madrid, Ed. Cristandad, 1983, p.339.

comunicação social é atividade prioritária para todas as classes ministeriais.<sup>44</sup>

Encontramos assim no documento que discute a Evangelização na América Latina a preocupação de fato com elementos que têm marcado a caminhada missionária da Igreja e apresentando desafios que nos levam acima de tudo à reflexão sobre nosso modelo de Igreja e conseqüentemente nosso modelo de pastoral evangelizadora.

A Evangelização na América Latina começa a ser mais definida e própria a partir dos congressos do Panamá em 1916 e em Oaxtepec em 1978. Estes congressos nasceram após os países latino-americanos serem excluídos do encontro de Missões em Edimburgo, Escócia, em 1916.

Gunther Barth narra em sua tese, publicada pelo Centro de Ecumênico de Documentação e Informação - CEDI, conforme parágrafo acima, a caminhada dos Congressos até 1978, quando tornaram-se o berço da Teologia da Libertação, que influenciou o pensamento da Igreja nos anos 80.<sup>45</sup>

O conceito de Evangelização na Teologia da Libertação assume um valor diferente, especialmente requerendo do homem e da mulher alcançados por esta Evangelização não só a conversão, mas acima de tudo uma experiência de compromisso com o Reino de Deus e especialmente com os empobrecidos.

No texto citado, encontramos então a visão e a colocação do autor, baseadas em Orlando Costas:

---

<sup>44</sup>*Evangelização no presente e no futuro...* p. 300 e 301. No documento cada item citado é mais detalhado, porém, procuramos extrair os pontos principais para nosso trabalho, lembrando que existem outros itens na continuidade do documento

<sup>45</sup>BARTH,G. *Evangelização no Brasil de hoje*, São Paulo, CEDI, São Paulo, s/d.p.58 e 59. No texto o autor procura mostrar um pouco desta história marcante da Evangelização desde os primeiros

Para ele, a encarnação, a cruz, a ressurreição, a ascensão, a parúsia de Jesus Cristo são o centro do conteúdo da evangelização ....Aqueles que evangelizam precisam viver junto dos evangelizados, conhecê-los, conhecer suas angústias, os seus anseios, as suas esperanças...A identificação e a participação proporcionam um verdadeiro encontro com o povo a quem se quer evangelizar. Encontro este que implica também um encontro com o Cristo.<sup>46</sup>

Este princípio definido por Costas, e presente nos principais teólogos da libertação, é um chamado constante de uma Evangelização comprometida com o outro, com uma forte ênfase no empobrecido. Esta proposta nasce, poderíamos dizer, contra uma Evangelização para "salvação da alma", esquecendo outras necessidades do ser humano.

O princípio desta salvação integral, já mencionada em nosso trabalho, visa justamente isto, salvar integralmente o homem e a mulher de todas as formas e sinais da morte física, espiritual, material, etc.

O profeta anuncia o Reino de Deus futuro; o evangelizador mostra o Reino de Deus presente. O profeta anuncia que Deus atuará no futuro para libertar seu povo; o evangelizador mostra como e onde Deus está atuando no presente para libertar o seu povo. O profeta anuncia uma atuação futura; o evangelizador mostra que a ação está começando. O evangelizador não explica o que Deus faz sempre e desde sempre, mas sim aquilo que ele está começando a fazer: proclama e mostra a presença de Deus aos homens, em meio a nós.<sup>47</sup>

Quando pensamos na tarefa da Evangelização, precisamos levar em consideração os desafios presentes em nossa história e na história da

---

congressos até a presença forte da Teologia da Libertação e uma nova maneira de compreender a Evangelização dos pobres

<sup>46</sup>*Evangelização no Brasil...* p.69.

<sup>47</sup>COMBLIM,J.,*Jesus Cristo e a sua Missão*,...São Paulo, Ed. Paulinas, Tomo I, 1985, p.59.

Evangelização na América Latina. A tarefa do evangelizador é confrontada com a profética, que anuncia as coisas futuras, enquanto nós vivemos o presente em nossa caminhada missionária.

Ao pensar no conceito de Evangelização para nós hoje, encontramos dificuldade em entender exatamente onde e como pretendemos chegar nesta direção.

O conflito está na forma em que fomos evangelizados ontem, sob a influência do puritanismo e pietismo dos missionários norte-americanos, onde a marca maior estava numa teologia fundamentalista.

Assim, a "salvação das almas" não está ligada à transformação da sociedade e dos modos de produção. Não é importante somente ver a conversão de Zaqueu, mas vê-lo realmente transformado por Cristo a ponto de restituir o que havia roubado, e dar metade de seus bens aos pobres.

Hoje, a preocupação da maioria das Igrejas Evangélicas é somente com a "espiritualidade", com a "alma" do ser humano. Ela não se preocupa tanto em agir, transformar a sociedade. Sua missão é proclamar. Por isso os métodos que a igreja tem usado são: série de conferências, visitação, pregação ao ar Livre, evangelização pessoal, distribuição de folhetos, discipulado, etc. É uma preocupação com o indivíduo e com a sua "alma".<sup>48</sup>

Como uma Igreja pode encontrar o caminho do crescimento quando nos deparamos com uma realidade como esta, da dificuldade de trabalhar e realizar aquilo que Deus tem para nossas vidas?

Evangelizar é, antes de tudo, conscientizar o ser humano do seu valor perante Deus, e aquilo que Ele tem para sua vida, vida como um todo, em

---

<sup>48</sup>CHAVES, O., *A Evangelização libertadora de Jesus*. São Paulo, Ed.Imp.Metodista, 1985, p.11.

todas as dimensões. É conscientizar o ser humano de que vale realmente a pena participar da implantação do Reino de Deus e de seus valores para nossa sociedade e, particularmente, para nossa Igreja.

Encontramos no berço do Metodismo a visão e a compreensão de Wesley sobre a Evangelização no seu tempo e na sua prática de ministério. Gostaríamos de listar a seguir alguns pontos que caracterizaram seu ministério:

1) O princípio da evangelização metodista (1738-1760) situa-se no marco da transição de um modo de produção a outro, de uma estrutura social a outra e de uma ideologia dominante a outra. Como sempre ocorre, os dois blocos históricos se sobrepõem e por eles todas as generalidades que possamos fazer com exceções. Porém estão, em termos globais, na matriz social do movimento metodista. 2) No campo religioso o metodismo responde ao desafio da sociedade que nasce, não tanto consciente ou ideologicamente, nem sequer em sua concepção teológica e sim (a) em sua capacidade para responder à situação de anomalia da classe proletária que surge e (b) na legitimação religiosa dos valores centrais da sociedade que surge. 3) como movimento, o metodismo representa um genuíno movimento de renovação religiosa, tanto na releitura teológica da teologia protestante como na proposta de um modelo eclesial: não é um mero reflexo da situação, e sim o que tem uma clara reprodução de imagens evangélicas e um conteúdo profético. Por outra parte "a igreja Metodista" que surge é só parte de um movimento evangélico mais amplo que influi em todas as igrejas.<sup>49</sup>

Nossa herança Metodista está ligada sem dúvida alguma a uma evangelização marcada pelo ser humano e suas necessidades globais. Encontramos na citação acima que, embora seja uma renovação espiritual, se assim podemos chamar, o movimento metodista dentro do anglicanismo foi sem dúvida alguma caracterizado por atos de piedade e misericórdia.

---

<sup>49</sup>*La Evangelización y el Reino de Dios...Chile, Ed. CIEMAL, 1987, p.107.*

Esta Evangelização nasce das necessidades que brotam do contexto histórico do homem e seu semelhante, não só do homem e sua alma. Ao contrário, é uma prática que visa a salvação a partir de uma evangelização profética, com uma mensagem de anúncio e denúncia.

O que tem caracterizado a Evangelização hoje no Brasil? Esta indagação pode nos apresentar uma série de respostas, algumas delas até mesmo desagradáveis.

Entre os elementos que têm caracterizado a Evangelização no Brasil está o conceito do "inchaço", ou seja, Igrejas que estão recebendo pessoas, porém, estas não têm compromisso com o Corpo e nem mesmo com os valores do Reino de Deus.

Em outras situações, há pessoas procurando ser "abençoadas" em busca de um milagre, não importando de onde virá. O seu compromisso está em sua necessidade e não na necessidade do Reino de Deus, o compromisso com o próximo.

As pessoas, através de suas frustrações da não obtenção da "graça", passam a trocar de "Igreja" e muitas vezes de "deuses" para vivenciar uma nova experiência religiosa, sempre em busca da resolução de seus problemas e raramente com um compromisso maior com o seu próximo e com os valores do Reino de Deus.

Para Robson Cavalcanti, o protestantismo passa mais pelo caminho do inchaço do que mesmo do crescimento. Muitas vezes a pregação é uma troca

da "Santa Madre" pela prosperidade, "Converta-se e fique rico"<sup>50</sup>, baseada na deficiência da saúde pública, desempregos, etc.

Mas que tipo de crescimento de fato isto pode representar se muitas vezes encontramos as pessoas procurando exatamente isto, uma "fé" comercial e comercializada, na troca dos milagres. Quando estes não acontecem, perde-se o "cliente".

Não estaríamos diante de uma inchação de protestantes? Não teria razão um sociólogo da religião mexicano, quando afirma que a multiplicidade das Igrejas evangélicas em nosso continente não significa um crescimento do protestantismo, mas de um catolicismo de substituição? Não seriam protestantes os mais puros herdeiros da cosmovisão católica-romana medieval, pré-moderna, pré-democrática e repressora da sexualidade?<sup>51</sup>

A responsabilidade que temos em pensar na Evangelização no Brasil, hoje passa exatamente pelo questionamento de qual e como tem sido a ação missionária da Igreja Metodista.

E o mais importante é quantas vezes face ao aparente "crescimento" destas comunidades nossos pastores e pastoras tentam repetir este modelo em suas igrejas, sem contudo não conseguir o mesmo efeito?

O que de fato está acontecendo? A proposta de uma nova Evangelização está presente em nossos dias, mas o que entendemos por esta nova Evangelização?

Uma nova evangelização e, por isso, um processo de inculturação do evangelho está ocorrendo de forma vasta e bem articulada mediante o compromisso das Igrejas que tomaram a sério e não espiritualizaram a opção preferencial pelos pobres. Há uma nova alcança da hierarquia com as bases pobres do

---

<sup>50</sup>CAVALCANTI, R. *A utopia possível*. MG,Ed. Ultimato, 1993. p.83.

<sup>51</sup>Idem, p. 84.

povo...A Igreja dos pobres ou também chamada da base é uma realidade histórico-social.<sup>52</sup>

Se por um lado, encontramos uma evangelização proselitista e comercial, agora encontramos no texto de Boff uma proposta de compromisso da Evangelização a partir do pobre.

Para Leonardo Boff, este tema passa, sem dúvida alguma, para uma Evangelização a partir da opção preferencial pelos pobres<sup>53</sup>. Sua discussão passa pela valorização e respeito pela cultura do evangelizado. Em seu texto o autor afirma que "a vida humana é cultural. Ela se dá com todas as vertebrações, particularmente sobre os eixos básicos que estruturam a vida: no cósmico, no pessoal, no econômico, no simbólico, no religioso."<sup>54</sup>

Parece-nos interessante pensamentos tão conflitantes sobre a mesma Evangelização, ou o mesmo povo a ser evangelizado. O povo pobre é levado a procurar grupos que prometem prosperidade e cura, uma palavra de vida melhor do que tem tido até agora, em contrapartida a um esforço de alguns segmentos religiosos em pregar a "opção preferencial de Deus pelos pobres". E isto marcou sem dúvida alguma os anos 80, onde encontramos um tremendo esforço para a divulgação da Teologia da Libertação nos meios protestantes, especialmente em igrejas mais tradicionais e no meio católico romano.

Quando a igreja forma redes entre os pobres e pessoas de altas posições, que resultam em melhoria palpável de vida para os pobres, o evangelho adquire uma credibilidade que toda a pregação da igreja não pode prover. Quando a metodologia tem o

---

<sup>52</sup>SUESS, P., (Org). *Cultura e Evangelização*, São Paulo, Ed. Loyola, 1991, p.138.

<sup>53</sup>*Cultura e Evangelização...* p.127.

<sup>54</sup>Idem, p.128. O autor no texto comenta cada um dos eixos, dando continuidade a seu pensamento, porém, optamos por destacar os pontos principais.



sentido de fortalecer a autoconfiança e o respeito próprio dos pobres, permitindo-lhes resolverem seus próprios problemas, o evangelho obtém uma nova audiência.<sup>55</sup>

Para o autor, o equilíbrio parece a melhor opção em termos de uma pastoral evangelizadora, que aproxime as pessoas com condições de realizar algo, e especialmente com boa vontade para esta realização.

Esta pregação pela Evangelização dos pobres marcou especialmente os anos 80. Na atual década parece-nos que alguns movimentos amadureceram mais, outros integrantes deixaram o movimento e assumiram um novo discurso e, de forma geral, as igrejas continuaram sua caminhada, sem ter uma nova dimensão em seu trabalho.

Quando Galilea definiu o seguir a Cristo, encontramos uma idéia da Teologia da Libertação e sua visão do pobre:

Seguir a Cristo significa penetrar no conhecimento do verdadeiro Deus. Imergir na própria evangelização. E, assim, a evangelização se nos mostra como resultado de uma conversão e uma fidelidade no ato de seguir a Cristo, diante do qual o conhecimento teórico não é suficiente. A característica dessa fidelidade é que ela nos leva a conhecer Deus por "conaturalidade": através da prática do amor que nos leva à imitação de Cristo. Dessa forma, a oração, a cruz, a entrega aos outros não apenas comportamentos éticos, mas sim as experiências de Cristo.<sup>56</sup>

Esta visão nos aponta uma preocupação para realizar uma evangelização no Brasil e na América Latina, pois o contexto que temos ainda

---

<sup>55</sup>LINTHICUM,R. *A Transformação da Cidade, teoria e prática da evangelização urbana*. MG, Missão Editora,1990, p.106. Nesta obra o autor trabalha a idéia de RCI - redes de comunicação informal, que produzem resultados nas mais diversas áreas da vida da Igreja como povo de Deus e suas relações com os pobres. O texto está voltado à preocupação prioritária de uma pastoral urbana.

<sup>56</sup>GALILEA, S. *Evangelizar os Pobres?*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1978, p.14 e 15.

é o de uma dominação cultural, do desrespeito às necessidades do nosso povo e da nossa cultura.

A Evangelização acontece após um compromisso sério com Deus, que nasce de uma experiência pessoal e reflete-se na experiência comunitária.

Pertence à evangelização a própria prática de Jesus. Ele se sentiu dentro da religião de seu povo. Para ele, as escrituras eram o Antigo Testamento. Jesus não foi um cristão, mas um judeu. A partir da sua experiência de fé da tradição do povo, procurou fazer passar sua experiência reveladora do Pai que tem um filho e que na força do Espírito atua de forma transformadora, dentro da história da construção do Reino... A evangelização deve produzir, lá onde ela se encontra com as culturas, o que seu nome anuncia: a boa-nova.<sup>57</sup>

A proposta de Jesus é a evangelização que produz vida, através da mensagem de Boa Nova. Jesus respeitou a cultura, a vida e a tradição de seu povo. Lembrou aos escribas e fariseus o pacto de Deus com o seu povo, as promessas e as próprias leis. Porém, não estava no coração endurecido dos escribas e fariseus uma novidade de vida, ao contrário, eles rejeitaram a presença fraternal de Jesus.

A proposta do ministério de Jesus era a da fraternidade cristã, da paz na terra entre os homens de boa vontade.

O Reino de Deus é a comunhão de Deus com os homens e a comunhão dos homens entre si. O Reino de Deus é a fraternidade cristã. Jesus veio criar uma fraternidade. Veio nos transformar de egoístas em altruístas, fazer de uma sociedade de "lobos" uma sociedade de irmãos. Para isso veio Jesus. Essa é a evangelização. Essa é a missão da Igreja no mundo: ser na sociedade o fermento da fraternidade cristã.<sup>58</sup>

---

<sup>57</sup>Cultura e Evangelização...p.143 e 144.

<sup>58</sup>Evangelizar os Pobres...p.104.

Encontramos, assim, algumas pistas que nos ajudam compreender o sentido da evangelização no Brasil, bem como na América Latina. O sentido da comunhão passa sem dúvida alguma pelo conhecimento de Deus, pelo compromisso com Cristo e pela busca do crescimento da Igreja, mas de maneira fraterna e compromissada.

A Evangelização não é um ato isolado e individualizado, mas comunitário. Não podemos entender a Evangelização como proposta de semear somente uma nova doutrina e nem tampouco uma nova cultura.

Para muitas pessoas, a palavra evangelização soa quase como sinônimo de doutrinação. Nada mais falso. Evangelizar não é o mesmo que doutrinar. Menos ainda quando este ofício é realizado por uma só pessoa. Quem evangeliza é uma comunidade cristã que dá uma boa notícia ao mundo e que o convida a vivê-la porque ela mesmo já está vivendo. Quem evangeliza é Cristo que convida a viver não no egoísmo e individualismo, mas em comunidade "com um amor que congrega e integra todos numa fraternidade capaz de abrir o caminho para uma nova história."<sup>59</sup>

A concepção da evangelização comunitária e fraterna nos aproxima de Cristo e da capacidade de anunciar as Boas Novas de salvação. A opção da pessoa pela Igreja, será uma conseqüência do quanto é verdadeira e valiosa a Boa Nova.

Nossa tarefa é encontrar caminhos para que, diante dos desafios do nosso País, nossa Igreja tenha um papel fundamental na transformação das relações existentes como proposta de vida e anúncio da Salvação integral e total.

---

<sup>59</sup>LONDOÑO, A. S.J. *Evangelização e politização a luz de Puebla*, São Paulo, Ed. Loyola, 1986, p.12.

A Boa Nova do Reino o que é? Não é uma doutrina que se ensina, nem uma moral que se impõe. Não é um catecismo que se decora, nem uma ideologia que se transmite. A Boa Nova do Reino é um fato de vida, onde Deus está presente, atuando, libertando o seu povo com poder, realizando o seu plano de Salvação, é uma palavra que tira o véu deste fato e revela a presença gratuita de Deus; é uma atitude, um testemunho, uma prática que confirma esta presença; é todo o passado do povo que o atesta e o ratifica: "Era isto que esperávamos há muito tempo!"<sup>60</sup>

A Boa Nova é também para nossa igreja e nosso povo. Ela mostra o caminho para onde precisamos seguir com nossa prática evangelizadora. Cabe a nós encontrar caminhos históricos para fazer disto uma realidade em nossa vida cristã e em nossas comunidades de fé.

Segundo o Novo Testamento, a evangelização vincula a Igreja ao mundo e define sua missão em relação a ele. Mas nem por isto se pode dar por evidente o conteúdo do que seja "evangelizar". Verdade é que a Evangelização se realiza no encontro de Igreja e mundo. É ali que o Evangelho se manifesta com o "poder de Deus para a salvação de todos os que crêem"...Evangelizar não é apenas proclamação do Evangelho, inclui também o engajamento pela transformação do homem e de sua história, esperando que isto se realize plenamente na escatologia.<sup>61</sup>

Não basta somente falar em Evangelização, é necessário dar um verdadeiro testemunho ao povo. O compromisso da Igreja no processo de Evangelização é fundamental dentro das suas perspectivas e dinâmica missionária.

---

<sup>60</sup>MESTERS, C. *A Bíblia na Nova Evangelização*, RJ, Ed. Conf. Religiosos no Brasil, 1990, p.20.

<sup>61</sup>LENZ, M.M., "et alli", *Evangelização no Brasil hoje, conteúdo e linguagem*, São Paulo, Ed. Loyola, 1976, p.75.

Muitas vezes a Igreja não percebe com clareza as necessidades do evangelizado, e como agência evangelizadora ela assume uma função distante da necessidade real do indivíduo.

O conceito de Evangelização expresso até aqui aponta direções diferentes. Alguns autores mostram a Evangelização como um princípio para levar o homem e a mulher para a Igreja. Encontramos em outros a opção de uma Evangelização que atenda ao pobre em suas necessidades.

Parece-nos que não está muito claro para o povo da igreja o que pretende a interpretação do termo Evangelização, mesmo depois de todos os esforços na comemoração dos 500 anos de Evangelização na América Latina.

No documento do CELAM, encontramos algumas definições para a questão da Evangelização e também suas preocupações:

A Evangelização sofreu graves prejuízos pelas constantes rivalidades entre religiosos de distintas ordens, entre frades espanhóis e crioulos, entre frades e clérigos, entre religiosos e Bispos. Teríamos desperdiçado menos de nossas preciosas energias se tivéssemos cultivado com maior empenho e compreensão nossa unidade para maior glória de Deus e melhor serviço para nossos irmãos (141).<sup>62</sup>

E,

A opção pelos pobres orientou nossa Igreja para uma evangelização que tem por meta a transformação da cultura dominante e simultaneamente a mudança das estruturas injustas: A ação evangelizadora de nossa Igreja Latino - Americana há de ter por meta a constante renovação e transformação evangélica de nossa cultura. Ou seja, a penetração pelo evangelho dos valores e critérios que a inspiram, a conversão dos homens que vivem segundo esses valores, e a mudanças que, para serem mais plenamente humanas, requerem as estruturas em que eles

---

<sup>62</sup>CELAM. *Uma nova Evangelização em Uma nova Cultura*, São Paulo, Ed. Loyola, 1992, p.36.

vivem e se expressam. Isto implica simultaneamente uma Evangelização da cultura popular.<sup>63</sup>

#### **IV. EVANGELIZAÇÃO E CULTURA**

A discussão que marca os nossos dias está ligada a uma grande preocupação quanto à evangelização e cultura, mesmo para o modelo protestante. Nossos missionários trouxeram para o Brasil o Evangelho, mas também a Igreja como no modelo norte-americano, e implantaram-na em nosso país, trazendo sua cultura, músicas, o vestuário, os hábitos, o conceito de moral, etc.

Isto também produziu dificuldades para a Igreja no Brasil, em razão do tipo, cultura e personalidade do nosso povo.

Pensar hoje na nova Evangelização é entender a necessidade de levar a mensagem dentro das características, da História e da cultura do povo que será alcançado pela nossa mensagem.

A Evangelização resulta do encontro entre a mensagem cristã e desafios do real; sem este diálogo a Evangelização ou é imposição de uma mensagem ou uma alienação religiosa por não se enraizar na cultura.<sup>64</sup>

Segundo Boff, uma Evangelização que não se identifique com as questões reais do seu povo e com suas necessidades, lutas contra as injustiças e toda forma de opressão, está distante de ser uma Evangelização concreta e comprometida com o Evangelho de Jesus Cristo.

---

<sup>63</sup>Idem, p.151.

<sup>64</sup>BOFF,L. *Nova Evangelização Perspectiva dos Oprimidos*, Fortaleza, Ed. Vozes, 1990, p.66.

Nossa Evangelização hoje passa pelo momento da avaliação do que somos, do que temos feito, e de fato o que estamos realizando pelo Reino de Deus, e o que isto tem significado para nossa caminhada como comunidade de fé.

Isto significa encarnar a cultura, este tema presente que constitui um desafio tremendo para nós como Igreja e como povo de Deus:

Isto significa assumir Jesus de Nazaré em nossa vida, dentro de nossa cultura concreta, a fim de que ele se torne cidadão de cada uma das culturas deste mundo através da vida do seu povo. No entanto, isto traz como implicação o fato de que a Igreja precisa ver as situações históricas e concretas de modo pertinente e participativo. A Igreja não pode ser, de modo algum uma comunidade paralela ao mundo. Não somos sal do sal, nem luz da luz; somos sal da terra e luz do mundo. Ao aproximar-se dessa gente da Galiléia categorizada como coisificada, Jesus não ergue o dedo uma única vez para acusá-la, exceto após haver rejeição absoluta (MC 11.20-24). Na Galiléia, ele anda com o povo, acolhe pecadores, abraça prostitutas, chama para si possessos e os liberta.<sup>65</sup>

Jesus está disposto a resgatar as pessoas oferecendo a elas uma nova oportunidade de vida e forma de ser. O grande problema é que a Igreja, às vezes ao tentar cumprir esta tarefa, coloca como prioridade os seus valores e não os de Cristo, os do Reino de Deus.

O Rabi Klausner descreveu em termos modernos como pareceu aos fariseus e saduceus o problema Jesus e cultura: ele defende o repúdio destes ao Nazareno pelo fato de que ele punha em perigo a civilização judaica....ele pôs em perigo pelo fato de haver abstraído religião e ética do resto da vida social, e assim aguardado o estabelecimento mediante poder divino apenas, de um "reino não deste mundo"...Ele substitui a justiça

---

<sup>65</sup>STEURNAGEL, V (Org.). *A missão da Igreja*, (...) Belo Horizonte, Ed. Missão, 1994, p.65.

civil pelo mandamento da não resistência, o que deveria resultar na perda de toda ordem social; (...).<sup>66</sup>

A visão de Jesus indica a compreensão do ser humano e de suas necessidades, acima dos condicionamentos sociais e valores impostos pela própria sociedade.

A questão Cristo e cultura estava presente não apenas na luta de Paulo com os judaizantes e helenizadores do Evangelho, mas também no seu esforço por traduzi-lo na linguagem e pensamento gregos...Quando o cristianismo enfrenta a questão razão e revelação o que realmente está em debate é a relação da revelação em Cristo com a razão que prevalece na Cultura. Quando se esforça para distinguir, contrastar ou combinar a ética racional com o seu conhecimento da vontade de Deus, está lidando com a compreensão do certo e do errado desenvolvida na cultura e com a do bem e do mal como iluminados por Cristo.<sup>67</sup>

A visão do compromisso com a cultura passa, desde os tempos de Jesus, pelo mesmo fio condutor, a histórica salvífica do homem e da mulher, sempre procurando entender a vontade de Deus no seu contexto de vida social, moral, espiritual, etc.

Na compreensão de Jesus, ele doa sua Vida em favor da vida, como sinal do seu amor e compreensão pelo ser humano e suas necessidades, bem como suas fragilidades.

Em nenhum lugar Jesus exige amor pelo amor, e em parte nenhuma exhibe aquele domínio completo dos sentimentos e emoções amáveis sobre os agressivos, que parece indicado pela idéia de que nele o amor "tem de encher a alma, completamente", ou de que a sua ética se caracteriza pelo "ideal do amor". A virtude do amor no caráter e exigência de Jesus é a virtude do amor de Deus e do próximo em Deus, não

---

<sup>66</sup>NIEBUHR, H.R, *Cristo e Cultura*, RJ, Ed. Paz e Terra, 1967, p.23

<sup>67</sup>Idem, p.31



a virtude do amor de amor. ... O amor com toda certeza se caracteriza em Jesus...<sup>68</sup>

Precisamos compreender e entender que a Evangelização acontece na concretude da vida, e não numa mensagem descontextualizada e perdida, sem tempo ou história, sem início ou fim. Nossa Evangelização deve partir especialmente da prática do ministério de Jesus, que entendemos antes de mais nada ser de compromisso e respeito com o seu povo, sua cultura e seu tempo.

Uma Evangelização integral, restaurando a vida de pessoas em sua totalidade, tem sido a proposta também para a América Latina, que tem como característica um povo sofrido e que foi oprimido pela culturas evangelizantes.

Essa Evangelização que trabalha inteligentemente na perspectiva de preencher os vácuos missionários implica também em ter uma consciência supradenominacional. Nós não estamos competindo com pentecostais, batistas, metodistas, presbiterianos ou luteranos; nossa luta é contra as trevas. Nós queremos é plantar o Reino de Deus...somos cidadãos do Reino, acima de qualquer outra coisa<sup>69</sup>.

É esta a visão que precisamos ter a respeito do Reino de Deus. Muitas vezes gastamos tempo precioso da missão da Igreja discutindo movimentos Para-Eclesiásticos, ou seitas, acusando este ou aquele e nos esquecemos do fato primordial da missão, que é anunciar as Boas Novas.

É com esta Evangelização integral que precisamos nos preocupar, em termos das perspectivas missionárias da Igreja, do compromisso que temos

---

<sup>68</sup>*Cristo e Cultura...* p.37

<sup>69</sup>*A missão da Igreja...*p.72

com os valores do Reino de Deus e da importância do ser humano, que deve ser alcançado pela Graça de Deus.

Somente dentro dessa visão libertadora se pode falar de nova evangelização. Ela rompe com uma metodologia do passado. Ela quebra o cativeiro ao qual a Igreja e o evangelho vinham sendo submetidos pelo poder dominante, que os impedia de mostrar seu potencial intrínseco de libertação. No cristianismo popular, nas comunidades eclesiais de Base e nas várias pastorais sociais se criam as condições adequadas para uma inculturação da mensagem cristã. Daí já surgindo um rosto novo do cristianismo com a colaboração de todas as raças e de todas as mestiçagens que aqui ocorreram<sup>70</sup>.

Quando entendemos que a Evangelização passa pelo caminho do respeito ao ser humano e suas tradições e culturas, temos condições de oferecer-lhe uma oportunidade de compreender melhor a proposta de Jesus para sua vida, sua experiência como pessoa e seu compromisso com Deus, para sua salvação.

O grande problema é que muitas vezes realizamos uma Evangelização calcada nas obrigações e interesses do grupo dominante(o que faz a proposta "evangelizadora"), e não na proposta de vida e salvação. Queremos colocar o nosso "selo" como propriedade desta ou daquela igreja, mas nos esquecemos que sua opção pela Igreja será muito mais por aquilo de positivo que ela possa lhe oferecer do que os legalismos por ela imposta.

Uma evangelização não imperialista, uma evangelização fiel, que busca a transformação e penetração das sociedades desde dentro, olhando o nascimento do reino que vem como a recapitulação de todas as coisas em Jesus Cristo. Essa recapitulação de vidas e também nossas culturas. ... deverão olhar para a cultura do pobre, encontrando tesouros do Espírito escondidos entre eles e, sem cair em extremos

---

<sup>70</sup>BOFF, L. *América Latina: Da Conquista a Nova Evangelização*, São Paulo, Ed. âtica, 1992, p.35

românticos, ver como anunciar a Boa Nova de um reino que já lhes é prometido, e a cujo serviço estão convocados mediante a fé, o arrependimento e a ação proclamadora.<sup>71</sup>

Na experiência dos primórdios metodistas não havia muita diferença desta "imposição" ao novo modelo de vida:

A conversão implicava o abandono de sua Igreja de origem, de suas práticas e costumes brasileiros. A ética metodista era puritana, caracterizando-se pela "proibição".... Aceitando o metodismo, o indivíduo era arrancado de sua cultura, de suas raízes, e colocado num novo habitat, onde ele vai cultivar a sua nova vida, em meio a novos companheiros e novo comportamento. Para tanto, praticava-se um absorvente esquema de atividades e participação do crente na vida interna da Igreja. O metodista passava a participar, basicamente, de três locais de vivência: a Igreja, o lar, o local de trabalho. A criança, o jovem, eram conduzidos à escola paroquial ou a outra escola da Igreja, preferencialmente.<sup>72</sup>

Ainda hoje sentimos dificuldade em algumas situações onde é avaliado mais o que a pessoa "faz ou deixa de fazer" do que aquilo que de fato ela "é" como pessoa.

Encontramos o questionamento da necessidade de mudanças na visão missionária diante da cultura, no texto supracitado:

A Igreja precisava sair de si mesma e voltar-se para a realidade circundante, procurando cristianizar todas as relações humanas, mesmo colocando em risco a sua sobrevivência institucional. Ela não poderia ignorar por mais tempo o sofrimento da população marginalizada e oprimida, muito menos continuar alimentando uma prática assistencializada destinada mais a tranquilizar consciências do que atacar de frente os males que afligiam os pobres... em 1908 é publicado o primeiro Credo Social.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup>CMI, *Venga Tu Reino*, Salamanca, Ed. Siguime, 1982, p.57.

<sup>72</sup>OLIVEIRA, Clory Trindade, "et alli". *Situações Missionárias na história do Metodismo*, SBC, Ed. Editeo e Imprensa Metodista, 1991. p.27.

<sup>73</sup> *Situações missionárias...*p.37. O autor do texto é o Prof. José Carlos de Souza.

A preocupação com questões que envolvem o ser humano como um todo é permeada em toda a história do Metodismo, inclusive no Brasil.

A prática evangelizante nossa é que deve ser sensível à necessidade do ser humano como um todo. Encontramos:

A missão evangelizante é o resultado de um imperativo do Senhor Jesus para a sua Igreja. Por sua natureza e finalidade ela está vinculada a uma constante leitura e reflexão bíblica-teológica. A história da Igreja tem mostrado que todas as vezes em que a caminhada perde seu sentido de missão, ela necessita de uma releitura da Palavra de Deus. Como afirmam as palavras de Jesus no evangelho de João: Vós perscrutais as escrituras, porque julgais ter nela vida eterna; ora, são elas que dão testemunho de mim; vós porém, não quereis vir a mim para terdes vida (Jo 5.39 e 40).<sup>74</sup>

A busca da tarefa evangelizante da Igreja passa sem dúvida pelos limites da cultura. Estes limites aproximam fé e cultura, espiritualidade e cultura, pois o ser humano é um todo dentro do seu contexto, e nele recebe a Palavra do Senhor.

A cultura deve fazer parte da prática da fé: no culto, na oração, na linguagem, no ritual, na proclamação evangelizadora. Nosso povo, em sua variedade cultural, manifesta valores tais como a solidariedade, a simplicidade, a alegria, a festividade, a hospitalidade, o senso de comunidade, e de modo especial uma abertura para o sobrenatural ou o sagrado. ... A vivência evangélica dos elementos culturais permite valorizar o sentimento de pertença e respeito à terra, o espírito de cada raça e reunir todas as raças e culturas ecumenicamente em torno de Jesus Cristo.<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup>Situações Missionárias...p.51. O autor do texto é o Prof. Dr. Geoval Jacinto da Silva.

<sup>75</sup>COLÉGIO EPISCOPAL, *Igreja Comunidade Missionária a Serviço do povo*, Reflexões e Documentos, São Paulo, Ed. Colégio Episcopal, 1991, p.13.

Nossas considerações passam sem dúvida alguma pela dimensão do novo de Deus proposto a toda humanidade. Este novo, nada mais é que a reaproximação deste Deus perdoador, reconciliador mediante à aceitação de sua Graça Salvadora. Isto acontece através de uma Evangelização que é capaz de entender os sonhos e os sentimentos de um povo chamado latino-americano e suas dificuldades e anseios.

É fundamental que esta Evangelização possa produzir uma nova realidade de vida a todas as pessoas alcançadas por esta Boa Nova de Salvação. Considera-se ainda que esta Boa Nova deve alcançar a toda criatura independente de cor, raça, ou situação econômica e social.

(...) evangelizar é comunicar Jesus. Continua sendo de máxima importância a resposta que os povos dão à pergunta: - Quem dizem que é o Filho do Homem? Esta questão, hoje mais do que nunca, é centro de interesse das Igrejas, principalmente a nível das pequenas comunidades, dos grupos de reflexão e dos teólogos-pastoralistas, que entram em maior contato com os não-cristãos e que vão tendo que revelar qual Jesus seguimos, qual é o Jesus que liberta, qual Reino do Pai Ele revela. Busca-se encontrar uma resposta atual e ao mesmo tempo inspirada na fé.<sup>76</sup>

Voltamos ao ponto discutido neste capítulo a respeito de entendermos a nossa tarefa evangelizadora, para assim termos condições de encaminhar nossa dimensão da fé e do compromisso cristão.

A quem de fato estamos anunciando, ao Jesus Salvador, ou aos interesses desta ou daquela comunidade ou grupo, que procura muitas vezes "assumir" os valores do Reino e utilizá-los em benefício próprio?

---

<sup>76</sup> MARINS, J. & TREVISAN, T.M. & CHANONA, C. *América Latina Missionária Sair ou Ficar?* São Paulo, Ed. Paulinas, 1984, p.222.

Não há Evangelização sem solidariedade cristã que não envolva a partilha do conhecimento do reino, que é a promessa de Deus aos pobres. Há aqui um duplo teste de credibilidade: uma proclamação que não as promessas da justiça do reino para os pobres é uma caricatura do evangelho; mas a participação cristã nas lutas por justiça que não aponte para as promessas do reino constitui também uma caricatura de uma compreensão de justiça. Um crescente consenso entre os cristãos fala hoje da opção de Deus pelos pobres. Temos aí um padrão válido para aplicar às nossas vidas como indivíduos cristãos, igrejas locais e povo missionário de Deus no mundo.<sup>77</sup>

Nos anos 80, especialmente, o pensamento da Teologia da Libertação, assim denominada, expressava a preocupação de Deus com os pobres, mas desta citação gostaríamos de destacar especialmente a preocupação no sentido da visão deste compromisso, não somente com o empobrecido, mas com todos os seres humanos, que embora criados à imagem e semelhança de Deus, acabam sendo vistos à margem de uma sociedade que vive longe dos padrões de Justiça do Reino de Deus.

A Evangelização na América Latina foi marcada por uma invasão cultural, bem como um clima de violência em nome de Deus, mas sem levar muitas vezes em consideração o ser humano, suas experiências e cultura.

Como a evangelização é um processo, devemos entender que a igreja que quer seguir anunciando a Jesus e ao Reino de Deus deve compreender que, no momento em que está participando da sociedade civil, está no mesmo processo evangelizador. Há momentos na história em que a igreja deve participar do Estado. Quando fazê-lo? Esse é um problema de interpretar os sinais dos tempos... Evangelho e Reino de Deus sempre serão um ponto de conflito e crises para o exercício da fé cristã.<sup>78</sup>

---

<sup>77</sup>Conselho Mundial de Igrejas CMI. *Missão e Evangelização*, SBCampo, Ed, Imprensa Metodista, Ciências da Religião,p.59.

<sup>78</sup>RUIZ, C. *Evangelización y tradición cristiana evangelización y reino de Dios, Derecho Pursituido?* Revista para una pastoral Nicaraguense, Manágua, Ed. CIEETS, 1992, p.73 e 74.

Diante deste processo evangelizador, a dimensão do Reino nos faz refletir sobre o que esperamos da definição do termo Evangelização para nossa realidade e para a realidade do Reino de Deus.

Evangelizar não consiste simplesmente em levar aos outros sementes de "boa intenção"<sup>79</sup>, sem uma aplicação clara à realidade constituída diante de nós.

A visão de Evangelização que precisamos ter hoje passa por um duplo critério de dificuldades: em primeiro lugar ler o termo Evangelização a partir da história e da dominação cultural exercida nestes 500 anos; segundo, ler a Evangelização na perspectiva do povo oprimido e necessitado, bem como do nosso povo latino-americano e suas raízes culturais.

Isto sem dúvida alguma vai influenciar a visão da Evangelização em nosso país e, sem dúvida alguma, as dificuldades nos regionalismos e nas influências culturais que sofre o nosso povo.

Encontramos a seguinte citação no planejamento e estratégias para Evangelização mundial:

Para evangelizar é esperada que a Boa Nova de que Jesus Cristo morreu por nossos pecados e esta foi a razão da sua morte de acordo com as Escrituras, e que no seu reino como Senhor, Ele agora agradece pela vida e libertação dos nossos pecados como presente do Espírito que está presente e vivo. Nossa presença cristã no mundo é indispensável para a evangelização e então é que o diálogo sobre o Reino é o propósito para ouvir sensivelmente e entender a ordem dada. Mas evangelismo tem vida na proclamação histórica, bíblica de Cristo como Senhor e Salvador, com vistas a persuadir o povo a estar com ele pessoalmente e então reconhecer e ser reconhecido por Deus... O resultado da evangelização inclui

---

<sup>79</sup>COMBLIM, J. *Teologia da Missão*, Petrópolis, Ed. Vozes, 1980, p.61.

obediência a Cristo, aceitando a Cristo e participando na Igreja, e responsabilmente servindo ao Senhor.<sup>80</sup>

Ao finalizarmos este capítulo é fundamental entendermos que é esta visão de Evangelização que precisamos entender como um desafio para nossas vidas:

1. A Evangelização deve preocupar-se com o anúncio de Jesus como Senhor e Salvador da humanidade e de sua Boa Nova de Salvação para resgatar a dignidade humana perdida no "Paraíso".
2. A Evangelização deve preocupar-se com a divulgação das Boas Novas, e não ter preocupação excessiva de "selar" ou "carimbar" o novo membro da Igreja, que muitas vezes não é do Reino de Deus.
3. A Evangelização deve preocupar-se com o homem e a mulher dos nossos dias, sem discriminação ou preocupação excessiva com proselitismo, muitas vezes até mesmo evangélico, perdendo a dimensão do Reino e suas necessidades.
4. A Evangelização deve respeitar a cultura do evangelizado e oferecer-lhe através da Palavra de Deus uma oportunidade de refletir sobre que caminhos trilhar em sua fé e espiritualidade, de acordo com os valores do Evangelho.
5. A Evangelização deve ser uma Boa Nova de libertação, porém não deve entender que só o empobrecido é que precisa da Graça

---

<sup>80</sup>DAYTON, E. & FRASER, D.A., *Planning Strategies For World Evangelization*, Michigan, USA, Ed. William B. Eedmans Publishing Company, Grad Rapids, 1980, p.79 e 80.



Salvadora de Jesus Cristo, mas todo homem e mulher sem discriminação ou preconceito.

Entendemos que para avaliar a Igreja Metodista nos anos 80, diante da mudança de estrutura para Dons e Ministérios, é fundamental a definição do termo Evangelização.

Estamos certos de que é impossível esgotar o assunto, mas este primeiro capítulo serve-nos de base para fundamentar a continuidade de nossa dissertação, onde estaremos vendo mais cuidadosamente as definições dadas à Evangelização nesta década e seus reflexos para a estrutura e administração da Igreja Metodista.

No próximo capítulo vamos destacar elementos presentes na concepção da Evangelização na Igreja Metodista, através de seus documentos, textos produzidos pelo Colégio Episcopal e decisões dos próprios Concílios Gerais.

É nosso desejo expressar através destes textos pesquisados a riqueza do material produzido pela Igreja Metodista, reconhecendo que, de alguma maneira, a história da Evangelização nos anos 80 passa acima de tudo pela conceituação expressa nestes documentos.

Esperamos que a Igreja realize sua tarefa missionária a partir da compreensão dos valores e desafios do Reino de Deus, vivenciando na integralmente uma Igreja Missionária a Serviço do Povo.

## CAPÍTULO 2 DOCUMENTOS DA IGREJA METODISTA E SUAS ÊNFASES PASTORAIS

No primeiro capítulo de nossa dissertação procuramos definir o termo Evangelização através da pesquisa de textos publicados especialmente na América Latina.

Encontramos aspectos relevantes e que nos serviram de base para este segundo momento de nossa pesquisa. É fundamental a compreensão da proposta da Evangelização para o nosso entendimento como Igreja Metodista dos elementos que marcam nossa Evangelização e conseqüentemente nosso compromisso com a Missão.

Os documentos analisados e citados abaixo fazem parte do material riquíssimo produzido pela Igreja Metodista. Arrolamos inicialmente os Planos Quadrienais(1974 e 1978) que procuravam nortear as perspectivas de ação e missão na vida da Igreja.

Depois destes planos nasce, o Plano para Vida e Missão (1980) da Igreja, que procura, através da identidade e do contexto da Igreja Metodista, enfatizar suas áreas de ação, meios e necessidades para a vida da Igreja. Estes documentos sem dúvida alguma fundamentaram a elaboração do projeto sobre "Dons e Ministérios". Entendemos que " Dons e Ministérios" é uma

resposta amadurecida dos Planos Quadrienais até este momento na vida da Igreja, procurando sempre definir sua ação e compromisso missionário.

Creemos que muita coisa ainda será produzida nesta área, por isso entendemos que um melhor aproveitamento, conhecimento e prática destes documentos certamente marcariam nossa Igreja de forma diferente.

O que sentimos é que muitas vezes, por desconhecimento ou até mesmo por preconceito, acabamos deixando de conhecer, e como consequência, vivenciar as diretrizes da Igreja, trazendo assim um prejuízo para a sua caminhada missionária.

Percebemos também na mudança de projeto da Igreja para "Dons e Ministérios" que os documentos sofrem algumas mudanças em suas ênfases, tendendo especialmente para colocar em primeiro plano o aspecto "missionário" como fonte e princípio da Evangelização, e não mais os aspectos "sociais" como prioritários para evangelizar.

É necessária a nossa disposição para entender esta caminhada. Assim, é fundamental procurar perceber ao longo deste capítulo algumas mudanças que aconteceram na vida da Igreja e como nossos Bispos expressam seu conceito de Evangelização, falando em nome da Igreja.

Os documentos procuram mostrar estes elementos de forma concreta e importante para nossa caminhada como Igreja-Instituição e Igreja-povo. Em algumas situações a Igreja, que se expressa através de seus documentos, não corresponde exatamente à Igreja-povo, ou seja, suas comunidades de base.

O desafio está em tornar práticas as declarações que aparecem em nossos documentos, e nossa tarefa é através de uma palavra pastoral, aproximar Igreja-povo, da Igreja-Instituição, ou seja fazer das duas partes uma só, em prol da Evangelização e Crescimento da vida da Igreja.

### I. POR QUE EVANGELIZAR?

Precisamos estar sempre respondendo o "Porque Evangelizar"? Onde está a fonte para esta Evangelização e o que esperamos atingir com ela? Nossa fonte está sem dúvida alguma no chamado, vocação e desafio de Jesus e suas ordenanças para a vida da nossa Igreja.

Nós pregamos e damos testemunho porque Jesus nos ordenou que assim o fizéssemos. No Evangelho de Marcos, como um prelúdio à ascensão de nosso Senhor, e após repreender seus discípulos pela incredulidade e teimosia, Jesus diz: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15RA). Este é o quadro "mais do que cósmico" no qual somos chamados a comunicar o evangelho. Não apenas o mundo inteiro mas todas as criaturas precisam receber o evangelho. Que afirmação da natureza universal! Não é apenas para a comunidade humana mas tem uma palavra libertadora e redentora para toda criação<sup>1</sup>.

A pergunta é "por que não estamos evangelizando"? O que está acontecendo com a nossa capacidade e disposição para anunciar esta mensagem tão completa e verdadeira em nossos dias?

---

<sup>1</sup>FOX, H.Eddie & MORRIS, George E. *Anunciemos o Senhor, A Evangelização na virada do Século*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1994. p.20.

Os próprios autores citam em seu texto que um dos motivos é a vergonha de anunciar este Evangelho, o motivo do declínio e decréscimo das Igrejas tradicionais<sup>2</sup>.

Será que este não seja um dos elementos que nos leve a refletir sobre a Evangelização e os elementos que têm contribuído para o não crescimento de muitas das denominações conhecidas e chamadas tradicionais, entre elas, a Igreja Metodista.

Onde estará então a fonte de confiança para a vida da nossa Igreja hoje? Qual o caminho a ser desenvolvido pela vida da Igreja e caminhada de seu povo?

O Mesmo texto de Morris e Fox indica um princípio:

as pessoas esperançosas, capacitadas pelo poder do Espírito Santo, responderão ao ato perdoador de Deus em Jesus Cristo. Semeamos as sementes do Evangelho em antecipação à colheita, mas não podemos determinar a safra tanto quanto o fazendeiro não pode controlar o sol e a chuva. O milagre é que o Espírito Santo age através das nossas tentativas frágeis e insuficientes.<sup>3</sup>

Os mesmos autores indicam em sua obra a necessidade de que a Igreja tem de encontrar métodos e caminhos para executar a obra de Evangelização e não somente trabalhar na "confiança" de que o Espírito Santo irá realizar. Deve haver uma parceria, Igreja (povo de Deus) e Espírito Santo vencendo os desafios e barreiras para que aconteça esta Evangelização.

---

<sup>2</sup>Anunciemos o Senhor...p.21.

<sup>3</sup>Idem, p.138 e139.

Encontramos, assim, no documento "Missão e Evangelização", sobre a afirmação ecumênica a respeito da Evangelização, um dos fatores primordiais para que de fato aconteça:

Só uma Igreja plenamente consciente do modo como as pessoas no mundo vivem, sentem e pensam pode cumprir adequadamente qualquer dos aspectos dessa missão mediadora. É nesse ponto que a Igreja reconhece a validade e o significado do ministério de outros para a Igreja, de modo que ela possa melhor entender e estar solidária e mais estreita com o mundo, conhecendo e partilhando suas dores e desejos. Só respondendo atentamente aos outros poderemos superar nossa ignorância e incompreensão dos outros, e ser mais capazes de servi-los. Em pleno cerne da vocação da Igreja no mundo está a proclamação do Reino de Deus inaugurado em Jesus...através de um estilo de vida cotidiano de solidariedade com os pobres, através da defesa dos seres humanos ao ponto da confraternização com os poderes que oprimem, as Igrejas procuram cumprir sua vocação evangelizadora.<sup>4</sup>

É na perspectiva de compreensão das necessidades dos seres humanos, e da ação e unção do Espírito Santo, é que entendemos o caminho que nos leva a uma Evangelização comprometida e verdadeira.

No encontro continental promovido pelo Conselho Latino Americano de Igrejas - Clai, na Bolívia em 1992, o documento, Síntese do Encontro, assinalou no item Evangelização alguns elementos importantes para a caminhada das Igrejas:

Reelaborar critérios, métodos, objetivos e ações da Evangelização a partir de uma perspectiva profética, que inclua as Igrejas como campo de evangelização, onde possamos: - recuperar a coerência testemunhal, - levando em conta as más ressonâncias da palavra "evangelização" para certos setores dos povos indígenas e negros do nosso continente, pedimos maior sensibilidade e criatividade da terminologia que usamos para nos referir a comunicação das Boas Novas do Reino de Deus. -

---

<sup>4</sup>CASTRO, Emilio (Dir. CMI). *Missão e Evangelização: Uma afirmação Ecumênica*, RJ, Ed. CEDI,1983, p.14.

aprofundar uma leitura bíblica dentro de um marco de celebração. - redimir a própria cultura. - criticar a prática e pretensão de uniformidade universal do cristianismo institucional. - contar-nos mutuamente as Boas Novas e nos solidarizarmos com as situações de sofrimento e martírio. - recuperar na vida da Igreja a linguagem simbólica, o afetivo e a feminilidade como via de reevangelização.<sup>5</sup>

Os elementos apontados nesta série de considerações, alguns já discutidos em nosso primeiro capítulo, apontam para as bases da nossa reflexão sobre a Evangelização na vida e na história da Igreja Metodista. Sendo que, como Igreja integrante do CLAI, conseqüentemente assinando este documento, concorda com os elementos por ele indicados.

Assim, precisamos encontrar um caminho para a reflexão sobre a Evangelização como Igreja Metodista.

## **II. WESLEY E A IGREJA - ELEMENTOS DA AUTONOMIA**

Vamos nos deter a partir deste momento de forma mais particular na prática da Igreja Metodista, partindo de alguns elementos importantes na compreensão de John Wesley sobre a vida e a história da Igreja.

Encontramos em alguns momentos da nossa vivência como igreja dificuldade em definir o que somos, ou o que pensamos ser, onde precisamos chegar, etc. Isto ocorre porque muitas vezes a teologia praticada pela igreja acaba por distanciar-se dos objetivos prioritários da própria Igreja, como veremos a seguir:

Uma das fraquezas maiores de nosso denominacionalismo não é somente perdermos a profundidade teológica mas também o não cultivarmos uma tradição contextualizada. A gravidade deste ponto nos torna impotentes frente às boas e às más teologias. A boa teologia cai sem inserção por não ter uma

---

<sup>5</sup>CLAI. *Martírio e Esperança*, (Síntese da Memória...) Equador, Ed. CLAI, 1993 p.37.

pastoral coerente. A má teologia tem muito mais campo de influência por levar com ela a mistificação da ação da igreja. Sem uma teologia com raízes históricas e contextualizadas em nossas comunidades, não poderemos exercer o diálogo criativamente. Nossas palavras podem "repercutir" no povo e não ter vida nele...O problema da tradição teológica metodista é uma questão vital para esclarecermos nossa razão de ser. Esta constatação nos diz que devemos: a) cultivar o metodismo teologicamente, começando pelas igrejas locais. Uma teologia que possa identificar nossa vocação original e contextualizada; b) cultivar uma espiritualidade que reúna elementos da nossa tradição para revisarmos e corrigi-los; c) cultivar na força do "movimento", a disposição para recriar a vida litúrgica; d) buscar uma participação mais democrática nos níveis locais e regionais e nos benefícios da tradição teológica e da espiritualidade; e) buscar uma prática, uma ação da Igreja, uma pastoral que se inspire em uma tradição, ao mesmo tempo que ajude a forjá-la e reorientá-la a enfrentar a realidade social e cultural que nos caracteriza.<sup>6</sup>

O texto apresentado pelo Prof. Rui Josgrilberg aponta as preocupações e desafios que a Igreja Metodista vive no Brasil e suas necessidades, como o desenvolvimento da sua espiritualidade comprometida com o Reino e com o povo e suas necessidades básicas de vida.

Não pode haver de fato uma Evangelização sem a lembrança histórica do nosso povo e sua tradição, bem como é fundamental encontrarmos na nossa maneira de praticarmos a fé uma Evangelização contextualizada.

Esta Evangelização deve acontecer em todos os níveis da Igreja, começando pela Igreja local, em todos os seus segmentos, entendendo que não é tarefa de um grupo de iluminados chamados de comissão ou ministério de Evangelização, muitas vezes sem compreender a função ou significado deste ministério.

---

<sup>6</sup>JOSGRILBERG, Rui. *La tradición protestante en la teología Latinoamericana*, primer intento: lectura de la tradición metodista, - Podrean Wesley en la Tradición Metodista inspirar una Pastoral para América Latina? El caso del Brasil. (Duque, J. Organizador) Costa Rica, Ed, DEI Departamento Ecueménico de Investigaciones, 1983, p.82-83.



Desde a Autonomia da Igreja Metodista em 1930, ela vem procurando sua identidade e maturidade como comunidade de fé, devendo respeitar alguns elementos importantes da história e tradição do Metodismo em Wesley.

A busca da autonomia da Igreja estava ligada sem dúvida alguma ao próprio crescimento que ela vivia no Brasil e as dificuldades de ser legislada a partir dos Estados Unidos. Estes foram elementos que contribuíram para uma primeira mudança, vamos assim chamar, na vida da Igreja Metodista.

Entretanto, a Igreja crescia e aumentava também a convicção de certas necessidades urgentes, que esboçaremos abaixo: 1. a necessidade de um Bispo residente que falasse português... 2 a necessidade de uma legislação adaptada ao Brasil...3. a necessidade de uma organização realmente nacional que desse coesão às atividades das três Conferências anuais.<sup>7</sup>

Mas a autonomia vai acontecer de forma plena aproximadamente 40 anos depois, conforme o autor do texto acima, em alguns elementos como a questão econômica e a questão de pessoal.<sup>8</sup>

Na década de 70, no Concílio 70/71 a Igreja vai assumir profundas mudanças na sua estrutura. Faz uma série de substituições e mudanças em suas funções... A nova Igreja Metodista começou a assumir sua verdadeira autonomia. Isso é evidente na elaboração dos Novos Planos Quadrienais, a partir de 1974, resultantes essencialmente de pensadores brasileiros, e que levaram muito a sério a missão da Igreja Metodista no Brasil e na América Latina hoje. A Igreja Metodista adotou no seu XIII Concílio Geral, "O Plano para a Vida de Missão da Igreja (PVMI) declarando ser o plano a "continuação dos Planos Quadrienais de 1974 e 1978 e consequência direta da consulta nacional de 1981 sobre a missão da Igreja, principal evento da celebração de nosso 50.o aniversário da autonomia". O Plano declara que "A missão de Deus no mundo é estabelecer o seu Reino. Participar

---

<sup>7</sup>REILY, D.A. *Momentos Decisivos do Metodismo*, São Paulo, Ed. Imp. Metodista, 1991, p.96. O texto é comentado, em cada uma das necessidades, porém destacamos aqui o ponto principal de cada uma delas.

<sup>8</sup>Idem, p.100.

da construção do Reino de Deus em nosso mundo, pelo Espírito Santo, constitui-se na tarefa evangelizante da Igreja".<sup>9</sup>

Retomaremos a questão do Plano para Vida e Missão da Igreja logo a seguir, mas gostaríamos de frisar que o processo de autonomia da Igreja Metodista vinha até a década 70 encontrando realmente dificuldades para sua independência da "Igreja-Mãe".

Encontramos ainda no processo de autonomia, diante da crise econômica vivida, uma frase que definia a situação da Igreja em seu momento diante da Igreja-Mãe:

de modo nenhum passaria despercebido vosso ato nobre e cristão de colocar em nossas mãos a escolha e a forma de governo que melhor atenderia os interesses da Igreja Metodista do Brasil, sem suspender nenhuma ajuda que vem sendo concedida até este dia, mesmo que pensemos seja conveniente a completa independência. Nossa Igreja, naturalmente ponderado as enormes responsabilidades de todo o trabalho a dirigir, decidiu, como tomareis conhecimento, não dispensar inteiramente vossa sábia orientação, continuando organicamente unida a vós, solicitando, porém, suficiente autonomia para eleger seus próprios Bispos e organizar suas leis, de tal maneira a tornar mais eficiente o governo da Igreja Metodista do Brasil.<sup>10</sup>

Em seu artigo, o Prof. Rui Josgrilberg continua afirmando que a necessidade da autonomia estava ligada a elementos importantes para a vida da Igreja Metodista no Brasil, apesar de todas as dificuldades, como vimos acima, inclusive as já citadas econômicas e de pessoal. Alguns elementos marcavam esta disposição para a autonomia da Igreja Metodista:

A pregação e ação da Igreja não estavam voltadas somente para a "salvação de Almas": e essa seria uma interpretação errônea do metodismo passado. A pátria era uma questão de

---

<sup>9</sup>Momentos decisivos...p.105.

<sup>10</sup>REILY, D.A, "et alli" *ENSAIOS, História Metodismo Libertações*, SBCampo, ED. EDITEO, 1990, p.121.

importância muito maior do que é hoje para as Igrejas Metodistas. O contexto da perspectiva histórica Wesleyana nos ajuda a entender que havia que ganhar o Brasil para o evangelismo a fim de que muitos dos seus males fossem superados... Está nas veias do metodismo wesleyano ligar a mensagem aos problemas sociais pátrios mundiais. Wesley vinculou a evangelização ao trabalho de superar os vícios e os males sociais do povo inglês e à construção de uma Inglaterra mais justa e mais cristã, mais livre e melhor.<sup>11</sup>

Sentimos que, até os nossos dias, o conceito de Evangelização na Igreja Metodista Brasileira ainda está em conflito, entre o "salvar almas" e o "salvar vidas" de um lado, e de outro a Evangelização numa perspectiva espiritualista e assistencialista, ligada ao social.

O Conflito se estabelece diante da procura dos elementos que marcaram desde a autonomia até os nossos dias. De fato, o que somos como Igreja Metodista hoje no Brasil e na América Latina?

O conceito da Evangelização sofre as mesmas pressões diante das dificuldades e anseios de nossa Pátria e nossa Igreja.

Para algumas pessoas surge um novo conceito de Evangelização, nasce uma nova consciência que marca o caminhar de uma evangelização voltada para os pobres e suas necessidades:

Há uma nova consciência do crescente fosso entre a riqueza e pobreza tanto entre nações como no interior de cada nação...Essa nova consciência é um convite para repensar as prioridades e os estilos de vida, tanto na igreja local quanto no esforço missionário mundial. Sem dúvida, igrejas e cristãos vivem contextos muito diversos: alguns estabelecidos na riqueza, onde a experiência da pobreza tal como vivida por milhões no mundo de hoje é praticamente desconhecida ... não há evangelização sem

---

<sup>11</sup>JOSGRILBERG, Rui, S. La tradición... p.124 e 125. Em seu artigo, continua trabalhando a questão de que ainda caminhamos em direção a este prolongamento de um "amarelado" projeto liberal.

solidariedade cristã que não envolva a partilha do conhecimento do Reino que é a promessa de Deus aos pobres.<sup>12</sup>

O documento produzido pelo Conselho Mundial de Igrejas reflete de forma clara a tendência da Evangelização como Salvação dos pobres e da pobreza, porém estes elementos devem estar nos levando a uma condição de melhor entendermos a nossa missão.

São pensamentos como este que acabam dividindo o "povo" da Igreja, alguns por não ter acesso aos documentos e nem mesmo à própria História, utilizando-se apenas da cópia de outros modelos. Poderíamos citar uma das maiores cobranças no meio do povo das igrejas locais: por que crescem as igrejas chamadas "pentecostais" e outros movimentos para-eclésiásticos, e não cresce a nossa igreja?

Culpam muitas vezes a forte ênfase "social" na Evangelização da Igreja Metodista. Na verdade, esta discussão continua presente hoje na Igreja de Dons e Ministérios.

### **III. DOS PLANOS QUADRIENAIIS PARA O PLANO PARA VIDA E MISSÃO DA IGREJA**

O Plano para Vida e Missão da Igreja, citado acima como marca de um novo momento na Igreja Metodista, e a continuidade dos Planos Quadrienais.

Encontramos no Plano Quadrienal de 1979-1982 a definição da ênfase da Igreja Metodista para este período:

(...) De quais ênfases estaríamos precisando, hoje, na vida e trabalho da Igreja Metodista no Brasil? É necessário reafirmar que tudo é e existe para a Missão, e que todos estão em missão. É preciso reconhecer que a atuação do Espírito Santo

---

<sup>12</sup>CMI. *Missão e Evangelização*, produzido pela Comissão de Missão e Evangelização do CMI, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista e Ciências da Religião, 1985, p.58 e 59.

proporciona crescimento e unidade impelindo a Igreja ao testemunho, serviço e evangelização no mundo, campo no qual a Igreja vive e opera. Deve-se recordar que, como Igreja, não estamos desvinculados de nossas raízes históricas-metodismo - e que somos participantes da problemática social, cultural, política e econômica do mundo de hoje, em especial do país em que vivemos... 5. Nada ou pouco valerá essa volta ao passado se a Igreja não estiver hoje disponível à ação renovadora do Espírito Santo. Em unidade e crescimento, pelo Espírito Santo, a Igreja - no conjunto de todos os seus membros e de tudo o que é e possui - realizará a missão em testemunho, serviço e evangelização. 6. sentimos a necessidade de uma renovação e revitalização da consciência vocacional do ministério pastoral, a fim de nos dispormos a pregar o Cristo exigido por ela.<sup>13</sup>

Encontramos no Plano Quadrienal de 1978 a pretensão de chegar a 100 mil membros. O número aparece na capa do documento e depois na sua contracapa. O tema deste Plano é: Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam.<sup>14</sup>

O objetivo do Plano está no crescimento da Igreja e no seu compromisso com a missão, porém destacamos que na lista das áreas de trabalho encontramos como primeira a Ação Social, depois Comunicação, Educação, Ministério Cristão e como quinta área Missões e Evangelização, a seguir Patrimônio e Finanças e finalmente Unidade Cristã.

O documento explica a necessidade de estar interagindo as áreas de trabalho, destacando que a Igreja caminha na direção do cumprimento da sua missão, trabalhando cada uma das áreas propostas pelo Plano.

A área de Missões e Evangelização, traz conceitos diferentes para Missões, Evangelização e Missão:

---

<sup>13</sup>IGREJA METODISTA. *Plano Quadrienal*, Conselho Geral da Igreja Metodista, 1979-1982 São Paulo, Ed. Imp. Metodista, 1978. p.13.

<sup>14</sup>Idem, p.15.

1. Conceitos: 1.1 - Missões significam abrir novas frentes de testemunho, evangelização e serviço cristãos, quer sejam no campo geral, regional ou local. 1.2 *Evangelização significa encarnar, nas formas mais diversas, o amor divino na realidade humana, de tal sorte que Cristo seja comunicado, aceito e vivido. Na proclamação, no testemunho e na ação, o objetivo é sempre sinalizar o amor de Deus na vida humana.* 1.3 Missão significa a renovação do ser humano todo e de todos os seres humanos em Jesus Cristo, bem como das estruturas sociais, através da presença, poder e ação do Espírito Santo. Todos os cristãos e todas as comunidades cristãs são instrumentos de Deus, visando à realização do seu propósito, em salvar os seres humanos e o mundo. O meio que Deus usa é o ser humano e o método usado por Deus é o da encarnação.<sup>15</sup>

O Plano descreve áreas de atuação em todos os níveis da Igreja, e meios pelos quais vai cumprir estas áreas de atuação e projeto.

Parece-nos que embora toda ênfase do Plano Quadrienal estava no crescimento da Igreja, "vamos aos Cem Mil", isto não se realizou. Pelas estatísticas do Colégio Episcopal em 1990 a Igreja contava com pouco mais de 82 mil membros,<sup>16</sup> mostrando talvez como um sinal o fato de não haver sido realmente colocado em prática o Plano e suas propostas.

A pergunta que poderíamos fazer é exatamente quais os motivos que não permitiram à Igreja seu crescimento e desenvolvimento numérico, como uma consequência natural da qualidade de seus documentos e propostas.

Entendemos que o crescimento numérico não representa isoladamente o "crescimento" da Igreja, porém tem sido este uma constante cobrança da comunidade Metodista diante de outros grupos, especialmente os Pentecostais.

---

<sup>15</sup>Idem, p.36 - grifo nosso.

<sup>16</sup>Colégio Episcopal da Igreja Metodista. *Igreja: comunidade Missionária a serviço do povo*, Estudos e orientações, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1991, p.76 e 77.

Em 1981 acontece a consulta nacional sobre a Vida e Missão da Igreja. O contexto é a comemoração dos 50 anos de autonomia da Igreja Metodista.

A introdução do PVMI indica que o metodismo brasileiro estava saindo de uma profunda crise de identidade e necessitava de um plano geral para a Igreja Metodista no Brasil. A ênfase está na Missão e Santificação e assim define:

Certamente aqui estamos diante da necessidade de revisarmos profundamente nossa prática de piedade pessoal e a necessidade de revisarmos nossos atos de misericórdia, entendidos como ação concreta de amor a favor dos outros. Estes são os dois caminhos que traduzem a visão de Wesley sobre a santificação na Bíblia. Missão e santificação só podem gerar a unidade... A adoção séria deste plano nos levará necessariamente ao crescimento em todas as dimensões de nossa vida e culto.<sup>17</sup>

O PVMI começa a apontar para uma preocupação de uma identidade Metodista na conjuntura Nacional. A preocupação tem como marca também sinais de crise com o "movimento carismático", presente especialmente na Sexta Região Eclesiástica.

A ansiedade pelo crescimento começa a gerar espaços e divergências, bem como o princípio das diferenças entre as igrejas Metodistas "tradicionais" e as "carismáticas".

Colocamos entre aspas os termos acima, pois cremos não serem estas as melhores palavras para definir as diferenças, porém, são as mais utilizadas pela Igreja, pela base e pelo povo.

---

<sup>17</sup>*Vida e Missão*. Decisões do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista e Credo Social da Igreja Metodista, Piracicaba (São Paulo), Ed. Unimep, 1982, p.7 e 8.

Voltemos ao PVMI. No item C encontramos uma lista de necessidades e oportunidades, que fazem parte da missão, isto é, o conhecimento de Deus, através da comunhão, da Igreja e do Bairro. Também indica a necessidade de cooperação bem como superar as tensões existentes em todos os níveis, entre pastores e leigos. (PVMI, Item C, p.14).

É interessante destacar aqui que estas tensões marcadas por pastores e leigos estão ligadas à estrutura da Igreja, caracterizada pela organização na forma de “cargos e poder”. Nessa estrutura, as eleições para cargos em nível Local, Regional e Geral, eram normalmente caracterizadas por conflitos e tensões no cotidiano da Igreja.

O Plano passa a enfatizar o papel da Igreja na Missão de Deus. Através de perguntas passa a responder à Igreja:

D) O que é trabalhar na Missão de Deus? - É trabalhar para o Senhor num mundo espremido pelas forças do pecado e da morte, participando, como comunidade, com dons e serviços para o nascer da vida( Jr 1.4-10, Fp 1.18-26, 3.10-11; II Tm 1.10, I Jo 3.14); - é somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida (MC 9.38-41; At 10.28, 15.8-11).<sup>18</sup>

O PVMI define o trabalhar na missão de Deus na luta contra as forças do mal, para o nascer da vida, e volta a insistir na unidade da Igreja, e cremos ainda, na força ecumênica da Igreja, nos relacionamentos interdenominacionais.

Encontramos então no PVMI a mesma disposição das áreas de trabalho, onde a Evangelização aparece como a Letra E, ou seja, a quinta da ordem.

---

<sup>18</sup>Vida e Missão...p.14.



O conceito sofre uma pequena alteração na definição do Plano Quadrienal, onde Missão e Evangelização apareciam juntos. Aqui encontramos somente a Evangelização, porque Missão acabou sendo definida em vários elementos do Plano.

E) área de Evangelização 1- Conceito: A Evangelização, como parte da Missão, é encarnar o amor divino, nas formas mais diversas da realidade humana para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor e Salvador, Libertador e Reconciliador. A Evangelização sinaliza e comunica o amor de Deus na vida humana e na sociedade através da adoração, proclamação, testemunho e serviço. 2 - Objetivos: 2.1 - confrontar o ser humano e as estruturas sociais com Jesus Cristo e o Reino por Ele proclamado a fim de que as pessoas e a sociedade confessem como Senhor, Salvador e Libertador, e as estruturas sejam transformadas segundo o Evangelho; 2. 2 - libertar a pessoas e a comunidade de tudo que as escravizam e conduzi-las à plena comunhão com Deus e o próximo.<sup>19</sup>

O Plano reutiliza os campos de atuação e os meios de atuação do Plano Quadrienal 79/82, definindo as áreas previstas para atuação na Evangelização e seus campos de trabalho.

Lamentamos que o Plano para Vida e Missão da Igreja, extremamente bem preparado, acabou por não chegar às bases das igrejas locais. A sua publicação pela UNIMEP, num período em que a Instituição vivia uma crise perante os leigos e a Igreja, juntamente com o desinteresse de pastores, acabou por inviabilizar muitas das propostas positivas que nele aparecem.

O Conceito de Evangelização parece estar, com estas pequenas alterações, indicando um novo pensamento para a Igreja Metodista nos anos 80. As pastorais e documentos dos Bispos vão conclamar a Igreja para a

---

<sup>19</sup>Vida e Missão...p.28.

Unidade e crescimento, porém ainda assim encontraremos o desconforto da Igreja diante da sua estrutura.

Outro elemento que devemos salientar aqui é que, por melhores que sejam os documentos da Igreja, dificilmente chegam ao seu "povo" . Assim, como assimilar as mudanças na vida da Igreja, quando um conceito está formado em 79, e em 82 um novo conceito se apresenta?

Muitas vezes leva-se anos para as propostas e documentos chegarem ao conhecimento das pessoas, embora a herança Wesleyana fosse de profundo interesse. Ainda assim, na igreja atual, esta não tem sido uma característica tão presente.

O PVMI trazia também elementos importantes para a configuração do Plano Diretor Missionário; uma primeira tentativa para definir o perfil do missionário (obreiro) e da missão (local) onde deveria ser desenvolvido este trabalho.

#### **IV. COLÉGIO EPISCOPAL E A TRANSIÇÃO PARA O PVMI**

Vamos encontrar um enorme esforço por parte do Colégio Episcopal para superar este período de crise no início dos anos 80, pela influência dos movimentos carismáticos, e pela dificuldade da própria Igreja como povo assimilar a importância da unidade em função do crescimento da Igreja.

Por isso, em 1980 encontramos um documento do Colégio Episcopal, intitulado "Ênfases Metodistas no Ministério Pastoral", com uma proposta de ação à luz do Plano Quadrienal 79/82, Cânones da Igreja Metodista, e que destaca especialmente as áreas de atuação do Pastor e da Pastora:

A função do pastor e da pastora, por sua própria natureza bíblica e missionária é, fundamentalmente, identificar-se com o ser humano, com sua comunidade, isto é, amá-la, dar-se com e por ela, participar de suas associações e anseios legítimos. Essa encarnação, por si só, é, pela ação docente, profética e evangelizadora que ela encerra e propicia, além de expressar a fidelidade à Palavra de Deus, tem o mérito, digamos, "estratégico" de "quebrar o gelo", afastar as desconfianças e os preconceitos típicos de um país e continente cuja maioria da população vê com reservas a presença do pastor e da pastora.<sup>20</sup>

A preocupação dava início pelo menos à reflexão mais séria sobre o Ministério Pastoral e suas áreas de atuação. O documento continua mostrando estas possibilidades de trabalho, enfatizando que "orar é muito importante. Cristão que não ora não respira. A oração faz crescer a nossa fé. MAS ISSO NÃO BASTA".<sup>21</sup>

As áreas de atuação vão na seqüência Política, Educacional, Social (no documento aparece o Credo Social da I.M.), Econômica, depois aborda os marginalizados e questões relativas à família.

Enfatiza então a função eclesial do pastor como Profeta, pregador, sacerdote, visitador e orientador, autoridade, questões do pastor e sua família e, finalmente, aspectos da ética pastoral.

Esta era uma tentativa de encontrar uma proposta de orientação para o ministério pastoral e fortalecer a unidade do clero, e conseqüentemente, da Igreja Local.

Vamos perceber mais adiante que embora seja um documento do Colégio, alguns destes problemas permanecem sem uma discussão mais

---

<sup>20</sup>IGREJA METODISTA. *Ênfases Metodistas no Ministério Pastoral*, Conselho Geral, São Paulo, Ed. Imp. Metodista, 1980. p.29.

<sup>21</sup>Idem, p.30.

profunda, e no projeto de Dons e Ministérios assumem uma nova dinâmica, por exemplo a questão da ética pastoral.

Naquele mesmo ano o Colégio Episcopal, diante do conflito das igrejas e pastores (as) vamos aqui chamar de "tradicionais", e igrejas e pastores (as) "avivados" ou "carismáticos", escreve uma pastoral para a Igreja : Pastoral Sobre a Doutrina do Espírito Santo e o Movimento Carismático.

O principal apelo está expresso na introdução desta Pastoral sobre a Doutrina do Espírito Santo e o movimento Carismático: no texto de Efésios 4.1-4, 15-16, em negrito: "esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz".<sup>22</sup>

A pastoral inicia saudando a Igreja, lembrando as tradições Wesleyanas, a nossa vocação, e finalmente a importância da unidade da Igreja, convocando os pastores e pastoras para utilizarem esta experiência na edificação do corpo de Cristo, lembrando o tema do Plano Quadrienal "Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam"<sup>23</sup>. E passa a definir o que é o movimento carismático na visão do Colégio Episcopal. Nesta definição destacam-se algumas expressões:

De uma certa forma, o movimento carismático, como já ocorrera, com o aparecimento de grupos pentecostais, reavivou na igreja a necessidade de se examinar de maneira mais conseqüente a ação e o ministério do Espírito Santo...A ênfase que se tem dado, de um modo geral, através da literatura carismática, tem sido na apropriação dos dons pela fé e não pelos sentidos, na busca de emoções.

e:

---

<sup>22</sup>COLÉGIO EPISCOPAL. Igreja Metodista, *Pastoral sobre a Doutrina do Espírito Santo e o Movimento Carismático*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1980 p.05.

<sup>23</sup>Idem, p.9 e 10.

Apesar de pouco generalizada, alguns grupos carismáticos procuram dar ênfase à unidade que deve existir entre evangelização e luta pela justiça social. Estes grupos procuram realçar a necessidade tanto de uma renovação pessoal, como a necessidade de uma renovação das estruturas sociais, baseados na convicção de que o Reino de Deus encontra uma das suas expressões mais importantes na realização da justiça social.<sup>24</sup>

O documento expressa com clareza a intenção dos Bispos em pedir a pastores(as) e leigos(as) o respeito às experiências diferentes e buscar na diversidade o caminho para a unidade da Igreja.

O ponto três, Normas de Orientação Pastoral, divide o documento em mais cinco pontos: Diretrizes para todos, para os pastores e pastoras carismáticos, para os pastores e pastoras não carismáticos, para os leigos que tenham tido experiências carismáticas e para os leigos não carismáticos.<sup>25</sup>

Os Bispos encerram a pastoral fazendo um apelo e se comprometendo a exercer o ministério episcopal pastoreando o rebanho de Deus:

Como Bispos da Igreja nos comprometemos a cumprir o nosso mandato, pastoreando sobre todo o rebanho de Deus, sem discriminações e preconceitos, a fim de sermos sempre sinal da unidade do povo de Deus e agentes da reconciliação de Deus em Cristo Jesus. "UNIDOS PELO ESPÍRITO, METODISTAS EVANGELIZAM"- se permitirmos que o Espírito Santo esteja presente na nossa vida e na vida da Igreja, frutificando essencialmente o amor, nos manteremos unidos, a despeito de nossas diferenças de opinião e de nossas experiências pessoais, e teremos o poder para evangelizar o mundo.<sup>26</sup>

A Evangelização acaba aparecendo como parte do apelo para a unidade da igreja. Evangelizar mesmo diante da diversidade, buscar a unidade mesmo com toda as diferenças de opiniões presentes.

---

<sup>24</sup>Pastoral sobre a Doutrina do E.S...p. 11 e 12.

<sup>25</sup>Idem, p.40 a 46.

<sup>26</sup>Idem, p.47.

Neste período o trabalho dos Bispos foi eficaz, contornando os conflitos e mantendo a unidade da Igreja Metodista no Brasil mesmo diante das diversidades de experiências vividas.

Porém, é muito provável que este período influenciou profundamente a preparação do Plano para Vida e Missão da Igreja e, conseqüentemente, a base da Igreja de Dons e Ministérios.

Este apelo para uma caminhada evangelizadora da Igreja Metodista gerou a produção de vários materiais para este momento da vida da Igreja, entre eles encontramos a produção do Manual de Evangelização, que na sua introdução nos diz:

Este manual de Evangelização faz parte de uma nova visão na Igreja Metodista, em que diversas áreas de serviço se envolveram para, que em tempo útil, este material chegasse às Igrejas para a grande arrancada evangelística...<sup>27</sup>

No Manual de Evangelização o autor cita a definição da Evangelização à luz do Plano Quadrienal 79-82, p.36, "A Igreja Metodista no Brasil definiu a Evangelização como a encarnação nas formas mais diversas da vida, do amor divino na realidade humana, de tal sorte que Cristo seja comunicado, aceito e vivido...", e comenta a importância de se aprofundar isto na prática da vida cristã.<sup>28</sup>

O Manual procura enfatizar toda a caminhada da missão da Igreja, desde a pessoa entender o que pode fazer como indivíduo e o que pode fazer como

---

<sup>27</sup>SANTEE, H. Darrel. *Manual de Evangelização*, Igreja Metodista Conselho Geral, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1980, p.06.

<sup>28</sup>Idem, p.07.

Igreja. É dividido em três partes principais: Comunidade de Apoio, Ministério de Alcance, Crescimento e Discipulado.<sup>29</sup>

A ênfase dada está numa Evangelização pessoal, O elemento "social", embora presente, está neste material de forma mais discreta, não sendo à primeira vista o "essencial" para a missão.

Ou seja, no mesmo ano em que havia uma ênfase dada pelo Plano Quadrienal e depois pelo PVMI, um documento editado também pelo Conselho Geral traz uma ênfase tão diferente. Inclusive, encontramos neste manual um estudo sobre o plano de Salvação (p.35) e formação de grupos E.C.O (Estudo Compartilhar e Oração, p.51).

Assim, a Igreja vai caminhando nesta década com algumas dificuldades para definir de fato a prioridade em termos do conceito prático e pastoral da Evangelização.

Seguindo mais de perto a linha do PVMI em 1983, Miguez Bonino fala na Semana Wesleyana, promovida pela Faculdade de Teologia, sobre Metodismo: releitura Latino-americana.

No trabalho de Bonino a ênfase está ligada à então chamada "Teologia da Libertação", e seu primeiro capítulo tem o título: Foi o metodismo um movimento libertador?"<sup>30</sup>

A preocupação está ligada à questão histórica do compromisso social do Metodismo à luz do ministério de J.Wesley. Este pensamento vai marcar todo o seu trabalho, produzindo um desafio de uma reflexão da prática

---

<sup>29</sup>Idem, p.09.

evangelizadora aliada a um forte compromisso social, diferente do Manual de Evangelização citado acima, onde a salvação passa pelo plano mais pessoal e individualista.

Destacamos, assim, entre os pontos abordados nas palestras proferidas pelo Dr. Bonino, um elemento na visão de Wesley sobre seu Ministério:

A atitude de Wesley no tema do ministério, intimamente ligada à sua relação com a Igreja Anglicana, corrobora e completa este quadro. Wesley efetivamente aceita a tríplice ordem de sua Igreja - ainda que com o tempo, chega a considerá-la convenientemente e legítima, mas não essencial... Há um preço que não está disposto a pagar ainda pela unidade: *sei que Deus não tem confiado uma dispensação do evangelho; sim, minha própria salvação depende de pregá-la. Se pois não posso permanecer na igreja sem deixar de fazê-lo, sem desistir de pregar o evangelho, ver-me-ia a necessidade de abandoná-la ou de perder minha própria alma.*<sup>31</sup>

Esta visão é discutida durante o encontro e marca um período de reflexão sobre o que deveria mudar na Igreja Metodista, o que deveria ser renovado, e o grupo presente recebe estas informações a respeito da caminhada da Igreja diante de uma "nova visão" agora sobre o prisma da Teologia da Libertação, de uma evangelização mais comprometida com o Social.

Se o próprio Wesley admitia romper com a Igreja Anglicana em favor da missão, de sua vocação e evangelização estes elementos marcam uma nova forma de pensar, especialmente para os pastores em fase de formação que estavam recebendo tais informações.

Ainda em 1983 é publicada uma outra obra do Bispo Barbieri, onde fala a respeito dos Aspectos do Metodismo Histórico. No segundo capítulo de seu

---

<sup>30</sup>BONINO, José Míguez. *Metodismo: releitura Latino Americana*, Piracicaba (São Paulo), Ed. Editora Unimep e Faculdade de Teologia da I.M.B., 1983, p.05.

<sup>31</sup>Idem, p.44.



livro mostra a ação social do Metodismo primitivo, destacando a expressão de J.Wesley:

Esforçar-me-ei por mostrar que o cristianismo é essencialmente uma religião social; e que reduzi-la tão só a uma expressão solitária é destruí-la, e que ocultar esta religião é impossível e completamente em oposição ao propósito do seu autor... Por cristianismo eu entendo o método de adorar a Deus como foi pregado ao homem por Jesus Cristo ... Quando digo: esta é essencialmente uma religião social, digo não só ela precisa da sociedade para existir, mas que não pode subsistir, de nenhuma forma sem ela; isto é que deve viver e conviver entre os seres humanos...Forçosamente, ele esperava que os membros das Sociedades Unidas fossem pessoas de costumes sóbrios e éticos em meio a uma sociedade libertina, corrompida, irreligiosa, sem senso moral pessoal ou social... A obrigação do Metodista era a de se abster do mal e ser fator de renovação moral e espiritual na sociedade...<sup>32</sup>

O texto de Sante procura trazer à mente do metodista que lê o documento a importância da Evangelização comprometida com as questões sociais, a sociedade em si, a partir da própria visão de Wesley.

Parece-nos não ser esta ainda a visão das igrejas locais. Encontramos em diversos momentos a reação contrária a esta visão, ainda que o Bispo Sante, em seu trabalho no capítulo IV, passe a discutir a Pregação e a Evangelização, numa perspectiva pastoral e missionária.

Cita novamente J.Wesley: "Todo Metodista deve estar pronto a pregar e a morrer".<sup>33</sup> Para J. Wesley, a Evangelização era o ponto fundamental da sua vida e ministério. Quando proibido de pregar em sua Igreja, sobe no túmulo de seu pai, e afirma "ser o mundo a sua Paróquia".

---

<sup>32</sup>BARBIERI, Sante Uberto. *Aspectos do Metodismo Histórico*, Piracicaba (São Paulo),Ed. Unimep, 1983. p.10.

<sup>33</sup>Idem, p.23.

Essa paixão evangelizadora de João Wesley era contagiosa, e a pessoa que se sentia realmente uma nova criatura em Cristo convertia-se em evangelista. Sentia a mesma urgência que o apóstolo São Paulo, quando exclamava: "Ai de mim, se não pregar o Evangelho" (I Co 9.16).<sup>34</sup>

No final de seu texto, o Bispo Sante declara que a luz da vida e o testemunho de Wesley e do Metodismo histórico, a sua visão de Evangelização, apresentam-se de forma clara e bem pessoal:

Eu creio que há um chamado urgente de Deus para que preguemos a tempo e fora de tempo, onde quer que seja, em qualquer oportunidade...Não chegou a hora de interromper a pregação de evangelização para que nos empenhemos tão somente numa obra de libertação econômica, por mais urgente e justa que seja. O ser humano, homem ou mulher, precisa de "pão" para o desenvolvimento sadio da sua vida física, porém não pode prescindir de Deus, a fim de alcançar vida plena com projeção de eternidade.<sup>35</sup>

Encerra o seu trabalho mostrando de fato a importância da Evangelização integral, onde é importante o "pão" para o faminto, para a vida, mas é fundamental o conhecimento de Cristo como o Pão da vida.

Este trabalho do Bispo Sante, como inúmeras outras publicações, causou uma fermentação no pensamento da Igreja Metodista e de uma forma especial na avaliação do PVMI.

Embora considerado e presente nos Cânones da Igreja Metodista, o PVMI para muitos é desconhecido, o que dificulta o próprio conhecimento do pensamento da Igreja sobre sua tarefa Missionária e o conceito de Evangelização.

---

<sup>34</sup>Aspectos do Metodismo...p.27.

<sup>35</sup>Aspectos do Metodismo...p.30.

Devemos destacar aqui alguns elementos importantes para a caminhada da Igreja nos anos 80, através das Atas e Documentos dos Concílio Geral de 78, 82 e 91. Praticamente nestes Concílios encontramos a base para a mudança do próprio comportamento e pensamento da Igreja, onde a estrutura através do "poder" delegado pelas eleições dá espaço a uma Igreja de Dons e Ministérios.

Entendemos que os Bispos passam a perceber a necessidade de mudanças ao longo destes anos. Encontramos no livro de Atas e Documentos do Concílio Geral de 78 a preocupação dos Bispos expressa na mensagem ao XII Concílio Geral:

...Conscientes, pois, da magnitude da tarefa que nos aguarda, sentimo-nos pequenos e incapazes; mas erguendo nossos olhos para o Senhor da Igreja - Jesus Cristo, recordamos de suas consoladoras palavras aos seus discípulos do passado, após a grande comissão: "Ide portanto fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século"(Mt 28.19-20). Estamos plenamente convictos de que esta promessa tem sido cumprida em cada um de nós, através da vida e das realizações da Igreja Metodista, no Brasil. ... Como no passado, Deus tem uma mensagem para o seu povo hoje; e através deste Concílio, Ele deseja falar aos Metodistas do Brasil;(...) <sup>36</sup>

#### **V. AVALIAÇÃO DA IGREJA PELA IGREJA**

A preocupação dos Bispos era de fato alertar a Igreja sobre aspectos da sua vida e seu compromisso com o Reino de Deus e seus valores. Durante o Concílio é apresentado o relatório do crescimento da Igreja, especialmente nos campos missionários do Nordeste:

**Dados Estatísticos** - comparando-se três dos principais itens das Estatísticas em 2 anos, de 1976 e 1977, por exemplo, encontramos o seguinte crescimento: (a) número de membros (líquido) em 31/10/76...699, em 31/10/77 ... 930. Isto significa um crescimento líquido de 35% em um ano! (b) número de Congregações e Pontos Missionários: em 31/10/76...34, em 31/10/77 ...51. Isto representa um crescimento de 50% em um ano! (c) total levantado (finanças locais) em 31/10/76...262.806,00, em 31/10/77... 553.019,00. Isto representa um crescimento de mais de 100% em um ano!<sup>37</sup>

O relatório reflete parte da preocupação da Igreja: o crescimento também numérico. Sentimos um entusiasmo do relator ao mostrar os índices de crescimento da Igreja nos campos missionários do Nordeste de nosso País.

Este crescimento será reconhecido e aprovado no XV Concílio Regional, como Região Missionária. Ao mesmo tempo, os Campos Gerais Norte e Noroeste recebem neste Concílio a designação de um Bispo compondo em número de oitos Bispos o Colégio Episcopal.

Em 1977 vamos encontrar uma avaliação da vida da Igreja através da participação de algumas Regiões Eclesiásticas e Instituições da nossa Igreja, conforme citação abaixo:

Em contrapartida, encontramos um relatório da avaliação da Igreja Metodista realizado em 1977 aos Conselhos Regionais da 2a., 4a., 5a., e 6a. Regiões Eclesiásticas, Instituto Metodista de Ensino Superior, Instituto Metodista (Chácara Flora) e a Imprensa Metodista.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup>Igreja Metodista. *Atas e Documentos do XII Concílio Geral 1978*, SBCampo, Ed. Imprensa Metodista, 1981 p.69.

<sup>37</sup>Idem, p.80.

<sup>38</sup>Atas e Documentos XII... p.88 a 96. A avaliação estava dividida em três itens básicos: Avaliação da situação Material, Moral e Espiritual, baseada no Art 73, no.06, em que o Conselho Geral avalia a Igreja. Os parâmetros utilizados estão baseados no artigo 73, parágrafo 2o.dos Cânones da Igreja Metodista. A avaliação foi feita, houve dificuldade na compreensão da questão da Situação espiritual da Igreja. Encontramos várias considerações positivas sobre a vida da Igreja e o seu crescimento nas áreas pesquisadas.

Nesta avaliação os elementos apontados sugerem uma série de elementos que caracterizam a vida da Igreja. Nas avaliações Gerais encontramos uma lista de aspectos positivos apresentada pelos setores pesquisados, nas regiões e nas instituições. Citemos alguns:

(Nas regiões): a) fidelidade na mensagem; b) equilíbrio, c) humildade (de maneira geral, reconhecemos nossas falhas e limitações); d) despertar espiritual; (2) principalmente da mocidade; e) despertar vocacional, f) integração das instituições de Ensino na vida total da Região, g) dinamização do Patrimônio existente, visando ao cumprimento da Missão de Deus; h) busca da plenitude do Espírito Santo para a capacitação da tarefa da Igreja, especialmente por uma vida digna do Senhor; (Orgãos/Instituições): a) realização de cultos semanais; b) produção de literatura completa para a Igreja Metodista e outras denominações evangélicas; c) bom relacionamento Instituições X funcionários...<sup>39</sup>

Estes aspectos positivos sem dúvida alguma são relevantes para a vida da Igreja Metodista, em suas regiões e Instituições, o que é importante para a vida e crescimento da Igreja.

Porém, o relatório aponta também aspectos negativos citados pelas regiões e instituições avaliadas:

a) conformismo (pessoal e coletivo), falta de ardor na evangelização; b) falta de maior visão da Missão, c) falta de instrução doutrinária, d) falta de recursos financeiros, e) falta de elemento humano especializado, f) relacionamento pastoral freqüentemente prejudicado em razão da extensão geográfica da região, g) deficiência no trabalho da Sociedade Metodista de Homens, h) falta de pastores (maioria tempo parcial), i) ignorância bíblica doutrinária quanto às bases Metodistas, j) apego dos membros ao dinheiro. (Pouca liberalidade no contribuir); l) "pastores preocupando-se muito com empregos fora da Igreja e aos poucos substituindo o trabalho do Senhor por uns poucos trocados a mais". Depois disto nem sequer o trabalho de um leigo normal querem fazer".<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup>Idem p.93.

<sup>40</sup>Atas e Documentos do XII...p.94.

Neste relatório encontramos alguns elementos interessantes para nossa reflexão. Em primeiro lugar o destaque do que é negativo está na área de Evangelização, ou seja, a falta de ardor evangelizante.

Embora o relatório com a avaliação final do Conselho Geral mostra como positiva e com melhoria a vida da Igreja, os aspectos negativos mostram dificuldades no que chamaríamos de vital para a Igreja. Primeiro, pelo "conformismo" pessoal e coletivo, apresentado pelo relatório. Se ele existe, é sinal de que o tão almejado crescimento de fato não está acontecendo. Só se, por um milagre da ação divina, Deus envie novos membros para receber na Igreja as Boas Novas. Em segundo, enquanto não se tiver ardor pela Evangelização, dificilmente será encontrada uma visão clara da Missão da Igreja. Esta é a nossa grande preocupação. Em conseqüência, encontramos a falta de recursos financeiros, onde na letra "j" o relatório mostra uma apego dos membros ao dinheiro e pouca liberalidade para contribuir.

O relatório mostra na letra "h" falta de pastores (indicando a maioria como parcial) e na letra "l" acusa os pastores de trocarem o serviço do senhor por "uns trocados a mais". Não seria este o reflexo da letra "j", ou seja os membros não contribuem para a vida da Igreja? Onde não existe liberalidade para contribuir, como o pastor (a) poderá ministrar e sobreviver em uma comunidade "apegada ao dinheiro", sem poder expressar sua necessidade pessoal e familiar?

Será que o que precisa ser revisto como um novo momento para a vida da Igreja está exatamente nas diretrizes do que ela é, o que ela tem e onde

espera chegar como Igreja? E a partir daí recobrar suas forças, vencer o conformismo e recuperar seu ardor missionário.

Creemos que o caminho não está em ler nos relatórios elementos que possam culpar estes ou aqueles, mas encontrar uma dimensão maior da vida da Igreja.

A conclusão do relatório do Conselho Geral recomenda:

4. O Concílio Geral deve preocupar-se com estes e outros aspectos da situação material - moral - espiritual da Igreja dando-lhes especial atenção quando tratar do próximo plano quadrienal. Provisões corajosas são necessárias . A igreja como um todo, em oração suplicante, aguarda com esperança a manifestação da vontade de Deus nos trabalhos do Concílio de julho próximo...<sup>41</sup>

Outros aspectos negativos foram apresentados também nas instituições pesquisadas, configurando as dificuldades de uma Igreja, suas Instituições e a presença de pessoas tentando fazer a vontade de Deus. Porém, para este momento, a prioridade está em detectar elementos que nos apontem a direção da nossa vocação e compromisso Missionário.

O XIII Concílio Geral, realizado em Belo Horizonte, em Julho de 1982, vai aprovar o PVMI como um plano que atenda a todos os níveis da Igreja em sua ação e trabalho. Encontramos assim registrado na Ata:

Plano Vida e Missão da Igreja. Ely Eser Barreto César faz a introdução do "Plano Vida e Missão da Igreja", que deverá nortear a programação das atividades da Igreja Metodista, em todos os seus níveis, no próximo quadriênio. Fornece informações a respeito das pessoas que participaram do processo de elaboração do referido plano. Informa, também, que o Conselho Geral, após parecer do Colégio Episcopal, discutiu e aprovou o texto final do Plano. O Documento está fundamentado em três fontes: a) texto básico da Consulta Vida e Missão,

---

<sup>41</sup>Atas e Documentos do XII...p.96.

realizada pelo Conselho Geral como parte das comemorações do Jubileu de Ouro da Autonomia da Igreja Metodista; b) documento enviado pelo Colégio Episcopal ao Conselho Geral contendo objetivos, bases, metas e prioridades para o próximo quadriênio; c) texto do atual Plano Quadrienal, especialmente relativo às áreas da Missão e sua estruturação.<sup>42</sup>

O PVMI nasce então como uma proposta para a vida e missão da Igreja.

O encaminhamento dado durante o Concílio Geral é a divisão em Grupos e o estudo de cada item.

Aprovação Global do "Plano para Vida e Missão da Igreja". O Presidente declara em ordem, como matéria para ser votada globalmente, depois de exaustivamente examinada, o "Plano para Vida e a Missão da Igreja". Setenta e oito conciliares votaram a favor, dois contrariamente e um, em branco. Aprovado (doc.nove).<sup>43</sup>

Embora aprovado o Plano para Vida e Missão da Igreja, um dos itens que não recebeu praticamente nenhuma alteração foi exatamente Missão e Evangelização, permanecendo como área "E" na mesma ordem dos planos quadrienais anteriores.

Destacamos o ingresso da Igreja Metodista no CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs), um assunto polêmico neste Concílio, que o aprovou. Este é um elemento importante na definição do pensamento da Igreja, quanto ao seu relacionamento Ecumênico e a dimensão da sua Evangelização.

---

<sup>42</sup>Igreja Metodista. *Atas e Documentos do XIII Concílio Geral*, B.H., 1982, p.10.

<sup>43</sup>Atas e Documentos do XIII...p.28.



A discussão do tema foi profunda: 34 oradores inscreveram-se para discutir a matéria, sendo verificado o "quorum" para votação. Dos 85 delegados presentes, 45 votaram a favor e quarenta contrariamente.<sup>44</sup>

Mas é na mensagem do Colégio Episcopal que encontramos um chamado para o despertar da vida da Igreja e seu compromisso com a Evangelização. O texto sobre o tema é longo e gostaríamos de destacar aqui alguns dos pontos principais da Palavra dos Bispos neste Concílio:

II - Evangelização - Evangelizar é termo por demais conhecido. Oferecendo até o perigo de saturação. A nosso ver, a projeção vai mais longe ainda: realmente, no que se refere à evangelização, nós todos navegamos num mar poluído pelos incontáveis absurdos que se diz, escreve e se ouve sobre o assunto. Bem no fundo, a gente visualiza um total desrespeito à pessoa humana, através da manipulação das máquinas operadas pelo cifrão, explorando a ignorância e a boa fé. Lamentavelmente nossa gente metodista está caindo nas malhas dessa evangelização cara e que barateia a mensagem total do Evangelho de Cristo.... 3) Evangelização é tarefa permanente da Igreja. É o seu normal...A Igreja que evangeliza se revitaliza...4) o Colégio Episcopal entende e proclama que nossa evangelização precisa fundamentar-se na totalidade da mensagem bíblica....precisa ser expressão real de uma igreja impulsionada e orientada pelo E.S. ...precisa ter a visão, a coragem e o bastante poder para proclamar como Wesley "Eu tomo o mundo como minha paróquia"...precisa estar comprometida com Cristo e o ser humano...precisa permanentemente encarar seu compromisso com a luta e a justiça social , dentro do Espírito de nosso credo social...precisa responder presente onde não houver vida plena...precisa ter como ponto de partida a Igreja local...precisa envolver definitiva e irredutivelmente o laicato...nossa evangelização necessariamente sinaliza o fato que" evangelizar é encarnar o Evangelho de Cristo"...nossa mensagem evangelizante é para comover, mover e remover tudo quanto ofusca a imagem de Deus na pessoa humana. (Ref.Bíblicas: Jo 3.16, I Co 3.11., Rm

---

<sup>44</sup>Atas e Documentos do XIII...p.17 e 19, atitudes e situações como esta marcam a vida da Igreja e também a sua "dificuldade" muitas vezes para compreender exatamente qual o caminho que deve seguir como Igreja. Percebemos que o ingresso da Igreja no CONIC é um elemento da contrariedade de quase 50% do plenário presente. Encontramos ainda nas Atas posteriores o registro dos votos contra e tentativa de reconduzir a matéria ao plenário.

1.16, II Co 5.18-20, Mt28.18-20, MC 1.16 e Pastoral sobre o E.S. e o Movimento Carismático).<sup>45</sup>

A Palavra dos Bispos certamente expressa o desejo mais profundo da Igreja. Pelo menos, esta deve ser a postura esperada por parte dos Bispos sobre sua Igreja.

Creemos ser importante destacar, em primeiro lugar, que as referências ligadas a uma "evangelização" comercial, mais presente ainda nos dias de hoje, apontam-nos a entender que no mínimo a Igreja Metodista é "inteligente".

Ou seja, prega um Cristo, mas oferece alternativas para aquele que vai receber a Palavra de Deus, não só como um objeto de manipulação da fé e nem tão pouco econômica e financeira.

A grande questão está em se de fato o povo da Igreja, o "leigo" conforme citado acima, está entendendo que a tarefa da Evangelização é parte da sua vida e ministério na Igreja Local, e que é responsabilidade permanente sua, e não só de um grupo ou de algumas pessoas.

A visão da Evangelização expressa pelos Bispos no Concílio de 82 mostra a preocupação presente com a vida da Igreja e com a postura dela frente aos movimentos emergentes, como exemplo o próprio movimento carismático. O apelo à Unidade da Igreja resulta da preocupação dos Bispos em ver o crescimento da mesma.

Na avaliação dos Bispos encontramos elementos que apontam o descontentamento com o crescimento da Igreja, ou seja, não atingiu a proposta

---

<sup>45</sup>Atas e Documentos do XIII..., Anexos p.II e III. Cada item "precisa..." é comentado no documento original.

feita pelo plano quadrienal anterior, comentando inclusive que fora mal interpretada a visão dos "Cem mil Metodistas":

...A Igreja como corpo de Cristo precisa crescer. Crescer em número e crescer em responsabilidade. Crescer em tamanho e crescer em compreensão... crescer quantitativamente e crescer qualitativamente... Mas, irmãos e irmãs, convenhamos, a Igreja Metodista não cresceu como se esperava, no decorrer do quadriênio. Não me refiro à visão de um sonho não muito bem interpretado na forma dos CEM MIL METODISTAS. É preciso que saibamos que a Igreja não sonha pelos números, e sim pela fé. Ficamos aquém do que queríamos...A igreja como missionária está indo; a Igreja como sentinela no mundo está sempre acordada e alerta, porque também pronta e capacitada para o exercício da Missão. Evitemos o euforismo barato e igualmente o derrotismo malévolo - um e outro a nada conduzem; saibamos que o Reino de Deus está entre nós e quer a nossa participação nEle, no agora do momento histórico do Brasil e do mundo. Aí estão os nossos esteios: Santificação, Evangelização, Unidade e Crescimento. A tudo isto acrescentamos o vínculo do amor, a ousadia da fé sob a unção e o comando do Espírito Santo. Amém. Aquele que disse "IDE" também disse: "Eu Estarei convosco todos os dias"...<sup>46</sup>

A palavra dos Bispos revela a preocupação com o crescimento da Igreja em todas as direções, demonstrando que os números também são importantes para a vida e a caminhada da Igreja como comunidade de fé.

O Plano para Vida e Missão da Igreja procura nortear nesta década a preocupação da pastoral da Evangelização na dinâmica da vida e crescimento da Igreja.

Há que se questionar ainda o porque deste crescimento não estar acontecendo, tanto o crescimento numérico quanto nas demais áreas da vida da Igreja. A Palavra dos Bispos reflete a preocupação com a Unidade diante

---

<sup>46</sup>Atas e Documentos do XIII...p.IV e V anexos.

da diversidade, mas ao mesmo tempo, demonstra a insatisfação com os resultados apresentados por esta Igreja.

Quando encontramos alguns documentos do XIV Concílio Geral, no relatório da Secretaria Geral de Evangelização, o então, Rev. Paulo Lockmann manifestou-se:

a) (O Geral) se não for possível, os (regionais) precisam ser de tempo integral. b)" não acredito num trabalho que não disponha de mais recursos para a execução de seu trabalho". Ele considerou desestimulante ter que depender de recursos de fora para a realização do seu trabalho. c) é urgente para a Igreja no Brasil, a produção de material prático, como, por exemplo, folhetos, manuais de discipulado, de visitação a hospitais, a presídios, etc. d) afirmou o Rev. Lockmann que é preciso "carregar na ênfase de que ser Metodista é ter um compromisso com a conversão do ser humano a Cristo e a mudança da sociedade para a construção do Reino, como pano de fundo para a nossa prática evangelizante."<sup>47</sup>

No relatório das Secretarias e Instituições ligadas à área Geral encontramos a preocupação do crescimento da Igreja, encontramos a descrição da frustração de alguns projetos não chegarem a ser realizados.

Destacamos na Palavra do então Rev. Paulo Lockmann a sua preocupação com a área da Evangelização, destacando em primeiro lugar a necessidade de um obreiro(a) de tempo integral para articular a área Geral e as áreas Regionais.

Por outro lado, destaca a carência de recursos para executar os projetos e assinala a impossibilidade de realizar um ministério dependendo de recursos do exterior.

---

<sup>47</sup>Relatório do Conselho Geral para o XIV Concílio Geral, documento não publicado. Extraído do relatório da Secretaria Geral de Evangelização, Rev. Paulo Lockmann - Secretário Geral, atualmente Bispo da 1a.R.E.

Isto, para a vida da Igreja, revela a realidade das necessidades que têm marcado diversos projetos da vida da Igreja. E voltamos ao relatório do Conselho Geral para o XIII Concílio Geral, onde avalia-se a carência de recursos financeiros, destacando o "apego dos membros ao dinheiro, e a não liberalidade para contribuir". Em contrapartida, o mesmo relatório cobra dos pastores que deixam o ministério "por alguns trocados a mais" .

Não seria também este um dos motivos pelo qual a Igreja não tem encontrado o caminho para sua autonomia e crescimento? Como pode o projeto de Evangelização Igreja em nível nacional não ter recursos para o seu autogerenciamento?

#### **VI. O INÍCIO DO PROJETO DONS E MINISTÉRIOS**

São questões como esta que marcaram a mudança da Igreja, a extinção do Conselho Geral, e a criação do Projeto de Dons e Ministérios, trazendo mudanças para a vida da Igreja e conseqüentemente entendendo ser este um projeto missionário.

O Concílio de 1987, o XIV, vai aprovar certamente uma mudança importante para a vida da Igreja Metodista, o Projeto "Dons e Ministérios".

O Plano para a Vida e a Missão do Concílio de 1987, tem suas raízes nos Planos Quadrienais de 1974 e 1978. O Movimento missionário denominado Dons e Ministérios de 1987 é uma conseqüência natural deste longo processo. Por esta razão, todas aquelas pessoas que procuraram enxergar a natureza desta caminhada se impressionam com o enredo histórico que vai se desenrolando, em diferentes capítulos, deixando o fio da meada cada vez mais visível. Todas as pessoas concluem que esta só pode ser uma obra do Espírito.(...) "Dons e Ministérios não são palavras mágicas capazes de, por si, corrigir o espírito centralizado de nossas igrejas". Se nossa participação se esgota em nós ou até mesmo na igreja e não promove a missão, isto ainda é Igreja centralizadora.(Bispo Isac)...A Igreja de Dons e

Ministérios é aquela que saberá reconhecer a mutualidade dos diferentes dons, possibilitando a unidade na diversidade.<sup>48</sup>

Os Bispos começam a ter uma nova compreensão do movimento de Dons e Ministérios, encarando-o como um projeto missionário de alcance, apontando para a Igreja como toda missionária.

Entretanto, a pergunta que pode surgir é se de fato isto vai mudar a vida da Igreja Metodista, seu conceito de Missão e ministério prático missionário.

Os Bispos convocam a Igreja para a "Caminhada do Compromisso" através da experiência de Abraão, enfatizando:

...tempo disponível para comunhão e adoração a Deus, erguendo-lhe um altar (Gn 12.7-8). Sua caminhada missionária "sai da terra e vai para a terra que te mostrarei...entende ser a caminhada de Abraão "um processo de maturidade"...uma caminhada de esperança (Hb 11.8-12).<sup>49</sup>

A dinâmica de Dons e Ministérios não é a redescoberta da "roda", mas antes de tudo uma "abertura ao sopro do Espírito Santo, revelando novos caminhos na caminhada da missão".<sup>50</sup> Os Bispos passam a acreditar e demonstrar que depois da história dos planos quadrienais surge um momento missionário novo para a Igreja. Este momento é chamado Dons e Ministérios.

Os Bispos dividem este documento citado acima em momentos de compromisso, Missionário, Unidade, Esperança:

Caminhar na dinâmica do Compromisso dos Dons e Ministérios, do compromisso missionário, com unidade e esperança, são desafios urgentes que deverão ser encaradas, agora, com verdadeiro denodo cristão. O momento é crucial e

---

<sup>48</sup>Agentes da Missão. *A Igreja de Dons e Ministérios a visão dos Bispos Metodistas*, Piracicabab (São Paulo), Ed. Agentes da Missão, 1991.p.9 a 11.

<sup>49</sup>A igreja de Dons e Ministérios...p.13.

<sup>50</sup>Idem, p.14.

profundamente desafiador, em todas as áreas da realidade brasileira. Nossa Igreja porém não pode curvar-se diante destes sinais da morte. Ao contrário ela ergue bem alta o pendão da justiça, da paz, da esperança e da solidariedade.<sup>51</sup>

Este novo momento na vida da Igreja deve desembocar em uma nova realidade da Igreja Metodista. A mudança que acontece está não somente no plano, mas agora na estrutura da Igreja.

Em seu artigo "mudança de uma Igreja centralizadora para uma Igreja participativa", O Bispo Isac Aço mostra a mudança da Igreja de "cargos" e "centralizada" para a Igreja participativa.<sup>52</sup>

Define como igreja centralizada a igreja voltada para si mesma. Este é, sem dúvida alguma, um dos elementos que contribuíram para o não crescimento da Igreja.

No momento em que a pessoa procura receber um cargo sem um envolvimento com a missão, esta pessoa está longe de um compromisso maior com Deus e com a própria missão por Ele proposta.

Uma igreja não centralizadora é aquela onde as formas de ser igreja não se limitam às estruturas consagradas por uma mentalidade e uma teologia eclesiocêntrica e templocêntrica onde o sagrado está no local e não na vida, no sábado e não nas pessoas. Ao contrário uma igreja participativa de ministérios está na escola, na creche, na fábrica, na rua, no campo, na família, nos sem-família. É uma **Igreja - em - serviço** não uma igreja - para - si... Vivemos um momento "sui generis". Temos a tentação do poder e a estrutura que facilita a centralização. Entretanto a missão é maior, e os desafios são grandes e por amor ao mundo, estamos chamados a repartir os ministérios por tantas frentes quantas as que estão abertas e que são inúmeras.<sup>53</sup>

---

<sup>51</sup>Idem, p.23.

<sup>52</sup>Idem, p.25 a 30. O artigo do Bispo Isac é contundente em mostrar as dificuldades experimentadas especialmente por pessoas "eleitas" para cargos, e alguns casos se perpetuaram na função sem contudo ter a capacidade de utilizá-lo para o serviço e a missão.

<sup>53</sup>A Igreja de Dons e Ministérios...p.29 e 30.

A visão do Bispo Isac R.A. Aço mostra a preocupação com a nova dinâmica de Dons e Ministérios frente à estrutura de cargos e poder. A medida que a Igreja começa a entender seu papel fora dela, dos limites das quatro paredes, ela passa a cumprir o mandato do Ide de Jesus, "até os confins da terra..."

Para o Bispo Nelson Luiz Campos Leite, Dons e Ministérios exigem mais que uma tomada de consciência:

Hoje somos desafiados não apenas à tomada de uma consciência, mas a um desafio a um comprometimento. Lucas 14.25... A pergunta é: estamos prontos a pagar o preço? O preço de uma nova vivência no Espírito, na Igreja, em uns para com os outros. Somos desafiados a um comprometimento em unidade, diversidade, mutualidade e solidariedade. Solidariedade... (.) de Deus para conosco - aceitação (.) de nós para com Deus - adesão (.) de uns para com os outros - comunhão (.) para com o Evangelho do Reino - identificação (.) para com as pessoas, grupos sociais, nosso tempo e a história - encarnação (.) para com a Igreja e a Missão que o Senhor conferiu - ação efetiva...Dons e ministérios somente será efetivo em nossa vida cristã e na Igreja, se for expresso na força do Senhor, na graça de Deus e na ação do Espírito.<sup>54</sup>

O Bispo Nelson mostra a importância do compromisso com o projeto Dons e Ministérios não ser só um "plano" substitutivo, ou que saia da "gaveta", mas do nosso compromisso maior na composição desta nova Igreja, neste novo momento e forma de organização.

Esta preocupação é expressa na carta dos Bispos aos membros da Igreja Metodista, intitulada Servos e Servas (...), no item 17.



Dons e Ministérios mobilizam igrejas locais, regiões e instituições. A caracterização da forma de ser Igreja ( mais do que um programa ou projeto) conhecida como dons e ministérios, já está evidenciando sinais de revitalização, crescimento e vivificação no serviço, em igrejas e projetos pastorais por vários pontos no país. As reações e estilos não são uniformes. Mas caminham nesta direção fundamental: ser Igreja Missionária, Igreja na qual, sob o poder e autoridade do Espírito Santo, todos são ministros, Igreja que se dispõe ao serviço, Igreja voltando-se para as necessidades do mundo, no qual se localiza.<sup>55</sup>

A carta dos Bispos marca o final da década, a preparação para um novo Concílio Geral, e a preocupação com a Unidade da Igreja. Enfatiza especialmente o papel da Igreja de Dons e Ministérios, dentro de um contexto de compromisso com as necessidades sociais que marcam as proximidades da Igreja e sua realidade conjuntural.

O próprio artigo 17 fala de possibilidades práticas e factíveis, como pastoral com meninos e meninas de rua, pequenos agricultores, sem-terra, idosos, etc.

A preocupação está em de fato detectar as possibilidades da igreja frente à realidade que a cerca. Cremos que a carta dos Bispos trazia mais uma vez a preocupação da direção que a Igreja precisava tomar para a nova década que estava chegando.

Na carta no artigo 30, os Bispos ressaltam nossa paixão evangelizadora:

- A experiência da Graça, através do Espírito Santo, torna-se a força vital da propagação do crescimento metodista. A experiência de testemunho interno do Espírito (Rm 8.12-17) vitaliza todo o ser na relação com Deus, com o próximo e consigo

---

<sup>54</sup>Idem, p.40. O artigo desta vez é do Revmo. Bispo Nelson, " Aspectos pastorais dos dons e ministérios", baseados no texto de Ef 4.7-16 (especialmente).

<sup>55</sup>Colégio Episcopal. Carta dos Bispos aos *Servos, Servas, Sábios e Sabias, Santos e Santas, Solidários e Solidárias*, SBCampo, Ed. Imprensa Metodista, IMS Instituto Metodista de Ensino Superior, 1989, p.12.

mesmo. É um incontável poder de comunicação que tirou a igreja das quatro paredes dos templos, levando-a às pequenas comunidades (às classes), boca das minas, praças públicas e todos os lugares, onde as pessoas de qualquer idade e condição social estivessem em condições de aceitar, pela fé, a Jesus Cristo e transformar essa fé em obras de misericórdia. "No poder do Espírito Santo, através do testemunho e do serviço prestados pela Igreja ao mundo em nome de Deus, da maneira mais abrangente e persuasiva possíveis, os metodistas procuram anunciar a Cristo como Senhor e Salvador (I Co 9.16; Fp 1.12-14; At 7.55-58 (PVMI pg 64, item e))."<sup>56</sup>

A preocupação do crescimento, expressa agora no compromisso mais concreto, resgatando a experiência de J.Wesley e o início do Metodismo, caracteriza o desejo dos Bispos para a vida da Igreja Metodista, no Brasil em nossos dias.

A Evangelização marcou o ministério de J.Wesley. Encontramos em seu livro *J.Wesley o Evangelista*, reeditado recentemente em nossa Igreja, trechos de seu diário, etc. Esta paixão deve ser despertada em nossas igrejas e ministérios hoje.

Sentimos muitas vezes dificuldade para identificar nosso objeto de "paixão". Por um lado, o modismo teológico em nossos dias chega a assustar, criando um "ministério pastoral" preocupado em atender os "direitos dos consumidores".

Outro elemento que contribui para estas dificuldades e que deverá ser analisado posteriormente é a crise das pastorais urbanas, igrejas inseridas no contexto de grandes cidades e que perdem parte da visão evangelizante, uma vez que não conseguem detectar sua "real missão", frente às reais necessidades que as cercam.

---

<sup>56</sup>Servos e Servas...p.18.

Finalmente, as Igrejas chamadas de tradicionais acabam sofrendo a pressão das constantes perguntas: "Porque crescem os "pentecostais"? Talvez a análise deveria ser feita em pelo menos duas direções; por um lado, como explicar o aumento do movimento como fator de crescimento, se muitos dos grupos que surgem não têm sequer nenhuma organização e contabilização "numérica"?; por outro lado, será esta a nossa vocação, uma igreja populista, que atende às necessidades de um povo carente e necessitado que vai crendo nas promessas de curas e libertações?

Creemos que a preocupação dos Bispos está em de fato organizar as Igrejas e seu ministério pastoral de maneira que haja unidade dentro do "povo chamado Metodista".

Ressaltam os Bispos na carta enviada ao povo Metodista, no artigo 70:

Buscamos colocar diante dos membros, leigos e leigas, a clareza de nossos objetivos missionários, despertando a todos para a clareza de nossos objetivos missionários, despertando a todos para o envolvimento constante na missão global da Igreja, de forma que cada um descubra e reconheça os seus dons e exercite os ministérios, ou a partir das necessidades do mundo, voltem-se para os ministérios que clamam por trabalhadores. Em nossa época, novamente os metodistas, sob o poder do Espírito Santo, são chamados a exclamar "o mundo é minha paróquia", testemunhando o poder transformador de Jesus Cristo, como Senhor e Salvador, fora das quatro paredes dos templos.<sup>57</sup>

O chamado é o mesmo da urgência e necessidade da Igreja sair de si mesma, dos limites das suas quatro paredes, e ir na direção, de um povo carente da mensagem de Boas Novas de Salvação e Libertação.

No Encontro Nacional de Pastores e Pastoras, em Venda Nova, Minas Gerais, em 1988, os professores da Faculdade de Teologia, Rui Josgrilberg e

Duncan A. Reily, discutiram a temática da Igreja de Dons e Ministérios, suas fontes e desafios, mostrando a Igreja através da sua formação desde as perspectivas teológicas (Prof. Rui) e históricas (Dr. Reily e Prof. Rui).

A contribuição foi pertinente para o encontro e o ministério pastoral ali reunido. O Prof. Rui define em seu estudo:

O fundamento da Igreja é Jesus Cristo e a Trindade. A Trindade desenvolveu na história uma prática solidária entre si e com homens e mulheres. A igreja é o povo de Deus chamado a viver esta solidariedade divina com o mundo e o próximo. Ela se expressa numa variedade de práticas que inclui o culto, o ensino, a assistência mútua, e a solidariedade com os pequenos e oprimidos, descobrindo Jesus Cristo solidário com o pobre e os desgarrados. Todas as práticas da Igreja são ministérios. A Igreja estrutura-se sobre uma base de serviços e é sobre estes serviços que pode ser entendida como o povo de Deus trinitário, Corpo de Cristo, Corpo de serviços solidários que expressam o evangelho na prática e no falar.<sup>58</sup>

O Prof. Rui, em seu estudo para o encontro, define a importância da Igreja e seu real compromisso com os valores do Reino de Deus de forma comprometida e real, fruto de uma igreja que vive e pratica sua teologia trinitária.

No capítulo 5 da obra afirma o autor acima citado que a reforma dos ministérios é no fundo uma reforma da Igreja:

Uma reforma dos ministérios, é no fundo uma reforma da Igreja. Por isso nos propomos a fazer algumas reflexões teológicas sobre alguns princípios da Reforma Protestante, vistos como um segmento do reconhecimento vivido por Deus como trindade Missionária, do reconhecimento da solidariedade divina; e também como um reconhecimento que adora e, neste reconhecimento, cultiva a solidariedade.<sup>59</sup>

---

<sup>57</sup>Servos e Servas...p.32.

<sup>58</sup>JOSGRILBERG, R. & REIY, D.A. *Dons e Ministérios Fontes e Desafios*, Piracicaba (São Paulo), Ed. Agentes da Missão, 1991, p.11 e 12.

<sup>59</sup>Dons e Ministérios fontes...p.49.

A idéia de que a presença de Dons e Ministérios é uma reforma na vida da Igreja é sensível, embora no apelo para o compromisso social do Evangelho o Prof. Rui perceba a natureza missionária da Igreja, neste novo momento da sua vida.

É a própria trajetória da Igreja hoje, e não apenas da Igreja Metodista, que reclama de uma nova eclesiologia, uma visão de igreja que seja mais conseqüente com as necessidades exigidas pela realidade para uma prática missionária. Fidelidade de Ministérios hoje reclama em nós uma reforma de ministérios, que nos ajude com meios concretos para descobri-los um do outro, desenvolvê-los e, a partir de suas práticas, um processo de reconhecimento e orientação, que permita a igreja caminhar solidariamente.<sup>60</sup>

A Igreja deve buscar sem dúvida alguma o caminho para o crescimento em direção à consolidação desta Igreja Ministerial. Os desafios e oportunidades são expressos na visão dos Bispos.

A nova caminhada da Igreja Metodista, em termos de uma Igreja ministerial, passa, penosamente, pelo estreito. Mas é no estreito que se alcança o sublime e o elevado. Esta nova jornada da Igreja Metodista depende de muito amor, oração, jejum, renúncia, humildade e fé, pois levantam-se muitos espantalhos diante deste novo roteiro de ação. Mas o Espírito Santo está velando sobre ela. Inspirado pelo Espírito divino, diante do grande desafio missionário entre os gentios, o apóstolo Paulo dirige-se aos irmãos em Éfeso, em termos de oração, sugerindo-lhes humildade, mansidão, longanimidade, capacidade de suportar uns aos outros, em amor, esforço e diligência, a fim de preservar o vínculo da paz (Ef 4.1-6).<sup>61</sup>

Os Bispos reconhecem que o estreito é a dificuldade com a nova compreensão da Igreja diante da sua nova estrutura. Como aceitar uma

---

<sup>60</sup>Idem, p.54.

<sup>61</sup>Colégio Episcopal. *Igreja Ministerial, Desafios e Oportunidades*, SBCampo, Ed. Imprensa Metodista, 1991,p.13.

mudança, depois de tantos anos, em cargos, como citamos acima, vitalícios, onde as pessoas não compreenderiam esta mudança?

Como convencer um "presidente da junta de ecônomos" ou um "guia-leigo" depois de 15 ou 20 anos como tal, que agora na igreja poderiam se candidatar à vaga pessoas que não necessariamente seriam eleitas, e sim apresentar-se-iam para servir neste ou naquele ministério?

O apelo dos Bispos passa sem dúvida alguma pelo caminho da exortação à Unidade, humildade, mansidão. O texto de Efésios é mais uma vez invocado pelo Colégio Episcopal.

Definem então a Igreja ministerial frente aos desafios deste novo momento, pois a mudança está expressa, e já é uma realidade. Como gerenciar esta mudança?

A Igreja Cristã sempre foi ministerial, pois é a comunidade do povo de Deus, de serviço e ministério para todos, sem qualquer distinção de classe ou posição... Toda comunidade de fé partilha de um mesmo chamado e tem a mesma identidade. Contudo, mesmo a vista desta realidade, que deve ser conhecida de todos, de um modo geral, insiste-se na distinção entre clérigos e leigos, e lá no fundo ventila-se um pouco de ar hierárquico.(...) Esta operação de passagem de uma Igreja inteiramente colocada nas mãos dos clérigos para uma Igreja assumida por todos os membros do povo de Deus, isto é, Igreja totalmente ministerial para ser totalmente missionária, não significa aviso prévio aos pastores e pastoras e à liderança pastoral que aí está. Pelo contrário, deseja-se reforçar o sentido de uma vocação pastoral, como um dom entre os demais, conferido pelo Espírito Santo para o serviço total na comunidade eclesial. Aquela revisão significa, outrossim, abrir espaços para a participação de todo o povo de Deus, distribuir as responsabilidades da missão com todo o povo de Deus, descentralizar o dinamismo missionário e profético das mãos de um grupo e distribuí-los para todos os membros, da Igreja, implantando, sem mais delongas, o **MINISTÉRIO TOTAL DA IGREJA**.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup>Igreja Ministerial, Desafios...p.18 e 19.

Percebemos mais uma vez a tensão delineada na citação acima, a estrutura clericalizada da Igreja, frente à mudança e oportunidade dos leigos assumirem a "direção" da Igreja. Por outro lado, a liderança que também está implantada sente-se enciumada diante da "nova" liderança que possa surgir.

Indiretamente entende-se que a mudança de estrutura levará a Igreja a ser de fato missionária, comprometida com o Ide, e ir adiante do que Deus tem para sua vida e missão.

A busca desta harmonia é definida pela prática do amor. Enfatiza o Colégio Episcopal que o caminho da Igreja é a vivência do amor. Não é possível viver dons, sem viver o amor<sup>63</sup>. É necessária a militância dos fiéis na construção do Reino de Deus.

Corre entre nós uma frase muito sugestiva, que nos ensina o seguinte: QUEM ESTÁ BEM CONSIGO MESMO NÃO INCOMODA O OUTRO. Para estar bem consigo mesmo será necessário estar repleto do trino Deus.(...) Não se pode imaginar uma comunidade cristã vital em sua dinâmica, sem pensar em um povo que ama, que compreende, aceita, perdoa, e vive em níveis de humildade, bondade, relacionando-se mutuamente de forma significativa. Não se quer dizer com isto que a comunidade seja perfeita. O nível de perfeição é uma utopia, pois o perfeito humano é sempre um processo em permanente desenvolvimento.<sup>64</sup>

O Colégio Episcopal percebe o momento da vida da Igreja e da complexidade das mudanças. O conflito parece inegavelmente estabelecido, o apelo é sempre à unidade, através da prática do amor, do respeito e da bondade.

---

<sup>63</sup>Igreja Ministerial, Desafios...p.46.

<sup>64</sup>Idem, p.47.

Estes conflitos podem ser orientadores no sentido de compreendermos a natureza missionária da Igreja e suas necessidades reais de anúncio do Evangelho de Jesus Cristo.

O último capítulo deste trabalho dos Bispos visa à orientação do uso dos Dons, Carismas, capacidades e ministérios, entendendo que não é possível esgotar o assunto neste sentido, na dinâmica da comunidade ministerial.

Assim definem estes usos:

a) Eles devem ter uma característica inteiramente autóctone, isto é, deverão brotar do próprio solo da comunidade eclesial, correspondendo assim às carências e necessidades locais... b) Eles devem ser naturalmente missionários. Este é um princípio por demais importante. Qualquer que seja sua área de atividade, eles deverão objetivar a missão, pois, na comunidade eclesial cristã, tudo destina-se à missão do Reino de Deus... c) Eles devem ser catalisadores e multiplicadores da ação missionária da comunidade eclesial. Carismas e ministérios deverão incrementar o dinamismo comunitário...d) Eles devem ser exercidos em dimensões globalizantes. Na ação missionária da comunidade de fé não há lugar para o isolacionismo ou individualismo... (e) Eles devem ser desenvolvidos em um ambiente de devido respeito ao outro, na liberdade dos dons do Espírito Santo. Não deve haver lugar para crítica azeda ou menosprezo do dom do outro, por mais simples que ele seja...(f) Eles devem ser desenvolvidos em um clima de oração efetiva. Finalmente, para cimentar a dinâmica dos dons e ministérios, na congregação local, é mister criar e desenvolver um clima de oração efetiva, de comunhão e de unidade.<sup>65</sup>

A nova dinâmica da Igreja pressupõe esta vida de oração e crescimento como comunidade missionária. A visão da Evangelização assume um papel globalizante, como fim de cada ministério. Cada ministério deve ser "missionário".

---

<sup>65</sup>Igreja Ministerial, Desafios... p.50 a 55. Nestas páginas os Bispos procuram de fato alinhar as orientações para este novo momento da vida da Igreja. A orientação Episcopal visa antes de mais nada a consolidação da mudança da Estrutura da Igreja, mas acima de tudo, a unidade da Igreja.



A dificuldade está em equilibrar o novo, frente ao antigo, como substituir o trabalho da "comissão de evangelização" e integrar esta ação em cada ministério, quando com a existência da comissão, a "tarefa era deles e pronto"! Por outro lado, a Igreja passa a investir através das Regiões na produção de material para Evangelização, crescimento da Igreja, uso dos dons e carismas, tentando assim promover estabilidade para este novo momento na vida da Igreja.

A chave está em compreender que não poderia haver desprezo pelo "dom" do outro. Pois uma tensão que viria a aparecer certamente era a "elitização" de alguns dons espirituais, como exemplo poderíamos citar especialmente o de "revelação" (previsões para o futuro) e de "curas" como uma fonte de "poder" e respeito dentro da Igreja.

Mas deveríamos lembrar a importância do exercício de outros dons às vezes não tão procurados ou buscados como : da contribuição, de governos, ajuda, etc.

Encontramos no manual missionário do povo metodista, editado pela Agentes da Missão, em Piracicaba, a preocupação maior do compromisso com a missão de cada pessoa e seu ministério.

Está claro que colocar-se a favor da vida, como AGENTES DA MISSÃO, significa também proclamar a salvação trazida por Jesus Cristo e seu perdão...Os AGENTES DA MISSÃO são missionários na medida em que, como Jesus, ajudam a construir a nova realidade do Reino de Deus aqui na nossa sociedade... Tudo o que acontece na Igreja deve estar a serviço da Missão. Ou seja, deve contribuir para a construção do Reino de Deus, ou

em outros termos, deve expressar o amor de Deus para alguém ou algum grupo.<sup>66</sup>

A preocupação dos Agentes da Missão era, logo após o Concílio Geral ajudar a Igreja a encontrar o mais rápido possível condições de viabilizar o projeto Dons e Ministérios e tornar isto uma realidade na Igreja Metodista.

O Manual Missionário é fruto dos encontros Regionais da 5a. Região, especialmente em 85, ampliado depois em dezembro de 1987, contando com a presença do Bispo Messias Andrino e Bispo Scilla Franco. A Editora Agentes da Missão nasce do propósito de, a partir de laboratórios e oficinas, oferecer material para a Vida e Missão da Igreja numa perspectiva de consolidar o próprio projeto de Dons e Ministérios.

No manual encontramos entre as orientações a afirmativa sobre o crescimento quantitativo da Igreja:

Os Agentes da Missão aprendem que é pelos frutos que se conhece a árvore boa ou má. O critério para medirmos a verdade à qual chegamos são os resultados, os frutos. Os Agentes da Missão estão comprometidos com o crescimento quantitativo da Igreja, embora saibam que é o Senhor que acrescentará, naturalmente aqueles que vão sendo salvos.<sup>67</sup>

O Manual mostra a necessidade do compromisso com a missão. Encontramos no final deste livro sugestão de organização dos ministérios. Aparece como primeiro ministério, o ministério da proclamação<sup>68</sup>, diferente de outros documentos que no planos passados iniciavam as áreas sempre pelos tópicos mais ligados à questão Social.

---

<sup>66</sup>CÉSAR, Ely Eser Barreto (Coordenador). *Manual Missionário do Povo Metodista*, Piracicaba (São Paulo), Ed. Agentes da Missão, 1988, p.12.

<sup>67</sup>Manual Missionário do povo...p.21. Itens 11 e 12.

Não que em Dons e Ministérios esteja descaracterizada a dimensão social e o compromisso da Igreja Metodista nesta área da vida do povo brasileiro. Mas de fato em Dons e Ministérios, com a forte ênfase na visão missionária, o social aparece como parte na organização dos ministérios.

Outro elemento importante ressaltado em Dons e Ministérios é o "retorno" ao uso da Bíblia, na pesquisa e estudo. Parece-nos que ao lembrar a tradição e história da Igreja Metodista, e a herança Wesleyana, a Bíblia começa a ser objeto de valorização e estudos.

Confessamos que a Bíblia é a Palavra do Deus missionário. No entanto sabemos que Deus não escreveu nem ditou a sua Palavra. O que encontramos nesta Palavra é o testemunho de pessoas como nós, chamadas Mateus, Lucas, Marcos, João, Paulo. Foram eles que escreveram as palavras da Bíblia. Eles o fizeram como testemunhas dos atos de Deus no seu tempo... Os autores do N.T. são missionários que, por causa dos problemas que o exercício missionário criava, ou para reforçar a obra missionária da comunidade crente, escreveram os evangelhos e as cartas do N.T.(...) O que queremos destacar aqui é que as obras de Deus são obras missionárias em favor do Mundo.<sup>69</sup>

O estudo do Prof. Ely Eser aponta para a importância do uso da Bíblia na prática da Missão, ao mesmo tempo ele insiste em frisar que "A bíblia é a ferramenta mais importante no nosso caminho".<sup>70</sup>

Em seu texto ele sempre procura confrontar a prática do uso da Bíblia com a construção do Reino de Deus, ou seja uma consequência natural

---

<sup>68</sup>Idem, p.42. A partir do capítulo 06 existem sugestões de como organizar os ministérios a partir da realidade e das necessidades de cada comunidade.

<sup>69</sup>CÉSAR, Ely Eser Barreto. *O Uso da Bíblia na prática de Nosso Ministério*, Piracicaba (São Paulo), Ed. Agentes da Missão, 1988, p.21 e 23.

<sup>70</sup>O Uso da Bíblia na prática...p.7 e 9. Nos quadrinhos as ilustrações expressam o uso da Bíblia na prática da missão. Indicamos ainda a Leitura do texto editado pelo Prof. Ely Eser, *Luz e Direção para o Caminho*, Estudos Bíblicos, Ed. Agentes da Missão, 1988.

daquele que conhece a Deus é a prática do amor através da solidariedade e do compromisso com Deus e com o seu próximo.

Condenando o uso da Bíblia também como texto que nos aliena do mundo e das suas necessidades e realidades, o Prof. Ely Eser exemplifica o uso dos dons na proclamação da Palavra, mas também na construção de creches, salários mais dignos, etc.

Em outro texto do Prof. Ely Eser encontramos já a preocupação com a prática pedagógica de Jesus. É parte do referencial do seu projeto diante do projeto da Igreja a partir da seguinte pergunta: Quem somos e o que queremos?<sup>71</sup>

É fundamental, para compreender a prática da Igreja, localizarmos a nossa historicidade como Igreja Metodista, e nossa historicidade como povo brasileiro e Latino-Americano.

O Texto mais recente dentro deste projeto de Dons e Ministérios procura mostrar as necessidades do nosso povo frente à totalidade da vida, como consequência do projeto de Jesus e conseqüentemente da Igreja.

A lógica histórica do projeto de Jesus, o verbo feito carne, inclui a totalidade da vida e seus recursos. Parece falso, à luz do relato evangélico reduzir o projeto de Jesus à exclusiva esfera espiritual ou ao espírito racional. Está claro que toda a prática histórica do Nazareno aparece como espiritualidade pura... A lógica histórica de Jesus, por sua radicalidade universal, desqualifica o usufruto não solidário de qualquer bem.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup>CÉSAR, Ely Eser Barreto. *A Prática Pedagógica de Jesus, Fundamentos de Uma Filosofia Educacional*, Piracicaba (São Paulo), Ed. Agentes da Missão e COGEIME, 1991. p.15.

<sup>72</sup>Idem, p.38 e 39.

A prática de Jesus e da Igreja visa a Evangelização integral do ser humano em todas as suas necessidades de restauração espiritual, emocional, econômica, etc.

Não podemos de maneira alguma perder a dimensão desta Igreja, frente às exigências que estão diante de nós. O projeto de Dons e Ministérios contempla uma visão missionária integral, a qual a Igreja vem procurando entender e viabilizar, desta maneira atendendo às questões que incomodam o ser humano e o afastam da presença de Deus ou os marginalizam diante do seu próximo.

Esta visão está expressa na história da Igreja Metodista, desde os primórdios do Metodismo em Wesley, quando ele falava a respeito da busca da santidade:

A Santidade que João Wesley pregava não era a santa simplicidade, a "santa ignorância" do obscurantismo. Era um fulgor no coração que iluminava também a inteligência. Wesley queria, sim, que seus pregadores fossem antes de tudo piedosos, que tivessem eles mesmos experiência pessoal da Graça redentora de Deus em Cristo, a qual tinham que pregar. Todavia também se empenhou em que fossem ilustrados, estudiosos, leitores assíduos, e infatigáveis disseminadores da educação.(...) Porque o metodismo genuíno foi, tem sido e deverá seguir sendo, santidade culta, "espiritualidade inteligente e piedade ilustrada".<sup>73</sup>

A forma de ser da Igreja Metodista indica sem dúvida alguma um estilo de ser cristão. É impossível ser metodista esquecendo-se da tradição e das raízes desta Igreja, que contribuíram para que ela chegasse a este momento da sua história.

---

<sup>73</sup>CAMARGO, Gonzalo Báez. *Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1986, p.47.

E mesmo para experimentar uma nova estrutura, a partir dos ministérios, não se pode esquecer o passado, ou mesmo a história; ao contrário, o ministério de Jesus é realidade quando é prático e verdadeiro em nossos dias.

Neste período pós-Concílio e da novidade dos Dons e Ministérios na primeira região, um texto de Odilon Chaves foi apresentado pelo Bispo Paulo Lockman, intitulado Dons, Ministérios e Santidade.

A ênfase estava no conhecer o Espírito Santo, o ser batizado no Espírito Santo, e o funcionamento dos dons e a prática dos ministérios.

O texto tem por parte do Bispo Paulo Lockmann uma ressalva pelo menos interessante a ser destacada:

Finalizando esta breve apresentação, cremos ser importante dizer que o conteúdo deste livro não representa uma versão oficial do Bispo da 1a. Região sendo oferecido às igrejas como uma reflexão sobre Dons e Ministérios, a qual deve ser aprofundada, e acompanhada por leituras e exame das Escrituras.<sup>74</sup>

O autor em sua apresentação cita o conhecimento e acompanhamento do próprio Colégio Episcopal. O texto encerra-se com um capítulo sobre a maturidade cristã.

O destaque é feito, pois o Rev. Odilon, pastor na primeira Região Eclesiástica, tem um ministério marcado pela prática de curas e especialmente "libertação e exorcismos". Sendo que parte do "povo da igreja" valoriza e respeita estas práticas, o que por outro lado poderia prejudicar a

---

<sup>74</sup>CHAVES, Odilon. *Dons, Ministérios e Santidade*, RJ, Ed. Revista da Cidade Gráfica e Editora, Ltda, 1989, p.7.

leitura do documento por parte daqueles que não compartilham da mesma forma e prática de ministério.

Porém, é inegável que estas práticas também façam parte da realidade da Igreja hoje. A pergunta que pode ser feita e deverá ser respondida abaixo é: qual a contribuição que estas práticas têm trazido para o crescimento da Igreja hoje? E em que efetivamente estas práticas revelam a ação evangelizante da vida da Igreja?

## **VII. XV CONCÍLIO**

### **DONS E MINISTÉRIOS - COMUNIDADE MISSIONÁRIA A SERVIÇO DO POVO.**

A resposta vem do XV Concílio Geral: os anos 80 chegaram ao fim e o momento é de avaliação, especialmente da Igreja de Dons e Ministérios.

Foi um Concílio Geral marcado por novidades, como a criação de mais uma Região Missionária no Nordeste, e a renúncia de um Bispo eleito resultando na necessidade da convocação de um Concílio Geral extraordinário.

Na introdução do relatório do Colégio Episcopal encontramos a citação do momento que vive o País e a avaliação da Igreja neste contexto, como vemos a seguir:

O XV Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil se reúne num dos períodos mais críticos da História do século XX. A derrubada dos muros construídos pelas ditaduras de direita e de esquerda que para muitos parecia acenar com uma nova época de paz, justiça e liberdade para todos, começa a se constituir numa grande desilusão para a humanidade.(...) A qualidade de vida deteriora-se na maioria das nações, especialmente no chamado terceiro mundo, e guerras, fome, doenças, miséria e

destruição do meio ambiente são o pesadelo cotidiano de multidões nos quatro cantos da terra.(...) Na realidade estamos assistindo a um novo momento da história da acumulação capitalista no mundo contemporâneo com a construção do que tem sido denominado pelo governo dos Estados Unidos da América de "Nova Ordem Mundial". (...) É dentro deste contexto mundial que devemos procurar entender a presente conjuntura brasileira.<sup>75</sup>

A análise da conjuntura nacional mostrava a preocupação do Colégio Episcopal em situar a Igreja Metodista Brasileira. Era fundamental para os delegados (as) ao Concílio Geral compreender a Igreja inserida neste contexto nacional e mundial.

Finalizando a análise feita, o Colégio Episcopal afirma:

Diante do quadro que o País vive, e em obediência à nossa fé conforme nos tem sido comunicado pela herança metodista, é de fundamental importância que a Igreja Metodista apoie decididamente os setores democráticos em sua luta pelo fortalecimento no Brasil de uma sociedade que garanta acima de tudo, o pleno exercício da cidadania, especialmente na maioria explorada do povo brasileiro. E, inspirados na experiência do profeta Isaías, "no ano da morte do rei Uzias", à luz, portanto, desse quadro conjuntural, que respondemos ao chamado de Deus, "A quem enviarei?", declarando "Eis-nos aqui, envia-nos a nós".<sup>76</sup>

A presença da Igreja está inserida num contexto real, político e econômico, seguramente, tendo um ministério a realizar nesta situação, como foi aprovado neste concílio "Comunidade Missionária a serviço do povo".

Após a análise da conjuntura nacional, o Colégio Episcopal faz o relato sobre a Igreja de Dons e Ministérios, informando nos seus dados estatísticos que 91% das Igrejas das seis Regiões Eclesiásticas e Região Missionária do

---

<sup>75</sup>Igreja Metodista. *Atas e Documentos do XV Concílio Geral*, Juiz de Fora (MG), 05-13/07/1991, São Paulo, Ed.Imprensa Metodista, 1991. p.67.

<sup>76</sup>Atas e Documentos do XV...p.69.



Nordeste relatavam haver se organizado em ministérios. Essa organização, porém, não aconteceu na maioria das Igrejas dos Campos Norte/Noroeste (somente em 33 delas).<sup>77</sup>

São destacados os ministérios principais nas organizações das igrejas, entre eles o de "evangelização". E comentam com alegria:

A maioria das igrejas (85%) considera que sua organização com base em dons e ministérios foi melhor que o sistema anterior (juntas e comissões). Pessoas de todas as faixas etárias participam dos ministérios. Porém, é destacada a participação das mulheres (seguidas pelos homens e jovens). Nota-se que a orientação, ao longo do quadriênio, sobre como organizar-se em dons e ministérios não foi totalmente suficiente. (...) com alegria, convidamos a comunidade metodista a celebrar, neste final de quadriênio, os resultados positivos de uma Igreja configurada em Dons e Ministérios...Observa-se, com júbilo, que esta nova articulação ministerial trouxe maior vigor. Em especial revitalizou uma nova maneira de ser Igreja e, conseqüentemente percebem-se sinais de crescimento, bem como o surgimento de ministérios a partir das necessidades das comunidades objetivando uma prática missionária comprometida com a realidade vivencial do povo brasileiro.<sup>78</sup>

A avaliação do Colégio Episcopal era a esperada. Dons e Ministérios conseguem ajudar a Igreja a revitalizar suas práticas e a reassumir a visão missionária e o seu compromisso com uma Evangelização que anuncia uma Salvação Integral.

Entendemos a reclamação de muitas pessoas e comunidades com a insuficiência de informações, outras, não por culpa do Colégio Episcopal, muitas vezes em função das dificuldades para a chegada das correspondências e materiais da Área Geral às igrejas locais.

---

<sup>77</sup>Atas e Documentos do XV...p.69.

<sup>78</sup>Atas e Documentos do XV...p.69.

Porém, continuam afirmando os Bispos que o crescimento é uma realidade e "é lamentável que ainda ocorra descuido no levantamento de dados estatísticos em nossas igrejas e Regiões Eclesiásticas. Quem os manipula fica sempre com a sensação de certa imprecisão. Mesmo assim, em 87 a igreja totalizava 74.039 membros (nas seis Regiões Eclesiásticas). Em 31 de dezembro de 1990, tinha 80.061".<sup>79</sup>

Os Bispos estavam percebendo e vendo o crescimento da Igreja, porém não ainda os almejados 100 mil do plano quadrienal de 78.

Durante o quadriênio houve crescimento da Igreja Metodista. Entretanto nós, bispos, consideramos que o crescimento é incompatível com sua potencialidade ministerial. Consideramos, na verdade, que necessitamos de um crescimento que leve em consideração os fatores quantitativos e qualitativos. Na dimensão quantitativa, espera-se um crescimento que possa refletir: conversão aos valores do reino de Deus; um novo estilo de vivência pessoal e comunitária; desejamos um crescimento qualitativo como resultado deste novo estilo de vida ministerial... o resultado estatístico ainda nos questiona sobre as razões do nosso crescimento lento, inadequado à nossa potencialidade missionária em terras brasileiras.<sup>80</sup>

Falar em crescimento da Igreja, é um grande desafio. Se, por um lado, alguns falam na importância da qualidade e não da quantidade, fica claro que para o Colégio Episcopal a qualidade gera a quantidade.

Uma qualidade que não apresenta frutos concretos de crescimento quantitativo deve nos fazer refletir sobre nossa tarefa missionária e nossa ação Evangelizante. Este pensamento marca o que foi chamado do "momento da Igreja" na Palavra dos Bispos ao XV Concílio Geral.

A Igreja de Dons e Ministérios é reafirmada neste Concílio:

---

<sup>79</sup>Atas e Documentos do XV...p.71.

1.Reafirmamos a necessidade de sermos uma "Igreja de Dons e Ministérios". "Dons e Ministérios não é um programa para que o abandonemos por outro que nos pareça mais eficiente. É, na verdade, um movimento; um movimento fruto da ação do Espírito no interior da Igreja; É na verdade, um movimento nascido a partir de Pentecostes no seio da Igreja Primitiva. (...) 2. Reafirmamos a diversidade de ministérios. Conforme o ensino de Paulo, "O Espírito é o mesmo, mas os dons são diversos" (Rm 12.6, I CO 12.4). Há, em uma Igreja de Dons e Ministérios, a necessidade de manter viva três ênfases bíblicas muito claras, que são: a) unidade de dons e ministérios, b) diversidade de dons e ministérios, c) conexionalidade e mutualidade dos dons e ministérios.<sup>81</sup>

Dons e Ministérios é uma realidade na Vida da Igreja, e os Bispos afirmam a importância de não ser um projeto, ou um programa que pode ser substituído a cada Concílio Geral.

Em outras palavras, Dons e Ministérios não deve ser visto como um modismo, na Igreja. Pelo contrário, é resgate da identidade e da origem dos ministérios na Igreja Primitiva.

O importante é que a unidade, a diversidade e a conexão dos dons e ministérios devem produzir uma ação evangelizante que indique a caminhada da Igreja como "comunidade missionária a serviço do povo".

Para isto, o XV Concílio Geral estabeleceu três caminhos para a "ação" da Igreja: Ação Missionária, Ação Docente e Ação Administrativa. Gostaríamos de expressar alguns elementos importantes na ação Missionária da Igreja:

Entende-se por "ação missionária" o conjunto das Atividades, palavras, atos, testemunhos, realizados pela Igreja, comunidade de fé, que se dispõe a cooperar com Deus, em

---

<sup>80</sup>Idem, p.71.

<sup>81</sup>Atas e Documentos do XV...p.81. As três ênfases são comentadas no relatório do Colégio Episcopal, além de reafirmar outras posturas da Igreja Metodista, entre elas o Governo Episcopal, o ministério pastoral como parte fundamental dos Dons e Ministérios, o exercício de uma ética cristã, entre outros pontos.

resposta à sua graça e vocação, no seu propósito de proporcionar VIDA à humanidade. Não se pode desejar uma lista das possíveis atividades missionárias. Porém, a título de recordação, podemos destacar: adoração, ensino, proclamação, anúncio, denúncia, expansão da Igreja, serviço, cura, consolação, solidariedade, administração. (...) Ação missionária significa ação evangelizadora. Recordemos que o evangelho é boa nova, é notícia boa. Esta notícia é: "O Reino de Deus aí está", ao alcance com possibilidade de VIDA presente em nós e entre nós, por Cristo Jesus, no poder do Espírito Santo. Fazer missão, significa sinalizar, tornar cada vez mais presente, mais difundido na história, o Reino de Deus.<sup>82</sup>

A compreensão de Dons e Ministérios está ligada sem dúvida alguma à ação evangelizadora da Igreja. A missão é o desafio mais forte e presente na vida da Igreja. E a Palavra dos Bispos está no sentido de encontrarmos esta força revitalizadora na ação e poder do Espírito Santo.

O início dos anos 90 é marcado pela certeza de que o único caminho interessante para a vida da Igreja está sem dúvida alguma no encontro das ações Missionária, Docente e Administrativa no exercício do serviço para a vida e missão da Igreja, sua expansão e crescimento.

O Documento do Colégio Episcopal, que é editado após o XV Concílio Geral, reafirma a natureza da Igreja e sua organização em Dons e Ministérios.

Quando fala sobre a Espiritualidade na missão, afirma:

(...) 8. Jesus em sua caminhada missionária de serviço ao povo, expressa uma espiritualidade viva e comprometida. Mesclando momentos de oração, aos pés do Pai, com fraternidade e comunhão com os seus discípulos. Por isso ele é o nosso modelo de vida Espiritual (Mc 1.35 e 4.10). 9. Uma espiritualidade encarnada assume as condições concretas do povo - sua cultura, sua luta pela vida, pelo sustento da família,

---

<sup>82</sup>Atas e Documentos do XV...p.136 a 142. Cada item das ações da Igreja é comentado e está dividido em : A. O que alcançamos e perbecemos, b.O que esperamos alcançar. Isto em nível Local, Regional e Geral.

educação, etc. A espiritualidade é vivificada pela trindade e no beber contínuo da água da vida - O Espírito do Senhor.<sup>83</sup>

O apelo do Colégio Episcopal está na direção de uma Igreja comprometida com a visão do Espírito, voltada acima de tudo para a consolidação desta visão missionária comprometida com a realidade do povo brasileiro.

A Igreja de Dons e Ministérios traz consigo a alegria de um crescimento discreto, por isso, os Bispos fazem o apelo para a reafirmação de alguns elementos importantes na vida, história e tradição da Igreja Metodista.

1. Nós Bispos da Igreja Metodista no Brasil, reconhecendo nossa herança bíblica da comunidade de fé, reafirmamos nossa confiança e certeza que as pistas para a caminhada nos anos 90 procedem de uma tradição bíblica que aponta ao nosso Deus, revelado na vida do povo de Israel como um Deus que cria a vida do caos, estabelece justiça em meio à opressão, e se compromete a tal ponto com a necessidade da salvação do povo, que assume totalmente a forma humana, e tem um rosto: Jesus Cristo!(...) 2. Reafirmamos também, nossas bases e fundamentos no Movimento Metodista.(...) 3. Reafirmamos a herança dos nossos pais e mães no metodismo brasileiro, que com erros e acertos construíram o caminho e a comunidade que hoje se reúne neste XV Concílio Geral. Especialmente reconhecemos ser o Plano para a Vida e Missão da Igreja, onde aprofundamos todo o sentido de ser Igreja voltada para a missão do Reino de Deus...<sup>84</sup>

É importante reconhecermos neste momento as reafirmações dos Bispos frente ao momento que a Igreja vive. Ao iniciar os anos 90 era fundamental entender que o processo que a Igreja vive leva sem dúvida alguma a um compromisso com o futuro desta Igreja.

---

<sup>83</sup>Colégio Episcopal. *Igreja: Comunidade Missionária a Serviço do Povo*, reflexões e documentos, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1991. p.12.

<sup>84</sup>Igreja: Comunidade Missionária...p.53 a 54.

Em contrapartida, este futuro da Igreja tem que estar ligado ao seu passado e ser um agente de esperança no presente.

Não basta, simplesmente, acreditar e dizer que ser uma "Igreja Missionária a Serviço do Povo" é suficiente para fazer a missão. A história, a cultura, a vida do povo brasileiro e "erros e acertos dos nossos pais e mães" nos fizeram chegar até aqui hoje como Igreja.

A Igreja Missionária, que nasce no movimento dos Dons e Ministérios, embora tenha encontrado o caminho para o crescimento, ainda não chegou ao seu ideal, pois os Bispos apontam para um crescimento lento frente às possibilidades.

O documento do Colégio Episcopal, "Comunidade Missionária a serviço do Povo", apresenta as estatísticas de 87 a 90<sup>85</sup>, indica sinal de crescimento, porém longe do que poderia ser. A expectativa da Igreja é sempre vê-la crescer em qualidade e quantidade.

É preciso pensar em nossa ação evangelizante e colocar em prática o que temos escrito e os discursos feitos. O movimento Dons e Ministérios não pode assumir um caminhar festivo, mas deve levar a Igreja a uma ação evangelizante em nossos dias.

Precisamos considerar alguns elementos que provavelmente nos ajudam a entender as dificuldades da caminhada da Igreja na direção do seu crescimento.

---

<sup>85</sup>Igreja: Comunidade Missionária...p.70 a 77.

O terceiro capítulo de nossa dissertação vai procurar nos mostrar elementos a partir das notícias do *Expositor Cristão*, a caminhada da Igreja nos anos 80 a partir do ponto de vista do membro da Igreja. Membro este que participa, escreve, noticia o que está acontecendo na sua igreja local, discute as mudanças que tenta fazer na sua missão, mesmo sem compreender às vezes o que de fato a Igreja está dizendo com este ou aquele documento.

É preciso fazer uma leitura da história do metodismo nesta década e perceber as dificuldades da igreja local, frente à Igreja como um todo, diante das mudanças propostas, muitas vezes não conseguindo superar a distância entre elas, para fazer-se melhor compreender.

O Momento da Igreja constitui um grande desafio de melhorar a comunicação e a parceria entre clérigos e leigos, entre Igreja e Comunidade, a ponto de fazer esta Igreja conhecida e reconhecida como um instrumento de Evangelização e sinalização da vida em meio ao povo.

Ser luz do mundo e sal na terra é ter uma Igreja comprometida com a missão e os valores do Reino de Deus. O desafio está em haver para nós clareza destes elementos e valores para a Igreja em todos os níveis: Geral, Regional e Local.

A Igreja de Dons e Ministérios é marcada por um amadurecimento e aperfeiçoamento dos Planos Quadrienais e conseqüentemente do Plano para Vida e Missão da Igreja.

O que é importante e fundamental para esta Igreja é a compreensão de que ela só tem sentido como Igreja, sendo de fato Missionária. E este ser missionária deve ser compreendido como compromisso em todos os níveis de

necessidade do homem e da mulher dos nossos dias, bem como suas Instituições.

A Igreja procura definir sua visão de Evangelização a partir do elemento do seu compromisso e missão, à luz das necessidades e possibilidades, bem como oportunidades de realizar a missão, anunciando o Evangelho de Cristo, como Senhor, Salvador e Libertador de nossas vidas.

O importante é não perder de vista, a necessidade de reafirmar nossa unidade, conexão e espiritualidade comprometida com a missão dada por Jesus em seu grande comissionamento (Mateus 28.18-20).

Ao analisarmos as notícias e informações, em nosso terceiro capítulo, é importante perceber que além das notícias a respeito da vida da Igreja, o *Expositor* narra elementos desta década, chamada de perdida.

É impossível fazer a leitura de uma Igreja isolada dos fatos que marcaram o momento da Igreja e da sua história frente à história de seus contemporâneos e o contexto de vida do seu povo.

É fundamental em nossa reflexão valorizar o que temos produzido em nossas regiões eclesiais e compor de uma forma global a riqueza do material que temos produzido como Igreja e comunidade de fé!

Esperamos que nossa dissertação possa ser um elemento para somar a outros tão importantes na busca de uma Igreja realmente missionária e comprometida com os valores do Reino de Deus e os imperativos missionários de Jesus.



## CAPÍTULO 3 O DIA-A-DIA DA IGREJA

### I. NOSSA TAREFA EVANGELIZADORA

Pretendemos, ao iniciar este terceiro capítulo de nossa Dissertação, refletir sobre o dia-a-dia da Igreja que vivemos e participamos.

Nossa caminhada constitui-se em avaliar especialmente as notícias do jornal *O Expositor Cristão*, que circula como jornal oficial da Igreja Metodista.

Encontramos em suas páginas notícias que relatam nesta década a caminhada e a maneira como tem agido o povo chamado Metodista, notícias sobre os Concílios Gerais e Regionais, sobre Igrejas Locais, etc.

Para nós é fundamental entender que muitas vezes, por maior que seja o esforço do Colégio Episcopal em orientar a Igreja, nem sempre os resultados são alcançados.

O Metodismo foi marcado em suas raízes pela "paixão pelas almas" como dizia John Wesley; que, ao defrontar-se com a impossibilidade de poder pregar em sua própria Igreja, sobre o túmulo de seu pai declara ser "O mundo a sua Paróquia".

É este sentimento que marca a história e a tradição da Igreja Metodista. Em alguns momentos tenta-se dividir a Igreja que "evangeliza" e "salva" as

"almas pecadoras" da Igreja que "evangeliza" e "salva e liberta" os "pobres" da opressão social em que eles se encontram.

O resultado da dificuldade para vivenciar os valores do Reino de Deus é uma igreja "insatisfeita" com sua caminhada e com a falta de crescimento.

Cumpra perguntar: Será que a Igreja ainda não se encontrou de fato? Em nosso segundo capítulo mencionamos na palavra dos Bispos a visão das mudanças da Igreja, e após o Concílio de 87 o desejo de fato de uma Igreja Missionária, através do uso dos Dons e Ministérios. E será que na igreja local isto é uma realidade? O que pensa aquele irmão ou irmã eleito por vinte anos consecutivos para Guia-leigo, ou Presidente da Junta de Ecônomos? Agora não mais será necessária uma eleição, e ele até mesmo perderá o "poder" e destaque na comunidade. Por outro lado, temos aquele irmão ou irmã que, por não ter o mesmo carisma, ou tantos parentes na igreja, agora sorri com a oportunidade de desenvolver seu ministério na igreja, colocando em uso o seu dom!

O pensamento sobre a Evangelização na Igreja Metodista, passa acima de tudo pelo crivo histórico, e sem dúvida alguma está ligado a sua estrutura. E em determinados momentos da sua história sobre sua prioridade sobre o conceito de Evangelização, a partir do social ou do espiritual.

Encontramos em Baéz Camargo que é impossível separar estas questões evangelizadora, social e espiritual, ao contrário caminham juntas:

Pouco tem sido mais pernicioso para a evangelização efetiva do mundo que a forma artificial e indevida separação que se tem feito, opondo-os às vezes como adversários irreduzíveis, entre o esforço por obter a regeneração dos indivíduos e o empenho pela reparação moral da sociedade em seu conjunto.

Até se tem inventado os termos de "evangelismo pessoal", por uma parte, e "Evangelho Social", por outra, ou simplesmente se contrapôs o "evangelismo" e a "obra social". Tem resultado assim dois grupos extremos, duas parcialidades que deixam, cada uma, incompleto o Evangelho de Cristo.<sup>1</sup>

Baéz Camargo consegue captar algo que marca os nossos dias e sem dúvida alguma está presente em nossas comunidades de fé, em nossas igrejas locais: a separação entre o "espiritual" e o "social".

De fato, quando a Igreja tende para um ou para outro lado, sem compreender a importância do equilíbrio e de uma Igreja comprometida, é fundamental que esta Igreja reencontre sua dinâmica missionária.

Cita, ainda, o autor:

Uns dizem estar tão ocupados em salvar almas, uma por uma, que não têm tempo de lutar pela eliminação das injustiças econômicas e sociais. Outros pretendem estar tão atarefados reformando a sociedade, que não têm espaço para preocupar-se com a regeneração dos indivíduos.(...) O Evangelho é uma mensagem que tem a ver com a salvação do homem em sua totalidade. Dirige-se ao homem como unidade.<sup>2</sup>

A dificuldade está em conseguirmos compreender qual o significado disto para a vida da igreja local e sua membresia.

Os livros, textos, documentos publicados trazem em sua essência o desejo deste metodismo equilibrado, porém a cobrança em termos de resultados, isto é, os frutos, crescimento numérico etc., gera um questionamento do modelo de ser igreja e conseqüentemente tende até

---

<sup>1</sup>CAMARGO, Gonzalo Baéz. *Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano*, SBCampo, Ed. Imprensa Metodista, 1986. p.49.

mesmo a copiar modelos que estão "dando certo". Tornando-se uma religião de mercado, e o produto a ser oferecido é o "Evangelho". Difícil é para o membro na sua comunidade local conviver e entender aspectos deste "mercado da fé".

Dr. Stanley Jones, baseando-se no futuro da Igreja, segundo John Wesley, destacou dez características aprovadas para a Igreja Metodista:

1. Será uma Igreja na qual os leigos ocuparão um lugar de importância primordial.
2. Será uma sociedade interessada e preocupada tanto com o universal como com o particular para o bem de qualquer que sofra.
3. Será ela inclusiva; dentro de si acomodar-se-ão conservadores e avançados e qualquer outra categoria em que hajam agrupados seus membros.
4. Será uma Igreja intransigente com as discriminações raciais, sociais, sexuais, de nacionalidade, de idioma, etc.
5. Será Casa de Oração para todas as gentes, com franca entrada para quem quiser orar.
6. Esmerar-se-á a porfia na formação de dirigentes evitando todo monopólio clerical ou ministerial.
7. Será uma igreja com alta capacidade para carregar a cruz e transformar redentoramente a oposição.
8. Seu espírito será único de redenção e não de condenação.
9. Prestará suma atenção às contínuas e novas revelações do Espírito.
10. Será uma Igreja ativa e entusiasticamente evangelizadora.<sup>3</sup>

A visão que Stanley Jones descreve sobre o pensamento do futuro do Metodismo caracteriza essencialmente nossa forma de ser, nossa maneira de compreender a visão evangelizadora da Igreja.

A Evangelização na Igreja Metodista sempre caminhou na direção do equilíbrio nas questões sociais e espirituais. A Igreja que semeia a cura dos males espirituais deve ser a mesma que atenda ao necessitado, acolha ao marginalizado e sinalize a Vida em Jesus como Vida abundante.

---

<sup>2</sup>Gênio e Espírito...p.49 e 50. O autor traça um perfil do cristão metodista a partir do equilíbrio como foi a ênfase do próprio J.Wesley, este é sem dúvida alguma um texto interessante para ser lido, dentro da perspectiva do Metodismo histórico frente ao momento atual da Igreja.

O texto de Bruno Forte, comenta a missão dos leigos na Igreja (Católica Romana), sob a orientação de suas normas doutrinárias, um chamado ao compromisso:

O Cristão comunica o Espírito antes de tudo através da palavra vivida e falada (profecia como testemunho e evangelização...), ele possui a Palavra, ou melhor, é possuído pela Palavra ("posse" da palavra como genitivo subjetivo), graças à unção do Espírito: "vós porém, tendes recebido a unção que vem do Santo e todos possuí a ciência"(I Jo 2.20; cf. Jo 16.13; I Co 2.10-15; etc). (...) a possibilidade que o leigo tem de assumir determinados compromissos de evangelização e de catequese, e a animação cristã de ordem temporal efetuada através da denúncia das injustiças e o anúncio da verdade libertadora.<sup>4</sup>

A visão que precisamos ter sobre nossa ação Evangelizadora, é que a Evangelização é tarefa da Igreja como um todo, e não só de um grupo de pessoas, ou dos pastores e pastoras.

Para muitas igrejas é cômodo formar um "Ministério de Evangelização", e deixar para os integrantes a incumbência de trazer novos membros e promover o "crescimento" da igreja.

Ao contrário, a Evangelização é tarefa de todo cristão, bem como o servir na Igreja, isto é parte preciosa da Reforma em Lutero, "O sacerdócio de todo cristão".

Citamos ainda, Bruno Forte, quando ele apresenta a Igreja como um todo sendo enviada:

Toda a igreja local é enviada...não existe ninguém na comunidade eclesial que possa se sentir isento do compromisso missionário.(...) Todos, na co-responsabilidade e na comunhão

---

<sup>3</sup>GATTIONI, Carlos T. *Princípios del Movimiento Metodista*, Buenos Aires, Ed. Ediciones "SERVIR", 1982.p.159.

<sup>4</sup>FORTE, Bruno, *A Missão dos Leigos*, São Paulo,Ed. Paulinas, 1987. p.47 e 48.

devem participar na missão da Igreja..."Nisso reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros"(Jo 13.35). A missão não é obra de navegadores solitários, pois ela deve ser vivida na "barca de Pedro"...Toda igreja local anuncia todo Evangelho...A missão, portanto, exige o testemunho integral do Cristo...<sup>5</sup>

A missão evangelizadora é tarefa de todos, assim, a Igreja de Dons e Ministérios é chamada a vivenciá-la cada irmão e irmã deve ter a responsabilidade e o compromisso de tornar isto uma realidade.

As notícias vinculadas no *Expositor Cristão* refletem preocupações, motivações e alegrias, com a Igreja, além de pensar na missão e vivenciá-la:

Falar em missão é falar em sensibilidade. Ela precede a estratégia. É intuitiva e surge em meio a situações concretas. Embora todo projeto precise de organização e planejamento, seu embasamento está na capacidade dos seus idealizadores/executores de sentirem e compreenderem o meio, suas necessidades e possibilidades. Quando lemos o texto Bíblico, escutamos a voz das comunidades de fé que o compuseram, falando sobre pessoas que possuíam esta sensibilidade. Uma delas é Barnabé...<sup>6</sup>

Precisamos desta sensibilidade para perceber o sentimento das nossas igrejas frente aos desafios da conectividade, da unidade, e da convivência diante das diversidades.

A Igreja precisa antes de tudo refletir sobre o impacto da sua tradição e do seu valor nos dias de hoje, com uma evangelização autêntica, e comprometida com o Evangelho de Jesus Cristo.

## **II. O JORNAL METODISTA INFORMA - 1980 - 1982**

### **O BERÇO DO PLANO PARA VIDA E MISSÃO DA IGREJA**

---

<sup>5</sup>A missão dos leigos... 78 e 79.

<sup>6</sup>GARCIA, Paulo Roberto, "et alli". *Situações Missionárias na Bíblia*, SBCampo, Ed.Imprensa Metodista, EDITEO, 1991. p.77. Texto sobre At 11.19-26.

Os anos 80 iniciam com a proposta de uma "nova Igreja", este é o tema do Editorial do *Expositor Cristão*, da primeira quinzena de Janeiro de 1980.

O Desafio para ser uma nova Igreja é, antes de mais nada, no setor da evangelização. Se quisermos chegar aos cem mil propostos pelo último Concílio Geral, como meta prioritária, a evangelização será, sem dúvida, a responsável na procura de uma nova Igreja, pelo seu próprio crescimento. (...) A procura de uma nova igreja, deverá agora ser tarefa de todo povo metodista, empenhado em seu desenvolvimento com sua comunidade e com o crescimento de sua própria igreja local, para o fortalecimento de todo metodismo. (...) A expectativa deverá ser de crescimento, entendimento e uma abertura maior para os problemas do mundo, especialmente aos que nossa pátria está atravessando. Somente dessa forma, chegaremos a essa nova igreja.<sup>7</sup>

O Editor do *Expositor Cristão* vivia, sem dúvida alguma no início da década, antes de mais nada, a expectativa que era de toda a Igreja, o seu crescimento e a possibilidade de atingir os cem mil metodistas.

O início da década é marcado por esta ênfase no crescimento da Igreja como sinal da Graça de Deus e do compromisso do cristão em todos os níveis da sociedade e da comunidade, bem como da sua igreja local.

Encontramos o mesmo entusiasmo na correspondência de Omero Jr:(...) Com relação ao Plano Quadrienal eu tenho encarado o Alvo de cem mil metodistas com muito otimismo. Sinto que está havendo um despertar evangelizante em nossas igrejas, especialmente entre os jovens, como eu.<sup>8</sup>

Nesta mesma quinzena encontramos o referencial deste novo momento entre os jovens citados por Omero, como um dos sinais do despertar da Igreja como comunidade evangelizante.

---

<sup>7</sup>O *EXPOSITOR CRISTÃO*, Jornal Metodista, SBCampo, Ed. Imprensa Metodista, 1a, quinzena de janeiro de 1980.p.02. Editorial de Jorge Cândido Pereira Mesquita.

A narrativa mostra o empenho e o desejo de cumprir os desafios, a necessidade de se evangelizar, que é fundamental para o início da década, e a concepção de uma nova Igreja.

O Congresso Regional da 4a. Região tinha como tema: "Unidos pelo Espírito Jovens Metodistas Evangelizam".<sup>9</sup> A disposição da juventude estava exatamente em reconhecer e ser reconhecida como parte da Igreja e seu compromisso missionário.

Na 1a. Região quinhentos jovens realizaram um mutirão evangelizante:

Preocupados não com o número mas com a expansão do Evangelho, cerca de 500 jovens da 1a. R.E., estiveram reunidos na cidade de Cordeiro, RJ, um dos nove pontos missionários daquela Região Eclesiástica. O grupo desenvolveu um trabalho evangelístico, portando crachás e utilizando-se de mapas da cidade, além de um questionário sócio-econômico-cultural-religioso, vasto material evangelizante...o resultado da missão evangelística foi a visitação de 228 famílias das quais, 201 católicas; 31 protestantes, 9 espíritas, 20 desviados e 6 não identificados. A maioria dos visitados respondeu afirmativamente à pergunta: "se gostariam de ser procurados novamente".<sup>10</sup>

Nesta edição, encontramos o início de uma série de estudos ministrados pelo Dr. Orlando Costas, com o tema da missão: É possível uma missão comum nas Américas?<sup>11</sup>

E a última matéria é um comentário do então missionário Dino Ari, sobre o Discipulado Cristão, o caminho difícil.<sup>12</sup>

A dimensão missionária é citada neste jornal, na segunda quinzena, onde encontramos notícias do que está acontecendo pelo Brasil:

---

<sup>8</sup>Idem, p.03. correspondência de Omero de Freitas Borges Jr.

<sup>9</sup>EC, 1a. quinzena de janeiro de 1980.p.13.

<sup>10</sup>Idem, p.13.



Canoas, Bispo Sady Machado consagra leigos para o trabalho evangelístico, tornando-se o mais novo ponto missionário do Rio Grande do Sul. (...) Vila Maria, SP, faz "uma arrancada evangelística", mais de 4 mil folhetos são entregues, foi realizada conferência missionária com uma média de 120 pessoas por noite.<sup>13</sup>

Prossegue o texto de Orlando Costas sobre ser possível fazer uma missão comum nas Américas. Nesta edição o autor fala sobre a missão escatológica e histórica.<sup>14</sup>

Nesta segunda quinzena encontramos notícias de vários trabalhos realizados com a participação dos Corais por ocasião do Natal.

É importante destacar que nestas edições começa a ser veiculado o logotipo do "Metodismo mundial em chamadas por Cristo", com a frase: Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam.

A tarefa da missão da Igreja é comentada. Nas correspondências encontramos notícias interessantes sobre o trabalho e a vida das igrejas locais, e alguns membros expressam seu apreço ou desprezo pelos comentários feitos, exemplo disto, é a carta de D. Annita de Faria Braga, Porto Alegre, RS, que não se conforma com a comparação feita com o Rev. Scilla Franco e o "tal Lula", chamando-o de agitador e revoltado, e enaltece o trabalho do Rev. Scilla entre os indígenas.<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup>Idem, p.11.

<sup>12</sup>Idem, p.16.

<sup>13</sup>EC, 2a. quinzena de Janeiro de 1980. p.05.

<sup>14</sup>Idem, p.12.

<sup>15</sup>EC, 1a. quinzena de fevereiro de 1980. p.03.

Nesta Edição a Igreja Central de São Paulo noticia o recebimento de dez novos membros e seus trabalhos sociais<sup>16</sup>. Há uma disposição em noticiar a missão. Encontramos em seguida as notícias da Igreja Central de São Paulo, nota sobre a Missão Metodista em Tucuruí:

Belém-PA, Foi inaugurado em Tucuruí, um templo ecumênico destinado ao serviço de todos os credos ali representados em igualdade de condições...Da parte evangélica, os interessados se fizeram representar conseguindo inclusive a edificação de um santuário que atendesse às normas do culto evangélico...A igreja Metodista local está com a responsabilidade de uma E.D., às 8h00 e cultos nos segundos domingos às 19h30.<sup>17</sup>

A notícia seguinte fala sobre Guacuí - ES, sobre a reaproximação dos membros da Igreja que estavam se afastando em função da migração para a capital do Estado. A notícia enfatiza especialmente o esforço da comunidade para não perder sua membresia - "cada metodista um novo metodista".<sup>18</sup>

Dentro desta perspectiva ecumênica da capela de Tucuruí, o Jornal Metodista noticia, também por Odilon Chaves, o julgamento de Leonardo Boff, comentando o livro "Jesus Cristo Libertador".<sup>19</sup>

Primeira notícia que vai evidenciando outras a respeito da Teologia da Libertação, que irá provocar uma polêmica no laicato da Igreja Metodista. Especialmente nos anos que se seguem nesta década.

Continua sendo publicada a obra de Orlando Costas sobre a possibilidade de uma missão comum nas Américas, nesta quinzena o texto fala sobre o marco referencial: O Reino de Deus.<sup>20</sup>

---

<sup>16</sup>Idem, p.05.

<sup>17</sup>Idem, p.06.

<sup>18</sup>EC, 1a. quinzena de fevereiro de 1980. p.06.

Na segunda quinzena de fevereiro, encontramos algumas barreiras já com o número dos cem mil. Na nota editorial lemos:

A discussão atual, na Igreja Metodista, é o número 100 mil. A discussão atual são os números. São pessoas que acham que devemos chegar aos 100 mil e até mais do que isso. Há aqueles que pensam que seria melhor para a Igreja não conseguir alcançar esse alvo, pois seria uma oportunidade de reflexão maior da vida da Igreja. Outros ainda apostam que não chegaremos de forma alguma ao alvo proposto no último Concílio Geral de 1978, pois a Igreja não está fazendo nada que nos permita antever isso...Os números devem ser motivo para crescimento e troca de experiências nessa área tão carente da Igreja, e não um fim em si mesmo, que toma nosso tempo e nos desvia de outras atividades fundamentais. Cresçamos em amor.<sup>21</sup>

E a nota do rev. Wilson Vilanova, P.A.,RS, aparece como "cem mil? Duvido!"<sup>22</sup> Parece já se perceber que o ideal começa a ser inatingível, e aqueles que apostaram que não iria acontecer ganharam, pois em 1990 ainda somos pouco mais de oitenta e três mil membros.

Em contrapartida, o *Expositor* noticia a nova Igreja em Belém do Pará e mostra não haver espaço para aqueles que participam do culto.<sup>23</sup>

A discussão sobre os rumos do crescimento é uma realidade quando tange aos números, embora alguns defendam o crescimento "qualitativo", as expressões são sempre de uma angústia frente aos números, ou seja, o crescimento "quantitativo".

A juventude continua investindo neste início dos anos 80, encontramos o convite para o Grande Encontro Nacional de Evangelização, que seria

---

<sup>19</sup>Idem, p.09.

<sup>20</sup>Idem, p.11.

<sup>21</sup>EC, 2a. quinzena de fevereiro de 1980. p.02. Editorial de Jorge Cândido Pereira Mesquita.

<sup>22</sup>Idem, p.03.

<sup>23</sup>EC, 2a. quinzena de fevereiro de 1980. p.05.

realizado em Brodósqui. Neste encontro seria o lançamento do Manual de Evangelização.<sup>24</sup>

Encontramos a preocupação latente com a questão da Evangelização. O congresso distrital de Homens da Primeira Região realizado em Duque de Caxias discute o Conceito de Evangelização e os motivos da Evangelização.<sup>25</sup>

Em Arroio dos Ratos - RS, a Igreja recebe doze mulheres à comunhão da Igreja; como motivo de alegria e sinal de crescimento o pastor escreve ao EC.<sup>26</sup>

A visão evangelística marca o mês de abril também no EC; a notícia da Igreja de Itaóca, ES, fala de um movimento de Evangelização e o conjunto dos juvenis que trabalham há um ano com evangelização através da música.<sup>27</sup>

No decorrer da edição de abril várias notícias falam a respeito de atividades nas Igrejas Metodistas no Brasil, destacamos especialmente o artigo do Rev. Scilla Franco: índios: Ovelhas de outro aprisco.<sup>28</sup>

No mês de maio, novamente o questionamento dos cem mil. Desta vez o Rev. Messias Ferreira Campos comenta sobre o mundo em que vivemos, o menor abandonado, a descaracterização do pastor, etc., elementos que dificultam chegar aos cem mil metodistas.<sup>29</sup>

Nesta edição grande parte do jornal é dedicada ao Encontro da Mocidade em Brodósqui um dos maiores momentos da mocidade metodista, depois da

---

<sup>24</sup>EC, 1a. quinzena de Março de 1980. p.16.

<sup>25</sup>Idem, p.10.

<sup>26</sup>Idem, p.11.

<sup>27</sup>EC, 1a. quinzena de abril de 1980. p.01.

<sup>28</sup>EC, 2a. quinzena de Abril, p.16.

<sup>29</sup>EC, 1a. quinzena de maio de 1980. p.03.

crise de 68.<sup>30</sup> O encontro foi considerado importante para o compromisso da mocidade com a Igreja Metodista, porém não se avaliou somente o encontro, também os desencontros e as dificuldades vividas pela juventude.

Na segunda quinzena de maio, Rev. Odilon volta a escrever sobre o que Wesley diria aos Metodistas hoje:

Que diria o **evangelista** aos que querem fazer da Igreja apenas um ponto de encontro? Que diria àqueles que chegam ao ponto de discutir da validade ou não da evangelização? Que diria aos que querem deixar com o pastor e com a comissão de Evangelização a tarefa única de evangelizar?<sup>31</sup>

O questionamento do Rev. Odilon traz à tona a preocupação com o viver da Igreja Metodista, sua caminhada, sua maneira de ser e conseqüentemente seus projetos em torno do crescimento da Igreja.

Como um dos modelos da tentativa de ministério especialmente da juventude, na 3a. RE, as federações de Jovens e Juvenis programam o primeiro FEMERP, reunindo 500 jovens e juvenis.<sup>32</sup>

A música vai ser um elemento importante na tarefa evangelizante na vida da Igreja Metodista, especialmente entre jovens e juvenis. Embora, na segunda quinzena de junho encontramos um grupo da I.M.Vila Formosa expressando decepção sobre um festival de música sacra, promovido pela Faculdade de Teologia, que classifica músicas "mundanas" e desclassifica músicas que realmente expressavam o louvor a Deus.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup>Idem, p.7 a 13.

<sup>31</sup>EC, 2a. quinzena de maio de 1980. p.05.

<sup>32</sup>EC, 1a. quinzena de junho de 1980. p.07.

<sup>33</sup>EC, 2a. quinzena de junho de 1980. p.03.

Outras polêmicas em termos de música marcarão esta década, especialmente, "momento novo", como veremos mais abaixo.

Encontramos na segunda quinzena de Junho a luz do Encontro Nacional de Evangelização. No editorial sobre Evangelização e Crescimento, lemos:

Evangelização é a Palavra de ordem, na vida e ação da Igreja Metodista, especialmente a partir do engajamento das comunidades locais a partir do Plano Quadrienal. (...) O crescimento é, justamente, uma coisa intimamente ligada a tarefa de evangelizar. Queremos e exigimos que muitas vezes o fato de evangelizar conseqüentemente traga o crescimento, em números, de membros da Igreja. (...)É preciso Evangelizar. É preciso crescer. É preciso testemunhar. É preciso vivenciar em todos os aspectos e todas as oportunidades do evangelho.<sup>34</sup>

O editorial da quinzena expressa sem sombra de dúvida que a inquietação com os números vem gerando o apelo ainda maior para que se cumpra o compromisso do Plano Quadrienal, chegar aos cem mil.

A discussão continua sendo a mesma, o conflito da quantidade versus qualidade, e como vivenciar isto se não pela Evangelização?

Nesta edição encontramos a reportagem sobre o importante evento do ano, o ENE - Encontro Nacional de Evangelização que reuniu em Brodósqui cerca de 500 metodistas discutindo vários aspectos e maneiras de evangelizar.<sup>35</sup>

O laboratório de ação comunitária define: "evangelizar é comprometer-se até as últimas conseqüências com a mensagem deixada por Cristo". A juventude discute a evangelização e a juventude nos anos 80. E neste encontro é lançado o "Manual de Evangelização", do Rev. Santee.

---

<sup>34</sup>Idem, p.02.

Quando lemos as notícias de encontro como este, percebemos a disposição da igreja para viver algo novo, as fotos ilustram o plenário cheio, e o redator da notícia diz não haver mais lugares!

Logo na quinzena seguinte, encontramos um metodista questionando os planejamentos da Igreja. Fala que a 4a.R.E. cresceu no seu último quadriênio 0,9%, e diz que parte da culpa está ligada aos metodistas, "alguns mesmos, presos ao vício e com atitudes pouco respeitáveis e não condizentes com a moral e a ética cristã".<sup>36</sup>

Entendemos que a busca dos resultados acaba gerando insatisfação daqueles que procuram vê-los através dos números. A indefinição ou os resultados negativos criam muitas vezes uma inquietação, e isto se torna questionamento expresso, neste caso através do *Expositor Cristão*.

Na segunda quinzena de julho, encontramos a reportagem mostrando a "ação comunitária como processo de evangelização", fruto das reflexões do Encontro Nacional de Evangelização:

As Boas Novas lançam a nós um desafio (Lc 18.8). Evangelizar é comprometer-se com o que se disse até as últimas conseqüências - se acreditamos na verdade que anunciamos, devemos nos comprometer com ela. Falar essa verdade, morrer por essa verdade, sempre na esperança da ressurreição. Evangelizar é isto comprometer-se até às últimas conseqüências (Hb 11.35b-30). Evangelizar é acreditar que a vida vence a morte - (Lc 18.8).<sup>37</sup>

Entre as áreas propostas pelo Plano Quadrienal, a Ação Comunitária entre outras foi a que se preocupou em enviar para o Jornal suas definições e

---

<sup>35</sup>Idem, p.08 a 10.

<sup>36</sup>EC, 1a.quinzena de julho de 1980. p.03.

<sup>37</sup>EC, 2a.quinzena de julho de 1980. p.05.

valores para contribuir com a Igreja na sua visão da Evangelização comprometida. Abaixo estaremos vendo sobre música, evangelização no meio rural, etc.

A partir do segundo semestre deste ano, vamos destacar alguns elementos mais importantes para nossa pesquisa, no *Expositor Cristão*, uma vez que em todos eles durante o ano de 1980 - 1981, encontramos notícias de igrejas e comunidades falando de seu crescimento, muitas vezes, considerados até "pequenos" em função dos números desejados (cem mil).

O tema sobre os males sociais e o compromisso com a Missão são abordados pela Federação de Jovens da 3a. R.E., discutindo as questões da marginalidade, prostituição e de fato o que efetivamente a juventude poderia realizar em função do Evangelho de Cristo.<sup>38</sup>

Na área de música, após o Encontro Nacional de Evangelização, encontramos a reportagem sobre o "uso da música na Evangelização": Um dos fenômenos da música é sem dúvida a sua força atrativa. Enquanto a palavra falada não se destaca no burburinho de uma praça pública, a palavra cantada sobressai e alcança aquele que passa".<sup>39</sup>

Os textos publicados nesta edição e na edição de outubro apontam especialmente como os grupos podem participar da Evangelização através da música, citando a experiência de John e Charles Wesley, e finalmente dos corais e grupos musicais hoje em nossas igrejas.

---

<sup>38</sup>EC, 2a. quinzena de agosto de 1980. p.12 a 13.

<sup>39</sup>EC, 2a. quinzena de setembro de 1980. p.11. ( O texto continua no jornal da 1a. quinzena de outubro ).



Em seguida, encontramos notícias dos Campos Missionários Gerais, sobre a Igreja em Campina Grande, Paraíba, ofertas da Igreja de Vila Mariana, e um valor de "cinco milhões de cruzeiros ( de 1980) destinados as obras missionárias nacionais.

E no final da edição de outubro um interessante texto sobre a Evangelização no meio rural. Neste artigo, o Rev. Scilla Franco faz uma série de considerações e valores para serem ponderados por aquele que se dispõe a evangelizar num contexto rural. Entre outros elementos encontramos a questão da postura, da linguagem e dos valores "tradicionais".

Fala a respeito de seis pontos principais: 1. amor a pessoa evangelizada, 2. respeito à cultura e à crença, 3. conhecer seu modo de vida é importante, 4. saber como situar-se no meio do povo, 5. pontualidade, 6. adotar uma psicologia toda própria.<sup>40</sup>

Deveríamos destacar aqui que, não somente na área rural, mas em todos os segmentos da sociedade, é fundamental que as pessoas entendam a importância de se considerar alguns elementos para a tarefa da Evangelização, entre eles o amor, o respeito e a valorização do evangelizado e sua cultura, os valores pessoais e a tradição familiar.

O ano de 1980 encerra fazendo ainda considerações se de fato a Igreja está crescendo, conforme a capa da primeira quinzena de novembro, e os preparativos para o advento.

Neste ano de 1980, a partir do mês de setembro destacamos as reportagens, sobre os cinquentenário da Autonomia da Igreja Metodista.

No ano de 1981, na primeira edição do *Expositor Cristão*, encontramos uma série de estudos sobre a figura do pastor, seu compromisso com a Igreja, e o relatório do Conselho Geral falando sobre a nova estrutura da Igreja, e o novo conceito de Missão.<sup>41</sup>

Segundo o Conselho Geral, o Encontro Nacional de Evangelização produziu e tem produzido bons frutos, mostrando uma nova dinâmica para a vida da Igreja.

No Editorial da primeira quinzena de fevereiro, Jorge Cândido Pereira Mesquita ao comentar sobre os concílios realizados, escreve:

O Crescimento da Igreja foi também uma das preocupações destes Concílios, e em alguns casos, abateram ou levantaram as esperanças de a Igreja Metodista, chegar ao final do quadriênio com os 100 mil. Algumas regiões diminuíram, se for feita uma análise bem objetiva, o número de membros durante o último biênio. E as que cresceram também não foram tanto que mereçam um destaque muito especial. Crescemos muito pouco, na verdade.<sup>42</sup>

O editor mostra nas suas palavras um extrato da tristeza da Igreja diante do fato de não alcançar o crescimento desejado. E a partir daí de certa maneira se faz necessário encontrar culpados, para isto, normalmente o pastor é responsabilizado pelo não crescimento da Igreja.

Nas cartas endereçadas ao *Expositor Cristão* nesta mesma edição citada, o Rev. Flávio Moraes de Almeida expressa sua opinião sobre o seu Concílio

---

<sup>40</sup>EC, 2a. quinzena de outubro de 1980. p.16.

<sup>41</sup>EC, 1a. quinzena de janeiro de 1981. p.13 e 14.

<sup>42</sup>EC, 1a. quinzena de fevereiro de 1981. p.02.

na 3a. R.E., onde gastou-se sessenta minutos para discutir o "salário dos pastores" e só quinze minutos para falar dos alvos evangelísticos".<sup>43</sup>

Entendemos a posição do Rev. Flávio, mas centralizar a tarefa da Evangelização na figura do pastor ou pastora, contrapondo ainda, a questão dos subsídios pastorais, é uma leitura simplista de uma crise maior que está no seio da Igreja.

Em primeiro lugar, a tarefa da Evangelização é da Igreja como um todo, e isto deve ser compreendido na melhor formação e entendimento da vida e missão da Igreja e conseqüentemente do seu crescimento.

Em segundo lugar, o subsídio pastoral deve ser analisado a partir da experiência e necessidades do pastor e da pastora e da valorização da sua presença na comunidade, sendo ou não importante ter pastores e pastoras nas igrejas. Mas, a cada momento em que reforçamos o sucesso ou o fracasso das igrejas à luz da figura pastoral, dificilmente os leigos assumirão estas funções na vida e na tarefa da Evangelização.

O ano de 81 é marcado pelos seus noticiários especialmente sobre as consultas de Lei. Foi um ano marcado por muitas tensões consideradas legais para a vida da Igreja.

Entendemos que o destaque, neste primeiro semestre deve ser dado especialmente à missão Indígena, que tem suas reportagens na primeira e segunda quinzenas de abril.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup>Idem, p.03.

<sup>44</sup>EC, 2a. quinzena de abril de 1981. p.12.

Também a Faculdade de Teologia tem seu novo reitor, o Prof. Isac Aço, que discute a questão do perfil do pastor que a Igreja está procurando para atender à tarefa da Faculdade de Teologia em conseguir "juntar as coisas numa tensão criativa".<sup>45</sup>

Na segunda quinzena de maio encontramos a expressão de Cláudio da Silva Pereira, de Magalhães Bastos, RJ, sobre a Evangelização:

Metodistas, Evangelizam? O Plano Quadrienal sugere o alcance dos cem mil membros, mas como poderemos atingir um alvo tão grande, se na verdade, não estamos preparados para tal? Foi o plano elaborado pela nata da Igreja? É o que alguns dizem. E só nos foi apresentado ( o plano ) depois de feito na hora de ser executado. Que faremos? Justificaremos com isso a nossa indisposição para a proclamação do Evangelho? Sabemos que um erro não justifica outro. Unamo-nos realmente no Espírito e evangelizemos, não para cumprir um "Plano Quadrienal", mas a ordem do mestre: "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura".<sup>46</sup>

O quadro de questionamento passa de um lado para outro a busca mais uma vez de quem é responsável pelo não crescimento. Agora, o autor da carta fala sobre o documento, e que ele não é "suficiente" para fazer o crescimento ou impulsionar a missão, o Ide é uma resposta ao Senhor Jesus, o compromisso com o Reino de Deus.

A partir da primeira quinzena de Agosto de 1981, começa a ser feita a pesquisa que vai originar o Plano para Vida e Missão da Igreja. O item 3 fala da Evangelização e Missões, através de três perguntas:

3.1. Que opinião tem o grupo acerca dos objetivos definidos para a Evangelização no Plano Quadrienal? 3.2. As formas pelas quais a evangelização e as missões se desenvolvem hoje são relevantes a Igreja e à sociedade? Por quê? 3.3. Campos

---

<sup>45</sup>Idem, p.08.

<sup>46</sup>EC, 2a. quinzena de maio, 1981. p.03.

missionários: que novas atitudes deve a igreja tomar em relação a eles? Acrescentar outros? Cancelar alguns? Consolidar a obra sem ampliá-la geograficamente? Como tornar a Igreja mais consciente de sua responsabilidade por eles?<sup>47</sup>

O questionário foi enviado para todos os segmentos da vida da Igreja, pastores e pastoras, presidentes das federações, superintendentes distritais, presidentes dos Conselhos Regionais, membros da Igreja Metodista. A consulta seria realizada nos dias 29 de agosto a 02 de setembro, para marcar as comemorações do cinquentenário da Autonomia da Igreja Metodista.

Destacamos neste período da década em estudo, que um dos problemas iniciais seria o conflito para aceitar e interpretar a "Teologia da Libertação". O Rev. Saul Whitehead da 3a. R.E. faz um "ensaio crítico" a respeito do tema.<sup>48</sup>

A Teologia da Libertação vai marcar um período da vida da Igreja nesta década, pois passa a influenciar as reflexões em termos da Evangelização. E pelo fato de Deus ter sua opção preferencial pelos pobres, passa a ser fortalecida a idéia do "evangelho social", trazendo grandes divergências especialmente no laicato da Igreja. Este tema será amplamente discutido em quase toda a década.

E no segundo semestre acontece também nos dias 04 a 06 de setembro o primeiro Encontro Nacional de Homens, sob o tema: "Eis-me aqui, envia-me a mim". O pedido feito no Encontro era para que houvesse equilíbrio nas questões "espirituais" e "sociais", segundo o Rev. Scilla Franco.

---

<sup>47</sup>EC, 1a. quinzena de agosto de 1981. p.08 e 09.

<sup>48</sup>EC, 1a. quinzena de outubro de 1981. p.14 e 15. Na mesma página, encontramos um texto contrário a preocupação com os pobres, sob o título: Ora os Pobres...! de Alba Belotto. Neste texto ela questiona a preocupação da igreja com os pobres, e lembra que Jesus já havia advertido: os pobres sempre tereis convosco, Jo 12.8.

Também na primeira quinzena de novembro será inaugurada uma nova coluna no *Expositor Cristão*, com o título: Plantão Policial, que dará enfoque a questões comunitárias, ligadas a violência, ao crime, às injustiças e ao papel da igreja frente a estas questões. O articulista, será o jornalista Percival de Souza.

Com vistas ao XIII Concílio Geral, o ano de 1982 tem início com a expectativa sobre o resultado da pesquisa sobre a Vida e Missão da Igreja, e suas conseqüências para o caminhar missionário desta Igreja. Encontramos nas páginas seis e sete o relatório do encontro e a base do que é conhecido hoje como Plano para Vida e Missão da Igreja.<sup>49</sup>

Logo a seguir encontramos o documento de Elizeu Constantino fazendo uma análise e traçando um paralelo sobre a "história das Modificações" na estrutura Orgânica da Igreja Metodista. E o Rev. Elias Boaventura fala sobre a "Igreja possível".<sup>50</sup>

Na segunda quinzena de Janeiro deste ano, às portas do Concílio Geral, a crítica é feita à burocracia da Igreja, colocando-a em segundo plano. Se no editorial encontramos uma proposta de avaliação do Plano Quadrienal, no encerramento da mesma edição, à crítica a estrutura da Igreja:

Às vezes, a Igreja, com **i** maiúsculo, preocupa-se demasiadamente com as suas instituições, patrimônios, sede, distrito, e acaba deixando a igreja local em segundo plano. (...) O tema do plano quadrienal de 1960 foi: "A Igreja Local no plano de Deus", ou seja, houve uma preocupação em dar uma atenção maior à igreja local. Como resultado disto, o Concílio Geral de 1965 apresentou o seguinte relatório: "tivemos um aumento

---

<sup>49</sup>EC, 1a. quinzena de Janeiro de 1982. p.06 e 07.

<sup>50</sup>Idem, p.08 a 12. Neste texto Boaventura procura de uma maneira crítica mostrar os principais elementos que marcam a forma de ser Igreja Metodista e aponta possibilidades para a vida e compromisso desta igreja em suas mudanças.

líquido de 9.369 membros, equivalente a 19% do número existente...<sup>51</sup>

A preocupação com o crescimento da Igreja acaba questionando a nossa estrutura e conseqüentemente nossa prática evangelizante. Para conseguir os frutos parece-nos que a Igreja vai procurando caminhos, mudanças nos seus planos, na sua estrutura, e na sua forma de ser comunidade de fé.

### III. TEMPO DO PLANO PARA VIDA E MISSÃO DA IGREJA

Nos primeiros meses de 1982 encontramos no *Expositor Cristão* diversas matérias tratando do Concílio Geral e da visão de uma Igreja que não conseguiu cumprir seu alvo, estabelecido em 1978. Vários artigos procuram estimular a igreja a um sentimento de esperança, como "*É momento de caminhar*", de Odilon Chaves, e "*O que a Igreja espera*", de Janio Quadros Paradela.

A preparação para o XIII Concílio Geral marca o ano de 1982. A capa do *Expositor Cristão* da primeira quinzena de Julho questiona o Concílio. Numa nova página pergunta: "Poderá ser tudo isso?" Poderá ser uma avaliação séria do que a Igreja tem feito e uma proposta clara de ação pastoral? ... Vida e missão, se o tempo for uma lição de sabedoria nada será como antes.

Nesta edição, os Bispos escrevem à Igreja e afirmam neste documento, no item IV - as "definições básicas para as metas da unidade e da evangelização". O item 2 fala sobre "elementos básicos para a compreensão da tarefa evangelizante". Entre outras definições, destacamos:

Nesta ação evangelizadora temos como base fundamental a participação do laicato. O seu despertamento, a sua capacitação e o seu desenvolvimento em ação é fundamental para a ação

---

<sup>51</sup>EC, 2a. quinzena de Janeiro de 1982. p.16.

Evangelizante. (...) Nossa Evangelização pressupõe crescimento qualitativo e quantitativo. Todos estamos sob o processo educativo da graça divina que produz em nós constante crescimento e transformação. Ao mesmo tempo que evangelizamos somos evangelizados.<sup>52</sup>

No momento do Concílio Geral, é com relação a um possível questionamento ao Colégio dos Bispos e à delegação Leiga e Clérica a respeito do não crescimento da Igreja, ou em outras palavras, o não chegar a "cem mil" conforme o esperado e estabelecido. Vamos perceber isto nas notícias da primeira e segunda quinzenas de Agosto do *Expositor Cristão*.

O Concílio Geral de 82 aprova o Plano para Vida e Missão da Igreja: "Cinco dias. Foi esse o tempo que ocupou a discussão do "Plano para a Vida e Missão": metade dos dias previstos para o Concílio. Felizmente o "Plano" foi objeto de um estudo sério e profundo".<sup>53</sup>

Neste Concílio é aprovada a criação da Região Missionária, Nordeste, juntamente com o Plano Diretor Missionário da Igreja Metodista. E na página 23 desta edição encontramos alguns protestos contra o Plano para Vida e Missão da Igreja, entre eles um "excessiva preocupação pela comunidade, pelos grupos, pelo social, em contraposição ao pessoal relacionamento com Deus..."<sup>54</sup>

Na primeira quinzena de outubro encontramos as primeiras notícias da divulgação do PVMI. O primeiro encontro acontece na "fazendinha da Unimep", com mais de mil metodistas.

---

<sup>52</sup>EC, 1a. quinzena de julho de 1982. p.12 a13.

<sup>53</sup>EC, 1a e 2a quinzenas de agosto de 1982. p.10.

<sup>54</sup>Idem, p.23.



O encaminhamento dos estudos do PVMI estende-se pelo ano de 1982. Um ano marcado pela crise e greve Geral no IMS, e renúncia do Dr. B.P.Bitencourt. Ao mesmo tempo, encontramos notícias sobre os avanços do Metodismo em Altamira e comemorações e vitórias das igrejas locais.

Nos primeiros meses de 1983 o *Expositor Cristão* notifica alguns momentos da vida da Igreja, especialmente a crise no IMS e novos Conselhos Diretores no IMS e UNIMEP.

Na segunda quinzena de março encontramos o estudo "Evangelização, onde as pessoas se encontram". Destacamos:

O que é para nós Evangelização? Os cristãos e nós os metodistas, em especial, atualizamos a Evangelização como missão de todos. A Igreja tem a missão que lhe foi confiada por Jesus: a de anunciar a Boa Nova. Jesus evangelizou não com palavras vazias, mas com a vida e o seu sofrimento, até a morte... Ele disse: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou para levar a Boa Nova aos pobres, anunciar aos presos a libertação, e aos cegos a restauração da vista, dar liberdade aos oprimidos...". Nós também evangelizamos com a nossas vidas.<sup>55</sup>

A preocupação do articulista é relatar o compromisso da Evangelização nas diversas áreas da vida da Igreja. Este compromisso concretiza-se quando a Igreja assume e encarna estes elementos da Vida e da Missão expressos no Evangelho deixado por Jesus Cristo como modelo de prática e fé.

Nos relatórios dos Bispos encontramos notícias das preocupações com a questão da Evangelização, como exemplo citamos o relatório do Revmo. Bispo

---

<sup>55</sup>EC, 2a. quinzena de Março de 1983. p. 07. Artigo de Otávio P. Amaral.

Nelson, da 3a. R.E., apontando os elementos básicos para a compreensão da tarefa evangelizante da Igreja.<sup>56</sup>

Entre as definições e ênfases dadas, a nona ênfase afirma o seguinte:

Nossa evangelização sinaliza o fato de que "evangelizar é encarnar o Evangelho de Cristo" nas formas mais diversas segundo a realidade, as necessidades e os interesses básicos das pessoas e da comunidade. Nesta ação evangelizadora temos como base fundamental a participação do laicato. O seu despertamento, a sua capacitação e o seu envolvimento em ação específica são fundamentais para a efetivação da ação evangelizante. O povo de nossas congregações deve ser sujeito e não objeto desta ação. De forma criativa e educadora com uma mitologia apropriada ao povo, sem estar desvinculada de sua realidade, todos unidos a Cristo, e uns com os outros, desenvolveremos a nossa tarefa evangelizante.<sup>57</sup>

A preocupação com a Evangelização será discutida no Encontro do Conselho Geral, na Chácara Flora, entre os dias 15 e 17 de abril. O então, Rev. Paulo Tarso de Oliveira Lockmann, responsável pela área Geral de Evangelização, apresenta os seguintes projetos:

a) preparação de material e Publicação para desenvolvimento do Plano para Vida e Missão da Igreja, no intuito de dar às regiões material de orientação de novos métodos evangelísticos para área de evangelização. b) Seminário de Avaliação da nossa prática evangelística, com o objetivo de refletir sobre a nossa caminhada evangelística, avaliar os resultados obtidos, buscar novos caminhos de linguagem evangelística para a Igreja Metodista no Brasil hoje e recriar uma mística evangelística a luz do metodismo-histórico.<sup>58</sup>

A proposta do então, Rev. Paulo Lockmann acompanha a preocupação de toda a Igreja com o fato de encontrar dificuldades no preparo dos seus membros para cumprir os "planos" aprovados. Quando se percebe esta

---

<sup>56</sup>EC, 1a. quinzena de Abril de 1983. p.11.

<sup>57</sup>Idem, p.11. Elementos Básicos para a compreensão da tarefa Evangelizante da Igreja, item IX.

<sup>58</sup>EC, 2a. quinzena de maio de 1983. p.07.

dificuldade, o desafio está em encontrar caminhos que façam chegar as idéias e planos às igrejas locais, e que o laicato torne-se parte efetiva da missão evangelizadora da Igreja.

No final de outubro acontece o Congresso Brasileiro de Evangelização e Compromisso. Uma das expressões em destaque é a que citamos a seguir:

"Pecamos quando estamos interessados apenas na alma das pessoas, não nos importando pela sua vida como um todo, quando damos ao evangelho uma mera dimensão espiritual, levando as pessoas a separarem as suas vidas em dois departamentos o secular e o religioso...Pecamos quando deixamos de condenar a injustiça e a corrupção e nos comprometemos com meias verdades"<sup>59</sup>

O articulista fala da citação como se fosse algo tirado do PVMI, ou dito por um pastor metodista. Porém cita a fonte como sendo um pastor Luterano, convidado para o Congresso.

Na avaliação do Congresso, questiona-se porque somente 53 entre pastores e leigos metodistas participaram deste encontro. Vários "compromissos" foram assumidos, em documento apresentado no final do Congresso, entre eles:

Comprometemo-nos ainda: a) a colocar todas as nossas forças e energias, todos os nossos recursos e possibilidades, a serviço de Jesus Cristo, no contexto de sua Igreja e Missão; b) a orar pela obra da evangelização e a interceder uns pelos outros; c) a anunciar e a viver o Evangelho, que é o poder de Deus para a Salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16) e a definitiva opção de vida para todos os homens e o homem todo, seja ele quem for e onde quer que esteja.<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup>EC, 1a. quinzena de dezembro de 1983. p.08. Texto de Waldir Steurnagel, no Congresso Brasileiro de Evangelização.

<sup>60</sup>EC, 1a. quinzena de dezembro de 1983.p.09.

O ano de 1983 foi marcado por momentos de reflexão da vida da Igreja sobre a missão, na Escola Dominical, no Culto e em vários segmentos.

Também encontramos várias igrejas vivendo a missão do Evangelho, algumas entendendo e cumprindo o PVMI, outras caminhando na orientação pessoal particular da comunidade ou de seus líderes.

Porém, o retrato é de uma Igreja ainda insatisfeita, conforme cartas e correspondências na coluna do Leitor, que expressavam a insatisfação com a Igreja e como ela estava vivendo o PVMI.

No segundo ano do PVMI, os Concílios Regionais procuram afirmar sua convicção e compromisso com as novas diretrizes para a vida da Igreja.

É a primeira avaliação do Plano para a vida e missão da Igreja. Assim expressa a manchete sobre o Concílio Regional da Segunda Região Eclesiástica: "vestindo a camisa do Vida e Missão".<sup>61</sup>

Encontramos no texto de Odilon Chaves o questionamento sobre a Evangelização Total, uma vez que a concepção e o compromisso da Igreja com a missão não está claro para o articulista:

O evangelho transforma as vidas e deve transformar as estruturas injustas da sociedade. É uma libertação total! Evidentemente, teremos dificuldades em pregar a salvação total. Se a evangelização costumeira, realizada pela igreja, entendida no sentido só espiritual, já quase não funciona, como ainda proclamar a salvação total?<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup>EC, 1a. e 2a. quinzenas de janeiro de 1984. p.01.

<sup>62</sup>Idem, 1a e 2a quinzenas de janeiro de 1984. p.32.

O rev. Odilon continua seu artigo criticando até mesmo o fato de haver "áreas" diferentes como ação social e Evangelização. E aborda segmentos da Igreja que se dividem em função destes temas.

Na palavra dos Bispos, intitulada "Os Bispos Falam", o Revmo. Bispo Richard S. Canfield escreve sobre o crescimento da Igreja e diz:

A Igreja Metodista está entre as menores, numericamente falando, das Igrejas tradicionais no Brasil. Não foi feito ainda um estudo sério, pelo menos não temos conhecimento, porque a nossa Igreja tem crescido menos que as outras igrejas quando somos herdeiros de uma tradição evangelística muito acentuada. Diz o nosso plano de Vida e Missão, quando fala de nossa herança Wesleyana: "O Metodismo caracteriza-se por sua paixão evangelística, procurando proclamar as Boas-Novas de salvação a todas as pessoas..." Será que temos perdido ao longo do tempo a nossa paixão evangelística? (Sobre um pastor que experimentava um crescimento espetacular em sua Igreja, foi perguntado o motivo e ele respondeu) - Na minha igreja eu tenho 400 missionários, cada membro é um missionário. Uma igreja com um forte espírito missionário, com uma grande paixão evangelística, sob a dinâmica do Espírito, é uma igreja que cresce e marca sua presença no mundo.<sup>63</sup>

A preocupação do Bispo reflete sem dúvida alguma a preocupação da Igreja, especialmente nas comunidades locais. A pergunta é sempre a mesma: por que nossas igrejas crescem menos que as outras? A discussão acontece sempre na busca do referencial do entendimento sobre a Evangelização.

Outro tema que vai ocupar o *Expositor Cristão* neste ano é a questão das "Diretas Já", com a participação da Igreja, da mocidade e de pastores evangélicos.

Nas cartas enviadas ao *Expositor Cristão* encontramos as críticas à Igreja por participar das "questões políticas", ou "sociais". Algumas são

---

<sup>63</sup>EC, 1a. quinzena de fevereiro de 1984. p.15.

contundentes, acusando a Igreja de "perder" tanto tempo falando sobre estas questões e não gastando tempo com a "evangelização".<sup>64</sup>

A mesma preocupação está expressa no testemunho do primeiro Concílio da Região Missionária, especialmente na forma de preparar seus obreiros para servirem nos campos, através de cursos e mesmo na formação de Evangelistas.<sup>65</sup>

Em seguida encontramos o resultado do Encontro Nacional da Juventude Metodista, discutindo que "Igreja é Esta?" Aborda a participação da juventude nos anos 80 e sua atuação na Igreja, especialmente nesta década. Mais de trezentos jovens vindos de todas as partes do País participaram deste encontro.

Na mensagem de encerramento do encontro, algumas definições, necessidades e ansiedades foram apresentadas, entre elas:

(...) 8. buscamos uma Igreja que sabe o que quer. Que tenha muito claro diante de si sua meta: que faz anúncio de missionário, que trabalha em equipe (somos corpo de Cristo!) com Deus, por Seu Espírito;...Igreja que não se perde em coisas secundárias, nem retarda a marcha missionária por estar desorientada; Igreja que aponta forte e decididamente para o essencial.<sup>66</sup>

No Jornal de julho, na segunda quinzena, encontramos a primeira avaliação do PVMI, nos Concílios Regionais da VI e da III R.E. Em agosto vamos encontrar as notícias do Encontro Nacional de Pastores e Pastoras Metodistas, na expressão " agora começa o futuro".

---

<sup>64</sup>EC, 1a. quinzena de março de 1984. p.03.

<sup>65</sup>EC, 2a. quinzena de abril de 1984. p.12.

<sup>66</sup>EC, 1a. quinzena de julho de 1984. p.10. Artigo com a mensagem do Rev. Ronaldo Sathler Rosa, no dia 1o. de maio de 1984.

Mais de duzentos e cinquenta pastores e pastoras estiveram reunidos em Mariápolis, onde compartilharam os desafios da fé, do ministério, da vocação diante do novo momento da Igreja: o PVMI.<sup>67</sup>

O encontro é marcado exatamente pela tentativa do diálogo entre as várias tendências teológicas entre pastores e pastoras.

Era um momento de tentar se encontrar, respeitar e valorizar o trabalho e o ministério uns dos outros, com vistas à Vida e Missão da Igreja Metodista.

Diante da preocupação com a Evangelização, a edição da segunda quinzena de outubro dedica-se exclusivamente ao tema e suas nuances principais.

No editorial, a questão de sempre: " E Evangelização sempre deu preocupação ao metodismo brasileiro em crescer e preocupação pelo não crescer. Basta verificar a nossa história através do Expositor Cristão e das Atas e Documentos ( ou anuários)".<sup>68</sup>

A preocupação com a Evangelização está sempre ligada aos frutos ou seja, ao crescimento da Igreja. O editor finaliza dizendo:

A Evangelização deve ser a razão de ser de nossas igrejas locais. Ela não deve ser praticada só em determinados momentos, mas deve ser utilizada como algo natural, espontâneo. Deve se resultado de uma vida cheia do Espírito Santo, de uma vida de comunhão fraternal na Igreja.<sup>69</sup>

Os vários artigos fazem menção ao PVMI, a necessidade do compromisso com Deus e à tarefa evangelizadora da Igreja. Um dos temas

---

<sup>67</sup>EC, 1a. quinzena de agosto de 1984. p.15.

<sup>68</sup>EC, 2a. quinzena de outubro de 1984. p.02.

mais enfatizados é o entendimento da evangelização como Evangelização total. O ser humano deve ser alcançado como um todo e ver sua vida transformada em todos os segmentos: pessoal, familiar, profissional, econômico, financeiro, etc.

A primeira quinzena de novembro traz matéria do II Seminário Nacional de Evangelização, que aconteceu nos dias 15 e 16 de junho, na Faculdade de Teologia. Além dos estudos realizados, foi redigido um manifesto sobre a "evangelização à Igreja Metodista".<sup>70</sup>

O seminário foi promovido pela Secretaria Geral de Evangelização. Contou com a participação de 21 pessoas entre leigos e clérigos, com a colaboração dos professores da Faculdade de Teologia, Rui de Souza Josgrilberg falando sobre a Evangelização em Wesley à luz do PVMI, e o Prof. Duncan Alexander Reily desenvolveu o tema Metodismo Histórico e Projeto Missionário.

Entre os vários "reconhecemos", que expressam o sentimento do grupo, afirmam:

Que a evangelização seja a razão de ser da Igreja, levando em conta a realidade da comunidade e as expectativas das Igrejas locais; que pratiquemos uma evangelização que inclua a proclamação, a ação social e a educação. Que a mudança de estratégias e conceitos partam da prática, conscientização e doutrinas fundamentais como Reino de Deus, Santificação e Missão.<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup>Idem, o editor, neste período é Odilon Chaves, e escreve vários artigos ao longo do ano, sobre o tema Evangelização.

<sup>70</sup>EC, 1a. quinzena de novembro de 1984. p.12.

<sup>71</sup>Idem, p.12.



Vários desafios eram propostos pelo grupo, entre eles o crescimento numérico de 10% ao ano. Crescimento este entendido como mínimo.

O ano de 1984 é marcado por alguns momentos especiais na vida da Igreja. Na área da música há o lançamento do disco *Revivendo*, patrocinado pela Imprensa Metodista. A música "momento Novo" gera polêmicas.

Também foi dada especial ênfase ao ministério pastoral de um "negro". O Rev. Santana escreve vários artigos mencionando a importância do reconhecimento e valorização do negro no ministério pastoral.

Continuam cartas sobre a questão da Teologia da Libertação e uma matéria sobre o depoimento de Leonardo Boff em Roma.

Muitas igrejas locais passaram a informar sobre o crescimento, festas e recepção de novos membros, enquanto outras, como a Região Missionária, manifestam-se pedindo o apoio e ajuda das demais regiões e metodistas no Brasil.

O ano de 1985 marca em primeiro lugar a comemoração dos 100 anos do *Expositor Cristão*, o Jornal Metodista, que vive também no final da década um período de crise, dificuldades com a impressão e distribuição do Jornal no Brasil.

A primeira edição de janeiro (primeira e segunda quinzenas) é iniciada com as notícias dos Concílios Regionais, e a preocupação do Conselho Geral em buscar maior unidade e dinamização da Igreja.

A primeira notícia da preocupação com a Evangelização vem da Juvenília da IV Região, onde cerca de mais de 300 juvenis estiveram participando, com o tema: "como evangelizar e fazer discípulos".<sup>72</sup>

Nas edições de fevereiro e março o Expositor Cristão destaca alguns momentos dos Concílios Regionais, especialmente o da IV Região, que culmina com uma concentração de Evangelização reunindo mais de 3.000 pessoas<sup>73</sup>; João Nelson Betts escreve sobre a "Igreja Metodista e a proclamação do Evangelho Hoje", enfocando a ação de Deus e do Homem na restauração da sua dignidade e vida.<sup>74</sup>

Neste primeiro trimestre fala-se da Eleição do Presidente da República Tancredo Neves e seu relacionamento com a Igreja Metodista.

Nas nossas Instituições de Ensino, a "crise, da Unimep" é vista como uma crise sem precedentes, e a avaliação do Granbery, intitulada "Um educandário Falido"?

Nas cartas, a expressão da Igreja de descontentamento com alguns aspectos do momento da vida da Igreja, e cartas de apoio à Evangelização, vida e participação na Igreja.<sup>75</sup>

As notícias sobre a Evangelização entre os índios destacam o compromisso da Igreja Metodista nesta forma de trabalhar e respeitar a cultura indígena, também na primeira quinzena de abril deste ano.

---

<sup>72</sup>EC. 1a. e 2a. quinzenas de janeiro de 1985. p.09.

<sup>73</sup>EC, 1a. quinzena de fevereiro de 1985. p.11 e 12.

<sup>74</sup>EC, 2a. quinzena de fevereiro de 1985. p.09.

<sup>75</sup>EC, 1a. quinzena de Abril de 1985. p.03.

Após encontros regionais de Evangelização promovidos pelos jovens e suas federações nas respectivas regiões, a IV região escreve o pronunciamento sobre "Evangelização, Juventude e Nova República". Destacamos aqui, uma das principais ênfases:

Ênfase evangelística: O ministério evangelizante da Igreja envolve a criatura humana em três dimensões: o alcance, o discipulado, e o apoio que devem merecer das igrejas locais todo cuidado e atenção. Urge encarnar o amor de Deus nas diversas formas da realidade humana, solidarizando-se com as pessoas, comunicando-lhes e testemunhando-lhes este amor dadivoso e redentor. Ao "repartir a Esperança", irmãos e irmãs são convocados a sair de si mesmos e a se envolver no trabalho de Deus, na construção do seu Reino e na promoção do ser humano.<sup>76</sup>

"Onde estamos? Para onde vamos"? As secretarias Gerais e Regionais fazem análise da Igreja Metodista, numa proposta de uma Igreja "que redescubra seu compromisso com Cristo e una a Espiritualidade e a Evangelização e que seja movida por dons e ministérios e não por cargos". Este encontro aconteceu de 03 a 05 de maio na Chácara Flora.<sup>77</sup>

Creemos ser este o encontro que culmina com as propostas iniciais do projeto Dons e Ministérios, a base de uma Igreja com sua estrutura caracterizada não pelos cargos, mas pelo serviço através dos Dons.

A visão da Evangelização começa a ter um novo sentido, e um apelo ao avivamento começa a ser vinculado ao lado do apelo sobre a ação evangelizante da Igreja.

O clamor pelo Avivamento não é novo. Em 1959 o redator Almir dos Santos procurava demonstrar através do *Expositor Cristão* a busca de uma Igreja mais dinâmica e viva. Destacou a função e a maneira de ser do metodista, frisando que "cada igreja metodista deve ser uma igreja evangelista. Cada membro metodista deve ser testemunha cristã."<sup>76</sup>

Nesta mesma página, Raul Nogueira, da Igreja Metodista em Vila Mariana, critica a Igreja "progressista" e os seus planos e escreve "avivamento é o que precisamos".

Esta discussão marca o ano de 1985, ao lado de outras questões da vida da Igreja, como foi a morte do Presidente eleito Tancredo Neves em abril, ou a condenação de Leonardo Boff.

Dentro desta ótica, os juvenis da V RE "vão renovar a Igreja para louvor, oração e Evangelização". O avivamento torna-se tema em todas as faixas etárias da Igreja. Isto também aparece nos encontros dos "jovens pastores" da Região.<sup>77</sup>

A primeira Região lança sua campanha de Evangelização, reunindo 10 mil pessoas. Na palavra do Bispo, a Igreja é conclamada à tarefa Evangelizadora.

Como Bispo desta Região, neste momento, eu não somente tenho a honra, mas tenho a grande responsabilidade de convocar o povo metodista à evangelização. Todos nós pastores e pastoras, homens e mulheres, jovens e juvenis, todos nós estamos sendo convocados para a obra de evangelização.<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup>EC, 2a. quinzena de abril de 1985. p.10.

<sup>77</sup>EC, 2a. quinzena de junho de 1985. p.08.

<sup>78</sup>Idem, p.13.

<sup>79</sup>EC, 2a. quinzena de Julho de 1985. p.04 e 05.

<sup>80</sup>EC, 2a. quinzena de agosto de 1985. p.08, o Bispo da Região, era Paulo Ayres Mattos.

Um dos pontos altos do ano de 1985 é o encontro promovido pelo Ciemal, entre os dias 04 a 09 de outubro, na Faculdade de Teologia, cujo tema era : Metodismo Latino - Americano procura renovar a prática evangelística".

Um dos participantes, afirma:

que no metodismo brasileiro existem dificuldades e grandes desafios na área de evangelização. Falta uma dinamização do povo metodista em evangelizar. Há uma preocupação constante com o crescimento da Igreja de maneira harmoniosa nos aspectos qualitativo, quantitativo e orgânico. ...Temos que superar uma prática de Evangelização que não visa o ser humano total, dando ênfase somente a parte social, educacional ou espiritual, como se o ser humano pudesse ser dividido em partes.<sup>81</sup>

Uma das principais ênfases do encontro está no fato da Evangelização acontecer num continente "oprimido como a América Latina e integrada à promoção humana".

Na mesma edição do *Expositor Cristão*, lemos a notícia do "Encontrão" promovido pela VI R.E. com a participação de mais de duas mil pessoas, com ênfase no louvor e na santificação.

Na última edição do ano, encontramos o artigo do Rev. Cesar Camargo, sobre "Evangelização e libertação humana", onde escreve:

De um lado a evangelização tem sido entendida pelo prisma exclusivamente individualista, na pretensão de fazer com que Deus salve a cada indivíduo dos perigos que o perturbam e lhe conceda uma recompensa após a sua morte, uma busca intimista de paz e liberdade... Entretanto, é importante que na ação evangelizadora da Igreja não sejamos tentados pelos simplismos que parecem facilitar a vida cristã... A evangelização trata-se, na verdade, da dimensão histórica da Palavra de Deus, das exigências concretas vindas da fé

---

<sup>81</sup>EC, 2a. quinzena de novembro de 1985. p.09. O delegado que concedeu a entrevista era o Rev. David Ponciano, da I RE.

cristã, das respostas evangélicas às legítimas aspirações de salvação de todos os povos.<sup>82</sup>

O ano de 1985 torna-se base para alguns segmentos da igreja discutirem seus encaminhamentos, e a dimensão da estrutura da Igreja e a possibilidade de acontecer uma nova Igreja, numa nova dinâmica, o que seria mais tarde conhecida como Igreja de Dons e Ministérios.

As primeiras quinzenas do ano de 1986 enfatizaram as notícias sobre os campos missionários, no Norte e Nordeste do País. Cartas enviadas ao Editor, e mesmo as notícias referentes ao Conselho Geral, reforçam a preocupação com os avanços missionários da Igreja Metodista nestas Regiões.<sup>83</sup>

Nas notícias dos Concílios Regionais encontramos as mesmas preocupações, em diferentes momentos. No concílio da IV Região, o tema foi "espiritualidade e evangelização". Assim define o Concílio:

Neste Concílio, foram discutidos os problemas internos da Igreja, mas houve espaço suficiente para tratar de temas de relevância como a Reforma Agrária, o negro e a discriminação, a Constituinte, a situação social no Brasil etc. Para muitos, pode parecer que são temas opostos à espiritualidade. Entretanto, a Bíblia nos ensina que a espiritualidade está no ser sal da terra. Bispo Adriel definiu bem: "espiritualidade é o *grande cão* da Igreja, ou seja, o plano de Deus para com os homens, significando justiça, paz, liberdade e solidariedade. A evangelização é consequência da Espiritualidade, um compromisso que a Igreja tem de não se omitir dos problemas que o país enfrenta".<sup>84</sup>

No Concílio Regional da 2a. Região, encontramos dentro do tema espiritualidade e Evangelização notícias sobre o Concílio, e especialmente no

---

<sup>82</sup>EC, 2a. quinzena de dezembro de 1985. p.09.

<sup>83</sup>EC, 1a e 2a. quinzenas de Janeiro de 1986.p.13.

final da reportagem a síntese do planejamento já caminhando na direção de Dons e Ministérios, enfatizando a prática do leigo na ação missionária da Igreja.<sup>85</sup>

Neste ano, os Bispos escrevem especialmente sobre o tema espiritualidade e evangelização, o Bispo Nelson afirma:

A dinâmica da evangelização leva-nos a uma vida de testemunho do evangelho nas formas mais diversas: palavra, ação, interesse, compartilhar... objetivando alcançar as pessoas, famílias, os grupos sociais, e as estruturas da sociedade com o poder transformador do evangelho. Evangelizar significa, dentre tantas definições, colocar Cristo, seu amor e seu poder diante das pessoas e da sociedade, levando-as a conhecerem-no, Serem confrontados com Ele e os valores do Reino e a darem uma resposta de aceitação ou não à Sua Presença na vida. ... Aqui está o convite do Senhor! Caminhemos segundo o seu apelo: "vinde a mim" e o seu comissionamento: "Ide...".<sup>86</sup>

A Terceira Região nesta perspectiva realiza o primeiro retiro com motivação evangelística. Rev. Adolfo E. de Souza fala a um grupo 53 pessoas representantes de 18 igrejas da Região.<sup>87</sup>

O tema da Espiritualidade e Evangelização vai tomando conta do final do primeiro semestre de 1986 e do segundo semestre. No primeiro semestre ainda é realizado o III Encontro Nacional de Liderança, para discutir mais uma vez o papel do leigo numa Igreja através dos seus ministérios, discutindo que "igreja somos?".<sup>88</sup>

---

<sup>84</sup>EC, 2a. quinzena de fevereiro de 1986. p.09. grifo é nosso, embora copiado na íntegra, cremos ser a melhor redação, ao invés de: espiritualidade é o grande cão... espiritualidade é a grande questão da Igreja.

<sup>85</sup>EC, 1a. quinzena de abril de 1986. p.07.

<sup>86</sup>EC, 1a. quinzena de maio de 1986. p.15.

<sup>87</sup>EC, 2a. quinzena de maio de 1986. p.05.

<sup>88</sup>EC, 1a. quinzena de junho de 1986. p.04.

Ainda nesta edição, citada acima, encontramos um artigo de Wilson Villanova, "ainda sobre a evangelização", onde comenta o articulista:

A evangelização é uma compulsão. Foi para Deus - ( Jo 3.16, Hb 3.1) - Apóstolo equivale a "missionário" no latim. Deus fez de Jesus um missionário. Deve ser uma compulsão para nós cristãos hoje. .. Temos que voltar a sentir paixão pelas almas... A igreja sem missão revela que é uma igreja sem cruz e se torna uma igreja sem fé.<sup>89</sup>

Na mesma página, no artigo "precisamos evangelizar", Cillas Ferraz de Oliveira afirma que a evangelização não pode seguir o caminho só da "doutrina da espiritualidade", mas deve ser comprometida com os valores sociais do mundo em que vivemos. Afirma que "uma evangelização que não mostre o Direito da Vida e à Liberdade é falha, é limitada. Não é evangelização, é proselitismo".<sup>90</sup>

Na expressão dos autores, esta é uma situação comum no discurso do povo da Igreja Metodista. Por um lado temos a ênfase dada à "espiritualidade" como compromisso com a missão. Por outro lado, o "compromisso" social é que revela de fato a tarefa da Evangelização.

A busca do equilíbrio sem dúvida alguma é o grande desafio da Igreja. Encontramos os Bispos escrevendo sobre espiritualidade e Evangelização, e a igreja através de seus membros, e mesmos pastores e pastoras, procurando dar sentido à tarefa da Evangelização num contexto mais específico.

Nesta edição Odilon Chaves encerra escrevendo sobre a necessidade da Evangelização através do equilíbrio entre o compromisso social e espiritual.

---

<sup>89</sup>Idem, p.13.

<sup>90</sup>Idem, p.13



Nas edições de Julho encontramos cartas e notícias de igrejas comemorando avanços e crescimento, e sinais da discussão sobre as mudanças possíveis nos Cânones da Igreja Metodista.

E na edição de Agosto, encontramos novos artigos sobre a Evangelização, do Pr. Edson Alves, evocando o PVMI, e como e a quem evangelizar, e Clory Trindade de Oliveira, Reitor do Instituto de Porto Alegre - IPA, apresentando a Evangelização como " consequência necessária à prática dos diferentes ministérios, exercidos pelos cristãos".<sup>91</sup>

Os autores, embora em alguns pontos diferentes, procuram despertar o leitor para o compromisso do cristão frente à Evangelização. Este compromisso tem valores extraordinários para a realização através dos ministérios.

Vamos reencontrar o tema sendo estudado novamente na primeira quinzena de novembro de 1986. Nos meses de agosto, setembro e outubro, e mesmo na primeira quinzena de novembro encontramos notícias das igrejas locais sobre suas atividades, trabalho e crescimento.

Algumas delas mostram novas perspectivas de trabalho, e inaugurações de escolas, creches, etc.

Um outro elemento é a distribuição do anteprojeto para as mudanças canônicas, parecendo centralizar a atenção da Igreja com vistas ao seu próximo Concílio Geral.

O rev. Adolfo define em seu artigo: " Evangelização é a ação de um povo que conhece o seu Deus, ou seja, o seu nome, a sua pessoa, e o que dEle e

nEle dá testemunho. Portanto, amados, cremos que Deus nos levantou como ministério Metodista, para focalizar a partir do século XVIII esta visão".<sup>92</sup>

No ano de 1986 discute-se a questão da Evangelização, através dos leigos, dos pastores e pastoras e dos Bispos da Igreja. Ainda neste ano, uma especial atenção foi dada ao longo de todo ano que era a participação da Igreja no "boicote" contra a inflação, e como entender a necessidade da Constituinte, e os reflexos dela para a vida da Igreja.

#### **IV. UM NOVO TEMPO: DONS E MINISTÉRIOS**

No ano de 1987 iniciamos um novo momento na vida da Igreja Metodista, Dons e Ministérios marca este novo tempo. Percebemos já na primeira edição do *Expositor Cristão*, a discussão do tema por parte de vários segmentos da Igreja.

O ano de 1987 inicia apresentando na primeira edição de janeiro (1a e 2a. quinzenas) que o tema: Dons e Ministérios é discutido em Juiz de Fora, IV RE, e o tema do IX Congresso Nacional de Jovens Metodistas, anunciado para 28/02 a 03/03, será: " Diversidade nos dons, unidade na missão".<sup>93</sup>

A primeira quinzena de fevereiro traz notícias dos Concílios Regionais, claro que com vistas ao Concílio Geral. A discussão nos regionais passa especialmente pelo tema: Igreja Dons e Ministérios. Os concílios elegeram as delegações ao Geral. A Igreja vive expectativas de mudanças.

As notícias por um lado procuram mostrar a Igreja preocupada em ser menos burocrática, como escreve Percival de Souza: "vamos procurar juntos a

---

<sup>91</sup>EC, 1a. quinzena de agosto de 1986. p.12.

<sup>92</sup>EC, 1a. quinzena de novembro de 1986. p.16.

<sup>93</sup>EC, 1a e 2a. quinzenas de janeiro de 1987. p.05.

Fórmula para a Igreja Crescer e a Burocracia Diminuir", "Igreja Pequena, Estrutura Grande; o modelo é uma comunidade de fé".<sup>94</sup>

O Congresso Nacional de Jovens Metodistas acontece na discussão e avaliação da Igreja, e particularmente a participação numa Igreja de Dons e Ministérios. A questão central estava em como agir nesta Igreja, e tornar prática toda a teoria da juventude metodista.

No dia 21 março, os Secretários de Evangelização avaliam Planos de Trabalho:

"puderam compartilhar suas preocupações bem como seus planos de trabalho. Entre eles surgiram expectativas comuns: " a produção de folhetos de evangelização por biblistas metodistas" e a "criação de um programa radiofônico evangelizante e sua distribuição às regiões". O ponto alto do encontro foi o otimismo demonstrado pelos secretários face a futura legislação metodista".<sup>95</sup>

A avaliação tem a visão da novidade do Concílio Geral e a expectativa de mudanças na vida da Igreja. Motiva o caminhar missionário desta Igreja.

O tema da VI Região para 87 é : Oração e Avivamento. A necessidade de se ter uma nova Igreja, viva e atuante, visando preparar-se inclusive para o Concílio Geral.

O *Expositor Cristão* de agosto traz então as notícias do XIV Concílio Geral, depois de narrar preocupações expressas nas edições anteriores do Jornal. Agora, narra as decisões de um novo momento na vida desta Igreja.

---

<sup>94</sup>EC, 1a quinzena de fevereiro de 1987. p.15; e 2a. quinzena de fevereiro de 1987. p.14.

<sup>95</sup>EC, 1a e 2a quinzenas de maio de 1987. p.05.

A ênfase principal está na desburocratização da Igreja, e no seu avanço missionário. Apresenta-se uma nova concepção da Igreja, onde o Clero e o Laicato ocupam o mesmo lugar com funções diferentes:

Configurados nesta nova dimensão, irmãos(ãs) pastores(as) estarão integrados no caráter ministerial de toda Igreja. Não há dicotomia e nem separação entre um ministério (leigo) e outro (clérigo). Todos são ministros de uma mesma Missão, desenvolvendo a sua plenitude, através das diversidades dos dons.<sup>96</sup>

A Igreja Metodista através do seu XIV Concílio Geral passa a organizar-se como Igreja de Dons e Ministérios. Na sua estrutura fortalece o Ministério Episcopal. Isto devido à exclusão do Conselho Geral, conf. Art.7. dos Cânones da Igreja Metodista.

Com esta mudança, a administração em nível regional e local também sofrerá alterações. E em conseqüência destas alterações algumas pessoas vão receber a Igreja organizada em dons e ministérios, como uma possibilidade de romper alguns "feudos" e ver uma nova dinâmica missionária.

O ano de 1987 marca mudanças na vida da Igreja. As perspectivas iniciais dão sinais de possíveis crescimentos na vida da Igreja. Somente no Concílio Geral de 1991 é que estaria sendo avaliado o projeto da Igreja de Dons e Ministérios.

Nesse ano, entre outros temas abordados pelo *Expositor Cristão*, estava presente especialmente o trabalho com os meninos e meninas de rua.

---

<sup>96</sup>EC, 1a. e 2a. quinzenas de agosto de 1987. p. 06 a 24.

A discussão sobre Dons e Ministérios é sensível na vida da Igreja, no Editorial da 1a. quinzena de janeiro de 1988. O tema é abordado como: Dons e Ministérios: Avanço ou Retrocesso?"

Alguns compreendem que o programa é muito bem-vindo porque dá oportunidade para que a igreja se organize em torno de si mesma, se volte novamente para as preocupações internas e individuais de seus membros e que definitivamente podem voltar a preocupação de encher os templos em um mesmo eterno...Por outro lado teremos realmente um "avanço" no metodismo brasileiro em sua fidelidade ao Evangelho se os metodistas, agora livres das organizações fechadas e predeterminadas, souberem ouvir o clamor de Deus através do clamor dos empobrecidos, dos trabalhadores mal pagos...Se houver "avanço" ou "retrocesso" só o tempo dirá, porém, a responsabilidade é nossa e o resultado depende de como os metodistas agirão. Deus e a história serão nossos juízes!<sup>97</sup>

A presença de Dons e Ministérios traz consigo um desafio de compreender até que ponto estas mudanças de fato aproximariam a Igreja de sua vocação e chamado. O Editor preocupa-se com uma "centralidade" na vida da Igreja e no esquecer daqueles menos favorecidos que necessitam do ministério desta Igreja.

Nesta edição encontramos notícias dos Juvenis da IV Região, que em Cachoeira do Itapemirim reúnem-se para discutir a participação deles numa Igreja de Dons e Ministérios.

A Edição de março informa sobre os Concílios Regionais da Primeira a Sexta Regiões. Todos eles têm o mesmo enfoque: Um Concílio Missionário.<sup>98</sup> Esta preocupação é refletida como o novo momento da Igreja à luz da sua nova disposição.

---

<sup>97</sup>EC, 1a. e 2a. quinzena de janeiro de 1988. p.02. O Editorial é escrito por Jorge Hamilton Sampaio.

No transcorrer do primeiro semestre, o *Expositor Cristão* procurou publicar algumas cartas mencionando a presença da Igreja Metodista em celebrações, especialmente em abril, sobre a questão do Negro e as comemorações do centenário da Abolição da escravatura, e a preparação para o Encontro Nacional de Pastores e Pastoras que aconteceria em 16 de agosto sob o tema de "Dons e Ministérios".

Outro ponto importante a recordar foram os 50 anos de Faculdade de Teologia, contando um pouco da sua história e perspectivas para a Faculdade neste momento da Igreja de Dons e Ministérios.<sup>99</sup>

A edição de setembro traz em primeiro lugar a avaliação do primeiro ano após o Concílio Geral, onde fora aprovada a Igreja organizada em Dons e Ministérios.

Mas encontramos nas cartas uma "cobrança" por parte de leigos da 3a. R.E., onde discutem a questão do crescimento da Igreja, Lourival Flausino Dias escreve que estão "matando a minha Igreja", e fala da ineficiência dos pastores e da "cúpula da Igreja", que é responsável pelo não crescimento.

Pedro Leite escreve na mesma página questionando um artigo sobre "Tempo Integral x Sustento Integral", afirmando que o articulista não conhece a Igreja Metodista, e afirma que as estatísticas da 3a.R.E. apontam para uma Igreja que não cresce, e também atribui aos pastores grande parcela de culpa.<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup>EC, 1a. e 2a. quinzenas de março de 1988. Toda a Edição é dedicada aos Concílios Regionais.

<sup>99</sup>EC, 1a. e 2a. quinzenas de junho de 1988. p.08 a 12.

<sup>100</sup>EC, 1a. e 2a. quinzena de setembro de 1988. p.03. O articulista que Pedro Leite critica é o Rev. Jairo Monteiro, na ocasião, pastor da I.M.São Bernardo do Campo.

Nesta edição, há notícias a respeito do envio do Bispo Messias Andrino para dar assistência aos Campos Missionários Gerais, numa tentativa de apoio do Colégio Episcopal ao ministério que lá estava nascendo.

O encontro Nacional de Pastores e Pastoras aconteceu em Belo Horizonte onde os Bispos se manifestaram na questão missionária da seguinte maneira:

Caminhar na dinâmica do compromisso missionário: a prática dos Dons e Ministérios movimentará a Igreja, reascendendo seu entusiasmo missionário. Seu caráter missionário e evangelístico decorre de sua própria natureza mas deverá, sempre, ser reaquecido. ... A igreja em Antioquia organizou a primeira viagem missionária, onde Barnabé e Paulo foram enviados pela Igreja sob a inspiração do Espírito Santo (At 13.1-4)...Caminhar na dinâmica do compromisso missionário é uma proposta que o Colégio Episcopal encara seriamente em seu ministério episcopal, é um desafio lançado aos pastores e pastoras, em nome de Jesus Cristo. Sejam sempre fiéis ao nosso compromisso missionário e ajudemos nossas igrejas a reascenderem seu entusiasmo, nesta participação maior do Reino de Deus.<sup>101</sup>

O encontro procurou acima de tudo promover a unidade do ministério pastoral no novo momento da vida da Igreja. Entre estes elementos a vocação missionária recebeu grande atenção especialmente por parte dos Bispos da Igreja.

A questão estava em como interpretar os sinais do novo na tarefa do reaquecimento das igrejas em sua vocação missionária.

O ano de 1988, o primeiro de Dons e Ministérios, não expressou sinais maiores de resultados positivos quanto ao crescimento da Igreja, pois grande

---

<sup>101</sup>EC, 1a e 2a.quinzenas de outubro de 1988. p.07.

parte do tempo ainda se gastou na tentativa de organizar-se nesta nova dinâmica.

Na primeira edição de 1989, os Bispos falam à Igreja sobre o momento de "transição visando a missão"<sup>102</sup>. Os Bispos resgatam os valores do Plano Vida e Missão, afirmando: "O Plano para a Vida e Missão da Igreja é nosso projeto de trabalho. Nós nos integramos a ele e estamos convencidos de que os dons mais excelentes são aqueles que o Plano nos propõe".

A disposição da Igreja está em perceber os valores do PVMI e a nova organização em Dons e Ministérios. Não são planos que se sobrepõem, e sim, completam-se, dando maior ênfase à força e à visão missionária da Igreja.

Este ano é marcado especialmente pela crise na Imprensa Metodista e nas publicações da Igreja, o que compromete de certa maneira as publicações do ano. E como no ano anterior o próprio *Expositor Cristão* tem edições mensais e não quinzenais.<sup>103</sup>

Encontramos nestes dois últimos anos, com a presença do Bispo Messias Andrino, uma gama maior de informação sobre os Campos Missionários Norte e Noroeste do país. A edição da 1a e 2a. quinzenas de julho informa sobre as realizações feitas. O artigo que compartilha das experiências dos Campos Missionários demonstra uma faceta da Igreja, em busca do crescimento e desenvolvimento missionário.<sup>104</sup>

Na busca do crescimento tanto numérico quanto espiritual, a I Região realiza o I Encontro de Avivamento e Santificação coordenado pelo pastor Ary

---

<sup>102</sup>EC, 1a e 2a. quinzenas de janeiro de 1989. p.01,08 e 09.

<sup>103</sup>EC, 1a. e 2a quinzenas de abril de 1989. p.08 a 11.



Guedes. Na abertura, o Bispo Paulo Lockmann afirma que nós somos herdeiros do "avivamento de um homem que transformou a Inglaterra". Cerca de 700 pessoas participaram do encontro e "desceu sobre eles o fogo do espírito".<sup>105</sup>

Esta ênfase sobre a renovação espiritual, encontros de avivamento e santificação vai se tornar presentes no decorrer dos próximos anos, como uma prática entendida como correta e necessária pela Igreja de Dons e Ministérios.

A pergunta é de que forma estes encontros contribuem para o crescimento da Igreja, e identificar como a disposição da Igreja em se "abrir" para a missão ou se "fechar" cada vez mais em torno de si mesma.

Neste ano, uma grande perda marcou a Igreja Metodista, o falecimento do Bispo Scilla Franco, alguém que trabalhou profundamente como um evangelista entre os índios e como Bispo da Igreja.

A mensagem no final do ano dos Bispos para a Igreja Metodista era de que se abriam as portas de uma nova década. O tempo era de esperança e ânimo!

Desafiam a Igreja a assumir no próximo biênio o lema: "comunidade missionária a serviço do povo".<sup>106</sup>

Como a Imprensa atravessava uma fase difícil, a primeira edição do *Expositor Cristão* acontece em abril de 1990.<sup>107</sup> O apelo era para o biênio 90/91 ser de uma "comunidade missionária a serviço do povo".

---

<sup>104</sup>EC, 1a. e 2a. quinzenas de julho de 1989. p.08 e 09.

<sup>105</sup>EC, 1a e 2a quinzenas de outubro de 1989. p.14.

<sup>106</sup>EC, 1a. e 2a. quinzenas de novembro e dezembro de 1989. p.16.

<sup>107</sup>EC, abril de 1990. pag. 01

A perspectiva estava a partir de uma Igreja de Dons e Ministérios encontrar o caminho para o crescimento e despertar para o compromisso e missão.

A visão da comunidade missionária passa, especialmente pelo compromisso da missão: "A Igreja local, inquestionavelmente, é o nascedouro da missão. Sem qualquer sombra de dúvida, todos os segmentos da Igreja Metodista têm um compromisso com a tarefa missionária. Contudo, a igreja local é o "mundo" da missão divina, na comunidade".<sup>108</sup>

A igreja local começa a ter oportunidade para uma reflexão mais profunda sobre a diferença da igreja estruturada em cargos e "poder" e a igreja estruturada em Dons e Ministérios, numa perspectiva missionária mais comprometida.

O *Expositor Cristão* noticia que nos dias 07 e 08 de novembro de 1989 aconteceu o Encontro Sobre Ação Missionária na Sede Geral da Igreja Metodista, onde discutiu-se o momento atual brasileiro e a Igreja Metodista.

A preocupação do encontro estava na dinâmica de entender o que é missão para a Igreja Metodista no contexto brasileiro hoje, suas perspectivas e possibilidades. Assim, encontramos:

Quando falamos em "ação missionária" da Igreja Metodista, estamos nos referindo ao conjunto de sua ação, expressando-se em atividades tais como: a proclamação da graça de Deus; serviços de solidariedade e promoção humana; adoração do Deus triúno; expansão geográfica e numérica da Igreja Metodista". É a edificação do corpo de Cristo e conseqüentemente do serviço que ele presta, servindo ao mundo.

---

<sup>108</sup>Idem, p.03.

É o anúncio da vida, e a denúncia de situações que conduzem à morte.<sup>109</sup>

O encontro permite mostrar a nós que a preocupação com a expansão e o crescimento da Igreja toma novo ânimo com o projeto de Dons e Ministérios. O que não quer dizer que tenha abandonado os valores do PVMI. Ao contrário, mesmo às vezes sem "conhecê-lo", a Igreja vai cumprindo suas propostas e metas.

Os aspectos missionários são tratados agora na consulta missionária que aconteceu nos dias 20 a 22 de abril na "fazendinha" da UNIMEP, onde se discutiu a ação missionária nos anos 90 e as perspectivas de nossa Igreja.

O encontro propunha-se consultar as diversas regiões sobre a ação missionária atualmente desenvolvida e as propostas de atuação para a década de 90.<sup>110</sup>

O ano de 1990 é marcado especialmente pelo partilhar de muitas experiências em nível de igrejas locais, em todo o País. O *Expositor Cristão* procura noticiar e compartilhar os sinais de crescimento e movimento na vida das igrejas locais.

De maneira mais concreta, vamos encontrar orientações para a organização da Igreja em Dons e Ministérios, uma nova dinâmica para uma Igreja em busca de crescimento.<sup>111</sup>

Na síntese dos relatórios da Consulta Nacional encontramos a "razão-de-ser e modo-de-ser Metodista", no item a considerar:

---

<sup>109</sup>EC, abril de 1990. p.04.

<sup>110</sup>EC, junho de 1990. p.05.

<sup>111</sup>EC, agosto de 1990. p.4 e 5.

(...) 3. reafirmar e recuperar o Plano para a Vida e Missão da Igreja, na perspectiva missionária, operacionalizando-a em projetos concretos. 4. promover o despertar de pastores e igrejas locais. 5. enfatizar que cada membro é um missionário. 6. entender que a expansão missionária se faz não somente mediante "pontos de pregação", mas por diversos "tipos de serviço".<sup>112</sup>

Além das preocupações com a consulta sobre a ação missionária, outro tópico que marca o ano de 1990 está exatamente na perspectiva do XV Concílio Geral, que traria a avaliação primeira sobre Dons e Ministérios e um possível sinal de mudanças na Evangelização e conseqüente crescimento na Igreja Metodista.

O Tema da missão e Evangelização é citado como de volta a Faculdade de Teologia: "Evangelização e Missões: Faculdade de Teologia volta a enfatizar estes desafios vitais para o crescimento e influência transformadora da Igreja Metodista".<sup>113</sup>

O reitor complementa a informação afirmando que: "estamos maduros para esta ênfase, que sempre esteve presente nos cursos de pastoral da Faculdade de Teologia, mas que exige dinâmica maior, diante do desapontamento da Igreja Metodista com a lentidão de seu crescimento e sua influência transformadora no mundo".

O momento da Igreja torna-se interessante, quando mesmo na Faculdade de Teologia passa a ser refletida a temática da Evangelização e o desapontamento citado acima com o não crescimento da Igreja.

---

<sup>112</sup>EC, agosto de 1990. p.09 e 10.

<sup>113</sup>EC, abril de 1991. p.15.

A edição de maio tem um suplemento especial para tratar do XV Concílio Geral, sob o tema de Dons e Ministérios e as expectativas e perspectivas do Colégio Episcopal e da própria Igreja Metodista sobre as possíveis mudanças e avanços missionários.

O Concílio Geral indica mudanças em seu planejamento para os níveis Geral, Regional e Local, dividindo a ação da Igreja em três áreas: Ação Missionária, Ação Docente e Ação Administrativa.<sup>114</sup>

A Igreja elege oito Bispos para suas Regiões Eclesiásticas, e a proposta dos Bispos e do Concílio está em :

UNIR nossos pensamentos, idéias, forças, e recursos humanos e materiais, na diversidade de ministérios e aptidões, refletida nos projetos apresentados. CONSOLIDAR a caminhada que o metodismo fez até o momento, ampliando e aprofundando o estudo de nossos documentos, e aperfeiçoando a prática do ministério metodista. AVANÇAR corajosamente em direção a novas frentes missionárias e ao desenvolvimento de ministérios, de modo a responder às necessidades colocadas diante de nós, em termos de carências pessoais e sociais.<sup>115</sup>

A Igreja como comunidade missionária assume os valores da missão e Evangelização como ponto central de seu ministério. A ênfase dada ao crescimento e expansão da Igreja proposta no XIV Concílio Geral, conforme enfatizado neste capítulo, agora é fortalecida e aprovada como meta para a vida da Igreja.

As notícias das igrejas locais continuam sendo vinculadas e mostram sinais de uma Igreja com suas células vivas, as igrejas locais.

---

<sup>114</sup>EC, agosto de 1991. p.12 a 14.

<sup>115</sup>Idem, p.12.

A caminhada missionária da Igreja é relatada através das páginas do *Expositor Cristão*. Encontramos muitas vezes as diferenças expressas entre as tendências da Igreja frente à definição sobre a Evangelização, compromisso e serviço prestados pela Igreja.

Contudo, neste período de mudanças da Igreja de "cargos e poder", para uma Igreja de Dons e Ministérios, ela encontra sinais pequenos, mas reais, de crescimento.

A maioria das Igrejas (85%) considera que sua organização em Dons e Ministérios foi melhor que o sistema anterior (Juntas e Comissões). Pessoas de todas as faixas etárias participam dos ministérios... Com alegria, convidamos a comunidade metodista a celebrar, neste final de quadriênio, os resultados positivos de uma igreja configurada em Dons e Ministérios... Observa-se, com júbilo, que esta nova articulação ministerial trouxe maior vigor. Em especial, revitalizou uma nova maneira de ser Igreja, e conseqüentemente, percebem-se sinais concretos de crescimento, bem como o surgimento de ministérios a partir das necessidades das comunidades, objetivando uma prática missionária comprometida com a realidade vivencial do povo brasileiro.<sup>116</sup>

A síntese das estatísticas Regionais do quadriênio 87 a 90 indica 76.131 metodistas, incluindo a ordem presbiteral em 87 e, no ano de 1991 83.088 metodistas. Como os Bispos avaliam, um pequeno crescimento, porém real.<sup>117</sup>

A idéia da Igreja em busca do seu crescimento era fundamental para a compreensão desta nova Igreja.

A proposta do programa era descobrir junto às lideranças, as possibilidades de ação missionária. Lançar os metodistas para fora dos templos. Descobrir dons e ministérios, a partir da

---

<sup>116</sup>COLÉGIO EPISCOPAL, *Comunidade Missionária a Serviço do Povo*, São Paulo, Ed. Col. Episcopal, 1991. p.27 e 28.

<sup>117</sup>Idem, p.70 a 77.

releitura da Bíblia e do contexto onde estão inseridas as comunidades locais, para dinamizar a missão da Igreja.<sup>118</sup>

A necessidade das mudanças está presente na vida da Igreja e na sua caminhada como Comunidade Missionária. Para isto tinha dois desafios básicos. O primeiro era superar a barreira dos preconceitos contra quaisquer mudanças propostas na vida da Igreja por parte de clérigos e leigos. A segunda, como gerenciar a implementação deste novo programa na vida e consciência da Igreja Metodista, e ainda assim, promover a unidade. É o Colégio Episcopal que tem esta prioridade e desafio.

O Colégio Episcopal recebeu do Concílio Geral, além da grande responsabilidade de governar a Igreja, a incumbência de implementar um novo modelo de Igreja, organizada em Dons e Ministérios, isto é, uma Igreja Ministerial. Desafiar e conscientizar a Igreja Metodista a viver e agir missionariamente, na perspectiva do movimento de Dons e Ministérios, não seria uma tarefa fácil, principalmente pelo fato de estarem sozinhos na liderança da Igreja, pois junto com o Conselho Geral, também haviam sido extintas todas as secretarias da Igreja.<sup>119</sup>

A maneira de como fazer esta transição mostra as dificuldades da própria Igreja em viver os desafios e mudanças e como encontrar definições para o termo Evangelização e como responder às inquietações do povo da igreja sobre o não crescimento da Igreja Metodista.

---

<sup>118</sup>CASTRO, Clovis Pinto, *Igreja Metodista: ação pedagógica no Colégio Episcopal na implantação de um novo modelo de Igreja organizada em Dons e Ministérios (1987-1991)*. Tese de mestrado, UNIMEP, Piracicaba, 1992, p.57. Neste estudo Clóvis, procura destacar elementos importantes na ação do Colégio Episcopal, na mudança de estrutura da Igreja. Entendemos ser a leitura do texto interessante especialmente para pessoas que gostariam de compreender as mudanças na vida da Igreja Metodista em função de Dons e Ministérios.

<sup>119</sup>Igreja Metodista: ação pedagógica... p.61.

Encontramos na tese de Odilon Chaves, sobre a Evangelização no Brasil, a afirmação de que ela deve trazer crescimento à Igreja:

Como protestantes, a Igreja Metodista não poderia ser diferente das demais Igrejas Evangélicas. A conversão, o aumento do número de membros é fundamental em qualquer Igreja Evangélica. O crescimento aqui, porém, não é só no sentido numérico. A compreensão acerca do crescimento é mais abrangente no metodismo. Implica também crescimento qualitativo... Uma igreja com um forte espírito missionário, com uma grande paixão evangelística, sob a dinâmica do Espírito, é uma Igreja que cresce e marca sua presença no mundo... Assim, a ênfase no crescimento numérico ou crescimento em espiritualidade não são isolados no metodismo brasileiro.<sup>120</sup>

A busca de uma Igreja como Comunidade Missionária a Serviço do povo é um desafio para a Igreja como um todo. Nossa compreensão da Evangelização passa pelos canais dos documentos da Igreja, da palavra dos Bispos, do desejos dos segmentos nacionais, regionais, distritais, etc.

Porém, não podemos em nenhum momento nos distanciar da igreja local, de suas necessidades e compreensão do próprio valor do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

É a partir do cotidiano nas comunidades locais que a missão acontece. Se não existir uma igreja local comprometida com a missão, a Evangelização será frustrada.

O tempo é de Bispos, pastores e pastoras, leigos e leigas assumirem a "paixão pelas almas" conforme afirmava Wesley, e redescobrir a vocação missionária proposta para esta Igreja.

---

<sup>120</sup>CHAVES, Odilon Massolar, *História da Evangelização no Metodismo Brasileiro*, SBCampo, Tese de Mestrado, Centro de Pós - Graduação- IMS, 1985. p.239.



Com a somatória da disposição de caminharmos diante da diversidade em busca da unidade, diante de uma visão clara sobre o que somos, o que temos e onde queremos chegar, a Igreja Metodista, continuará cumprindo seu papel histórico e justificará sua vocação e propósito de Deus para ser um "povo chamado metodista".

Temos a certeza de que este é o propósito de Deus para nossa Igreja expresso em sua Palavra:

Rogo-vos, pois eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda humildade e mansidão, suportando-vos uns aos outros em amor, **esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz**: há somente um corpo e um espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos. (Efésios 4.1-5)

E,

Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos, ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que **estais firmes em um só espírito, como uma só alma**, lutando juntos pela fé evangélica. (Filipenses 1.27)

## CONCLUSÃO

" O que podemos razoavelmente crer ser o desígnio de Deus, no surgimento dos pregadores metodistas? Não formar uma nova seita, mas sim para reformar a Nação particularmente a Igreja, e para difundir sobre a terra a santidade bíblica".

J.Wesley

Ao chegarmos ao final desta dissertação, pensar no significado da Evangelização nos anos 80, faz-nos refletir sobre alguns elementos importantes para a vida da Igreja Metodista.

Em nosso primeiro capítulo procuramos demonstrar, através da própria história da Evangelização, desde a sua chegada ao Brasil, que ela é marcada como de substituição.

Um valor está sobreposto a outro. Os católicos romanos evangelizaram os índios, impondo a eles uma nova religiosidade e uma nova forma de crer. Não aceitar custaria a própria vida. Aceitar custaria, sua identidade, cultura, espiritualidade, etc.

Com a chegada dos protestantes, o contexto ainda era marcado especialmente pela presença de índios e escravos, os sinais praticamente foram os mesmos, impondo aos "convertidos" ao catolicismo romano uma nova ordem de posturas e costumes.

Não foi diferente com a presença dos chamados pentecostais, que afirmaram aos tradicionais, sejam católicos ou protestantes, que o modelo de vida e de fé por nós praticado não era característico de Igrejas "convertidas", investindo especialmente na questão dos costumes.

Procuramos, também, apresentar definições que possam caracterizar a ação evangelizante da Igreja na América Latina e no Brasil, enfocando especialmente a Igreja Metodista.

Neste sentido, lembramos a definição oferecida pelo Plano para Vida e Missão da Igreja:

A evangelização como parte da missão é encarar o amor divino nas formas mais diversas da realidade humana para que Jesus Cristo seja confessado como Senhor, Salvador, Libertador e Reconciliador. A evangelização sinaliza e comunica o amor de Deus na vida humana e na sociedade através da adoração, proclamação, testemunho e serviço.<sup>1</sup>

A Evangelização acontece de fato quando a Igreja compreende sua tarefa, seu compromisso e sua ação dentro de uma realidade específica e verdadeira.

A Igreja Metodista desde sua origem procurou compreender o que significava anunciar as Boas Novas de Salvação frente à necessidade do ser humano em seu contexto de vida, seja político, social, econômico, religioso, etc.

Esta concepção do Plano para Vida e Missão da Igreja tem norteado os princípios da Evangelização na Igreja Metodista.

---

<sup>1</sup>Igreja Metodista. XIII Concílio Geral, *Plano Para Vida e Missão da Igreja*, Picacicaba (São Paulo), Ed. UNIMEP, 1982. p.28.

No segundo capítulo, mostramos, a partir das definições apresentadas inicialmente sobre a Evangelização, como a Igreja Metodista a entendia especialmente nos anos 80.

É importante lembrar que em meio à mudança de estrutura da Igreja, de cargos e poder, para Dons e Ministérios, estes conceitos sofrem mudanças também.

A partir do Concílio Geral de 87, e consolidando-se no Concílio Geral de 91, Dons e Ministérios contribui positivamente para à visão da Igreja onde deveria entender-se como "Comunidade Missionária a Serviço do povo".

Uma riqueza de material foi desenvolvida para melhor orientar a vida da Igreja, oferecendo subsídios para o entendimento desta nova dinâmica e suas conseqüências frente à tarefa evangelizante.

Mas muitas vezes as decisões acontecidas nos Concílios Gerais não chegavam à base da igreja, ou seja, às comunidade locais.

As mudanças ocorridas na vida da Igreja, desde os seus planos quadrienais, passaram por um documento marcante que é o Plano para Vida e Missão da Igreja - PVMI, e finalmente culminando com este novo momento na vida da Igreja, Dons e Ministérios.

Além disso, procura ajudar-nos a compreender o que significa trabalhar na missão de Deus, e define assim o PVMI:

(...) D) o que é trabalhar na missão de Deus? - é trabalhar para o Senhor num mundo espremido pelas forças do pecado e da morte, participando, como comunidade, com dons e serviços

para o nascer da vida... - é somar esforços com outras pessoas e grupos que também trabalham na promoção da vida...<sup>2</sup>

É nesta década que alguns momentos de tensão acabam por ajudar a Igreja a melhor compreender sua tarefa evangelizadora, entre eles o movimento conhecido como "renovação carismática", marcado no início dos anos 80 especialmente na Sexta Região Eclesiástica e mais presente na Primeira e Quinta Regiões eclesiásticas.

Estes movimentos forçaram, não somente o Colégio Episcopal, como as comunidades locais, a refletirem sobre a importância nas mudanças da estrutura da Igreja.

Por um lado, algumas pessoas sentiam que, com a perda do poder, cargos eletivos, e até mesmo o desfazer de alguns "feudos", o projeto Dons e Ministérios não atenderia às necessidades da Igreja Metodista.

No terceiro capítulo, nas notícias do *Expositor Cristão*, de membros e comunidades locais, encontramos toda forma de reação, contrária, a favor, preocupada, etc.

As ênfases na manutenção dos cargos sinalizaram a incapacidade de compreender o novo momento da Igreja e as possibilidades do tão esperado crescimento numérico da Igreja Metodista.

Embora o objetivo de nossa pesquisa esteja na compreensão do significado da pastoral da Evangelização na Igreja Metodista, um dos maiores clamores está em ver esta Igreja crescer também numericamente.

---

<sup>2</sup>Plano para Vida e Missão...p.14.

Desde o plano Quadrienal de 1978, onde a idéia era chegar a "100 mil" Metodistas, o lema do quadriênio era "Unidos pelo Espírito, Metodistas Evangelizam".

Hoje, segundo as estatísticas de 1991 apresentadas pelo Colégio Episcopal, chegamos aproximadamente a 82 mil membros. É preciso destacar que após a implantação da Igreja de Dons e Ministérios, ela vem encontrando mesmo, que lentamente, o caminho do tão esperado crescimento numérico.

A visão da Evangelização nos anos 80 sofre algumas alterações especialmente diante do contexto histórico deste período. Em nosso primeiro capítulo procuramos enfatizar o forte aspecto na concepção da compreensão do Evangelho que chegou a ser conhecido como "social". Esta leitura do Evangelho na vida da Igreja sofreu forte influência da Teologia da Libertação.

Esta influência assim chamada, Teologia da Libertação, gera várias polêmicas na vida das igrejas locais. No terceiro capítulo da nossa dissertação, encontramos várias citações do descontentamento com esta forma de se fazer teologia e da aceitação da visão do social e da opção preferencial de Deus pelos pobres, como forma correta do conceito da Evangelização.

As igrejas especialmente com ênfase mais carismática reagem com a pregação da "salvação espiritual", e em alguns aspectos, especialmente, na prática do exorcismo e do ministério de Curas.

O Colégio Episcopal teve durante todo período o grande desafio de levar a Igreja a caminhar na unidade diante de tantas diversidades, e fortalecer o seu clero, no sentido de promover a mesma unidade nas igrejas locais.

As mudanças ocorridas no decorrer dos anos 80 ainda estão surtindo efeito na vida da Igreja Metodista.

É fundamental a compreensão da vida desta Igreja e dos desafios de ser a nossa Igreja de fato uma Comunidade Missionária a Serviço do Povo. Mais do que um "slogan", deve ser um estilo de igreja e uma forma de ver a necessidade de assumir os valores do Reino de Deus e da Evangelização.

O tempo é de cumprir a nossa vocação, de "espalhar a santidade bíblica", mas sem nos esquecermos de "reformatar a nação" a partir das reformas da "Igreja".

A Igreja Metodista desenvolve sua tarefa evangelizante dentro de um contexto social e histórico. É fundamental percebermos a conjuntura que nos cerca, e a partir dela criarmos uma estratégia de atendimento ao homem e mulher dos nossos dias, numa evangelização integral e em todas as suas necessidades.

(...) 1. reafirmamos a necessidade de sermos uma "Igreja de Dons e Ministérios". "Dons e Ministérios não é um programa para que o abandonemos por outro que nos pareça eficiente. É, na verdade, um movimento; um movimento fruto da ação do Espírito no interior da Igreja; é na verdade, um movimento nascido a partir de Pentecostes no seio da Igreja Primitiva. (...) 2. Reafirmamos a diversidade de ministérios. Conforme o ensino de Paulo, "O Espírito é o mesmo, mas os dons são diversos" (Rm 12.6, I Co 12.4). Há numa Igreja de Dons e Ministérios a necessidade de manter viva três ênfases bíblicas muito claras, que são: a) unidade de dons e ministérios, b) diversidade de dons e ministérios, c) conexão e mutualidade dos dons e ministérios.<sup>3</sup>

A Igreja deve caminhar na dinâmica da Vida e Missão e sem dúvida alguma num compromisso de entender sua vocação e seu chamado.

---

<sup>3</sup>IGREJA METODISTA. *Atas e Documentos do XV Concílio Geral*, Juiz de Fora, MG, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1991, p.81.

Creemos que ao analisarmos os documentos da nossa Igreja, seus relatos do viver diário, somos parte de uma Igreja extraordinariamente bem preparada. O importante é permitirmos o soprar do Espírito, e entendermos nosso papel nesta tarefa evangelizadora.

Nossa esperança é que a Igreja Metodista valorize sua identidade como Igreja, que seus membros, clérigos e leigos, compreendam o significado profundo de uma Igreja de Dons e Ministérios, e a partir disto possam realizar esta tarefa de uma Evangelização integral, cumprindo o maior imperativo de Jesus, "Ide por todo mundo e pregai".

Cabe a nós respondermos como o profeta Isaías: "Eis-me aqui, envia-me a mim..."



## BIBLIOGRAFIA

1. AGENTES DA MISSÃO. *A Igreja dos Dons e Ministérios - A visão dos Bispos*, Piracicaba (SP), Ed. Agentes da Missão, 1991. 48p.
2. AGOSTINI, Nilo. *Nova Evangelização e Opção Comunitária, Conscientização e Movimentos populares*, Petrópolis (RJ), Ed. Vozes, 1990. 247p.
3. BARBIERI, Sante Umbero. *Aspectos do Metodismo Histórico*, Piracicaba (SP), Ed. Unimep, 1983. 32p.
4. BARRIENTOS, Alberto. *Principios y Alternativas de Trabajo Pastoral*, San José, Costa Rica, Ed. Caribe, 1982. 362p.
5. BARTH, Gunther. *Evangelização no Brasil Hoje*, São Paulo, Ed. Centro Ecumênico de Documentação e Informação, S/Data, 85p.
6. BLAUW, Johannes. *A Natureza Missionária da Igreja*, São Paulo, Ed. Aste, 1966. 179p.
7. BOFF, Leonardo. *América Latina: Da Conquista à Nova Evangelização*, São Paulo, ed. Ática, 1992. 142p.
8. \_\_\_\_\_. *Nova Evangelização na Perspectiva dos Oprimidos*. Fortaleza (CE), Ed. Vozes, 1990. 126p.

9. BONINO, José Miguez. *Metodismo: Releitura Latino-Americana*, Piracicaba (SP), Ed. Editora Unimep e Faculdade de Teologia da Igreja Metodista do Brasil, 1983. 65p.
10. \_\_\_\_\_. "et alli". *Luta pela Vida e Evangelização*, SP, Ed. Paulinas e UNIMEP, 1985. 303p
11. BUYERS, Paul Eugene. *História do Metodismo*. São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1945. 472p.
12. CAMARGO, Gonzalo Baéz. *Gênio e Espírito do Metodismo Wesleyano*. São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1986. 83p.
13. CASTRO, Clóvis Pinto de. *Igreja Metodista: Ação Pedagógica do Colégio Episcopal na Implantação de um Novo Modelo de Igreja Organizada em Dons e Ministérios*, Tese de Mestrado, UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1992. 149p.
14. CASTRO, Emílio. *Hacia Una Pastoral Latinoamericana*, San José, Costa Rica, Publicaciones INDEF, Ed. Caribe, 1974. 156p.
15. \_\_\_\_\_. *Pastores Del Pueblo de Dios*, Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1974. 191p.
16. \_\_\_\_\_. (Diretor), *Missão e Evangelização: uma afirmação Ecumênica*, RJ, Ed. CEDI, 1983. 40p.
17. CAVALCANTI, Robson. *A Utopia Possível, em Busca de um Cristianismo Integral*, Venda Nova (MG), Ed. Ultimato, 1993. 174p.
18. CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano, *Uma Nova Evangelização em Uma Nova Cultura*, Elementos para uma reflexão

pastoral em preparação \_ IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, São Paulo, Ed. Loyola, 1992. 165p.

19. CÉSAR, Ely Eser Barreto, *O Uso da Bíblia na Prática de Nosso Ministério*, Piracicaba (SP), Ed. Agentes da Missão, 1988. 59p.
20. \_\_\_\_\_. *Luz e Direção para o Caminho*, (Estudos Bíblicos), Piracicaba(SP), Ed. Agentes da Missão, 1988. 176p
21. \_\_\_\_\_.(Coordenador), *Manual Missionário do Povo Metodista*, Piracicaba (SP) Ed. Agentes da Missão, 1988. 89p.
22. \_\_\_\_\_. *A Prática Pedagógica de Jesus Fundamentos de uma Filosofia Educacional (Estudos Bíblicos)*, Piracicaba (SP),Ed. Agentes da Missão e COGEIME, 1991. 79p.
23. \_\_\_\_\_. "et alii" *Situações Missionárias na Bíblia*, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista e Editeo, 1991. 79p.
24. CHAVES, Odilon. *A Evangelização Libertadora de Jesus*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1985. 83p.
25. \_\_\_\_\_. *Dons, Ministérios e Santidade*, RJ, Ed. Revista da Cidade Gráfica e Editora Ltda., 1989. 31p
26. \_\_\_\_\_. *História da Evangelização no Metodismo Brasileiro*, Tese de Mestrado, Centro de Pós- Graduação, IMS, São Bernardo do Campo, 1985. 243p.
27. CIAN, Luciano. *Caminho para a Maturidade e a Harmonia*, Petrópolis, Ed. Vozes. 1990. 446p.

28. CIEMAL. *La Evangelizacion y el Reino de Dios*, Chile, Ed. Ciemal, 1987. 155p.
29. CLAI, Síntese da Memória do Encontro Continental, *Martírio e Esperança*, Cochabamba, Bolívia, 1992, Equador, Ed. Clai, 1993, 122p.
30. *Missão e Evangelização*, produzido pela comissão de Missão e Evangelização do CMI, São Paulo, Imprensa Metodista e Ciências da Religião, 1985. 109p.
31. \_\_\_\_\_. - *Venga tu Reino, Perspectivas Misioneras*, Salamanca, Ediciones Sígueme, 1982.349
32. COMBLIM, J. *Jesus Cristo e sua Missão, Breve Curso de Teologia*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985, 256p. tl.
33. \_\_\_\_\_. *A Igreja e Sua Missão no Mundo, Breve Curso de Teologia*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1985, 330p. tIII.
34. \_\_\_\_\_. *Teologia da Missão*, Petrópolis (RJ), Ed. Vozes, 1980. 94p.
35. COSTAS, Orlando E. *La Iglesia y su Mision Evangelizadora*, Buenos Aires,Ed. La Aurora, 1971. 123p.
36. \_\_\_\_\_. *Evangelizacion Contextual, Fundamentos Teológicos y Pastorales*, San José, Costa Rica, Ed. SEBILA, 1986. 119p.
37. \_\_\_\_\_. *Hacia Una Teologia de la Evangelizacion*, Buenos Aires, Ed. La Aurora, 1973. 306p.

38. \_\_\_\_\_. *Compromiso y Mision, Una Reflexion Sobre la Mision de La Iglesia en este Mundo de Incertudumbre en que Vivimos*, San José, Costa Rica, Editorial Caribe, 1979. 159p.
39. COOK, Guilherme. *Profundidad En la Evangelizacion*, San José, Costa Rica, Publicaciones INDEF, 1975. 125p.
40. \_\_\_\_\_. *Evangelização e Comunicação*, Venda Nova(MG), Ed. Betânia, 1980. 198p.
41. DAYTON, R. Edward & FRASER, David A., *Planning Strategies For World*, Micgigam, USA, Willam B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids. 1980. 537p
42. \_\_\_\_\_. *O Desafio da Evangelização do Mundo, Uma Contribuição Metodológica*, Belo Horizonte (MG), Ed. Visão Mundial, 1982, 96p.
43. DUQUE, José, (editor), *La Tradicion Protestante en la Teologia Latinoamericana*, primer intento: lectura de la tradicion Metodista, San José, Costa Rica, Ed. DEI, 1983. 362p.
44. ENGLISH, Donald, *Discipulado Cristão, o caminho difícil*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1978. 63p.
45. ENSLEY, Francis Gerald. *João Wesley o Evangelista*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1992. 78p.
46. *EVANGELIZAÇÃO, No Presente e no Futuro da América Latina*, Conclusões da Conferência de Puebla, São Paulo, Ed. Paulinas, 1979. 449p.

47. FLORISTAN, Casiano & TAMAYO, Juan-Jose. *Conceptos Fundamentales de Pastoral*, Madrid, Ed. Cristandad, 1983. 1053p.
48. FORTE, Bruno. *A Missão dos Leigos*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1987. 99p.
49. FOX, Eddie H & MORRIS, George E. *Anunciemos o Senhor, A Evangelização na Virada do Século*, São Paulo, Imprensa Metodista, 1994. 192p
50. GALILEA, Segundo. *Responsabilidade Missionária da América Latina*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983. 84p.
51. \_\_\_\_\_. *Evangelizar os Pobres*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1978. 114p.
52. GARCIA, Paulo Roberto. “et alli”, *Situações Missionárias na Bíblia*, Ed. Imprensa Metodista e EDITEO, São Bernardo do Campo. 1991. Texto de Paulo Roberto Garcia, baseado em Atos 11.19-26. 80p.
53. GATTINONI, Carlos T. *Principios del Movimiento Metodista*, Buenos Aires, Ed. “SERVIR”, 1982. 162p.
54. HAUCK, João Fagundes & HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja o Brasil*, Petrópolis(RJ), Ed. Vozes, 1979. 442p tll.
55. \_\_\_\_\_. *História da Igreja no Brasil*, Petrópolis (RJ), Ed. Vozes, 1980. 322p. tll/2.
56. HINSOR, William J. *A Dinâmica do Pensamento de Wesley*, São Bernardo do Campo, Ed. Faculdade de Teologia e Imprensa Metodista, s/d, 51p.

57. JONES, E. Stanley. *Enfermidades Curas e o Espírito Santo*, São Paulo, Ed. Sede Geral Igreja Metodista, 1989. 39p.
58. \_\_\_\_\_. *Orar como Jesus Orou...*, São Bernardo do Campo. Ed. I.M.S. - Setor Episcopal, 1990. 38p.
59. JOSGRILBERG, Rui & REILY, Duncan Alexander, *Dons e Ministérios - Fontes e Desafios*, Coleção Dons e Ministérios, Piracicaba (SP), Ed. Agentes da Missão, 1991. 54p.
60. LENZ, M.M. "et alli", *Evangelização no Brasil Hoje, Conteúdo e Linguagem*, São Paulo, Ed. Loyola, 1976. 149p.
61. LIBÂNIO, João Batista, "et alli", *América Latina: 500 anos de Evangelização*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1990. 280p
62. LINTHICUM, Robert. *A Transformação da Cidade*, Teoria e Prática da Evangelização Urbana, Minas Gerais, Missão Editora, 1990. 156p.
63. \_\_\_\_\_. *Cidade de Deus, Cidade de Satanás*, uma Teologia Bíblica nos Centros Urbanos, Belo Horizonte (MG), Missão Editora, 1993. 387p.
64. LENDOÑO, Alexandre, S.J. *Evangelização e Politização à Luz de Puebla*, São Paulo, Ed. Loyola, 1986. 59p.
65. LOPEZ, Moisés. "et alli", *Martírio e Esperança, Reflexões Bíblicas sobre os 500 Anos*, Equador, Ed. CLAI, 1992. 143p
66. MARINS, José, "et alli", *América Latina Missionária, Sair ou Ficar?* São Paulo, Ed. Paulinas, 1984. 250p.

67. MATTOS, Paulo Ayres, *Pastoral Metodista, Ontem, Hoje, Amanhã*, São Bernardo do Campo, Ed. IMS/Faculdade de Teologia, 1987.26p
68. MESTERS, Frei Carlos. OC. *A Bíblia na Nova Evangelização*, Cadernos da CRB, Rio de Janeiro, CRB Publicações, 1990. 60p.
69. SUNG, JUNG MO, *Teologia e Economia - Repensando a Teologia da Libertação e Utopias*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1994. 270p.
70. \_\_\_\_\_. *Deus Numa Economia Sem Coração - Pobreza e Neoliberalismo: Um Desafio à Evangelização*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1992. 143p
71. \_\_\_\_\_. *A idolatria do Capital e a Morte dos Pobres*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1989. 152p
72. NIEBUHR, H. RICHARD. *Cristo e Cultura*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1967. 294p.
73. OLIVEIRA, Clory Trindade, “et alli,” *Situações Missionárias na História do Metodismo*, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista e EDITEO, 1991. 60p
74. PEPE, C. “et alli”, *A Missão A Partir Da América Latina*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1983. 190p.
75. REILY, Duncan A. *Momentos Decisivos do Metodismo*, coleção Metodismo, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, 1991. 143p.
76. \_\_\_\_\_. *Metodismo Brasileiro e Wesleyano*, Ed. Imprensa Metodista, São Bernardo do Campo, 1981. 230p.



77. \_\_\_\_\_. "et alli", *Ensaio, História Metodismo Libertações*, São Bernardo do Campo, Ed. Editeo, 1990. 192p.
78. RUIZ, Carlos. *Evangelización y Tradición Cristiana Evangelización y Reino de Dios, Derecho Prostituido?*, Revista para una Pastoral Nicaragüense, Managua, Ed. CIEETS, 1992. 172p. No. 03/92
79. SALVADOR, José Gonçalves. *História do Metodismo no Brasil*, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, 1982. 306p.
80. SANTA ANA, Julio. *O Amor E As Paixões - Crítica Teológica à Economia Política*. São Paulo, Ed. Aparecida, 1989. 176p
81. SANT'ANA, Romilde dos Santos, *Cartilha para o Agente Mirim*, Piracicaba (SP), Ed. Agentes da Missão, 1988. 64p.
82. SANTEE, Derrel H. *Manual de Evangelização*, Igreja Metodista, Conselho Geral, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, 1980. 63p.
83. SCHILLING, Paulo R., *Dívida Externa, Fuga de Capitais e Custos Sociais*, São Paulo, Ed. Centro Ecumênico de Documentação e Informação -CEDI, 1990. 44p
84. \_\_\_\_\_. et alli, *Conversão da Dívida Externa e Meio Ambiente*, São Paulo, Ed. CEDI, 1991. 95p
85. \_\_\_\_\_. *Mercosul, Integração ou Dominação*, São Paulo, Ed. CEDI, 1992. 203p
86. \_\_\_\_\_. *Brasil: A Pior Distribuição de Renda do Planeta - Os Excluídos*. São Paulo, Ed. CEDI, 1994. 91p.

87. \_\_\_\_\_. *O Fim Da História ou O Colapso da Modernização?* São Paulo, Ed. CEDI, 1994. 84p.
88. SEGNA, Egidio Vittorio. *Análise Crítica do Catolicismo no Brasil, e Perspectivas Para Uma Pastoral De Libertação*, Petrópolis (RJ), Ed. Vozes. 1977. 156p.
89. SENIOR, Donald (C.P.) & STUHLMUELLER, Carroll (C.P.). *Os Fundamentos Bíblicos Da Missão*, São Paulo, Ed. Paulinas, 1987. 494p.
90. SILVA, Geoval Jacinto. *Los Aspectos Pastorales de Las Cartas Del Apocalipsis de Juan, Implicaciones Teológico - Pastorales Desde América Latina*, Tese Doutorado, Madrid, Salamanca, 1988. 475p.
91. \_\_\_\_\_. "et alli", *A Busca de Linhas Específicas de Evangelização*, Texto: Espiritualidade na Missão, Material preparatório para o Encontro Nacional de Pastores e Pastoras Metodista, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1984. 36p.
92. SNYDER, Howard A. *The Radical Wesley & Patterns For Church Renewal*, Michigan, USA, Ed. Francis Asbury Press, 1980. 189p.
93. SUESS, Paulo, (Org.), *Culturas e Evangelização*, São Paulo, Ed. Loyola, 1991. 259p.
94. STEUERNAGEL, Valdir R. (Org). *A Missão Da Igreja, Uma Visão Panorâmica Sobre Os Desafios E Propostas De Missão Para A Igreja Na Antevéspera Do Terceiro Milênio*, Belo Horizonte (MG), Missão Editora, 1994. 411p.

95. WALKER, Alan. *The Many Sided Cross Of Jesus*, Ireland, Canadá, Ed. Abingdon Press, 1979. 111p.
96. \_\_\_\_\_. *The New Evangelism*, Ireland, Canadá, Ed. Christian Journals Limited, 1977. 112p.
97. WINTER, Ralph D. & HAWTHORNE, Steven C. *Missões Transculturais - Uma Perspectiva Bíblica*, São Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1987. 162p.
98. \_\_\_\_\_. *Missões Transculturais - Uma Perspectiva Estratégica*, São Paulo, Ed. Mundo Cristão, 1987. 1040p.

#### **Documentos da Igreja Metodista**

99. *Cânones da Igreja Metodista*, 1971 , São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1971. 201p
100. *Cânones da Igreja Metodista*, 1978, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1978. 110p
101. *Cânones da Igreja Metodista*, 1982, São Paulo. Ed. Imprensa Metodista, 1982. 256p
102. *Cânones da Igreja Metodista*, 1988, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1988. 352p

103. Colégio Episcopal, Igreja Metodista. *Pastoral Sobre a Doutrina do Espírito Santo, e o Movimento Carismático*, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, 1980. 47p.
104. Colégio Episcopal. *Vida e Missão*, decisões do XIII Concílio Geral da Igreja Metodista (18-28/07/82) e Credo Social da Igreja Metodista, Piracicaba (São Paulo), Ed. Editora Unimep, 1982. 62p.
105. Colégio Episcopal. *Pastoral da Família*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1980. 32p.
106. Colégio Episcopal. *Orientações Pastorais sobre o Uso dos Dons do Espírito e outras Práticas*, São Paulo, Ed. Sede Geral, 1989. 22p.
107. Colégio Episcopal. *Carta do Colégio Episcopal a Igreja Metodista, Servos(as) Sábios(as) Santos(as) Solidários (as)*, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista e IMS, 1989. 36p.
108. Colégio Episcopal. *Igreja Ministerial, Desafios e Oportunidades*, São Bernardo do Campo, Imprensa Metodista, 1991. 59p.
109. Colégio Episcopal. *Igreja: Comunidade Missionária a Serviço do Povo*, Reflexões e Documentos, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1991. 102p.
110. IGREJA METODISTA , *Atas e Documentos, XII Concílio Geral*, Igreja Metodista, 1978, Ed. Imprensa Metodista, São Bernardo do Campo, 1978. 139p.
111. IGREJA METODISTA, *Atas e Documentos, XIII Concílio Geral*, Igreja Metodista, 1982, Belo Horizonte. 149p.

112. IGREJA METODISTA, *Atas e Documentos, XV Concílio Geral*, Igreja Metodista, Juiz de Fora, MG, 1991, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1991. 184p
113. IGREJA METODISTA, Conselho Geral da Igreja Metodista. *Plano Quadrienal 1979-1982*, São Paulo, Ed. Imprensa Metodista, 1978. 48p.
114. IGREJA METODISTA, Conselho Geral. *Ênfases Metodistas no Ministério Pastoral*, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, 1980. 62p.
115. IGREJA METODISTA, Conselho Geral da Igreja Metodista, *Relatório Preparatório para o XIV Concílio Geral*, não editado. Material próprio.
116. IGREJA METODISTA, *Plano de Ação Pastoral Regional, Terceira Região Eclesiástica, Igreja; Comunidade Missionária a Serviço do Povo, por meio do Exercício de Dons e Ministérios*, São Bernardo do Campo, Ed. EDIMS, 1992, 62p.
117. *Ritual da Igreja Metodista 1990*, Normativas, Normas do Ritual, Credos, Liturgias, Ed. Imprensa Metodista, São Paulo, 1990. 112p

## **JORNAL**

118. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1980.

119. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1981.
120. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1982.
121. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. SBcampo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1983.
122. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1984.
123. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. SBcampo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1985.
124. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1986.
125. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1987.
126. EXPOSITOR CRISTÃO, O jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1988.
127. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1989.
128. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1990.
129. EXPOSITOR CRISTÃO, O Jornal Metodista. São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, ano de 1991.